



Revelations

a Blue Bloods novel

MELISSA DE LA CRUZ



Revelations

Blue Bloods 3

Melissa De La Cruz

Alguma vez você já se perguntou, que segredos se escondem por trás das portas fechadas das famílias mais ricas de New York? Eles são poderosos, eles são famosos...eles são mortos vivos.

O legado de sangue de Schuyler Van allen acaba de ser posto em causa - é a jovem vampiro, de fato, uma Blue Blood, ou é um sinistro Silver Blood que corre em suas veias? Como controversos redemoinhos, Schuyler fica encalhada na casa dos Forces, presa sob o mesmo teto que sua esperta inimiga, Mimi Force, e sua paixão proibida, Jack Force.

Quando um dos portões do inferno é violado por um Silver Blood no Rio de Janeiro, contudo, os Blue Bloods terão Schuyler ao seu lado. As portas são altas, a batalha é sangrenta, e entre tudo isso, raiva sob Carnavale. E no fim, a identidade secreta de um vampiro será exposta em uma revelação que chocará todos.

Créditos

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>]

Tradutora: Ellen

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=13794627633389558575>]

Tradutora: Samanatha

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8330162855961707203>]

Tradutora: Tamires

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=15876055943841653026>]

Tradutora: Carol

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8767032667957141107>]

Tradutora: Bih

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2800361909866844646>]

Tradutora: Juh

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=14757223231165102766>]

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>

*Para Mike e Mattie, sempre e para Stephen Green e Carol Fox, meus “antigos”
fans.*

O maior teste de coragem é suportar a derrota sem desanimar.

—Robert G. Ingersoll

Oh! Você era um vampiro e eu nunca pude ver a luz.

—Concrete Blonde, "Bloodletting"

Agora a Guerra surgiu no paraíso.

Michael e os anjos lutando contra o dragão; e o dragão e seus anjos batalhavam, mas foram derrotados e não havia mais nenhum lugar para eles no céu... “Mas desgrça para você, Oh! Terra e mar, pois o diabo desceu a você em grande fúria, porque ele sabe que seu tempo esta curto!”

—Revelation 12:7-12

A BATALHA DO CORCOVADO

Ela olhou para cima e viu Lawrence apertado em uma luta feroz com seu adversário. Sua espada caiu no chão. Acima dele apareceu à branca, brilhante presença. Era tão brilhante que foi ofuscante, como olhar para o sol. Era o portador da luz. A estrela da manhã. Seu sangue gelou.

“Schuyler!” A voz de Oliver era rouca. “Mate ele!”

Schuyler levantou a espada da sua mãe, viu ela cintilando no luar, uma lança longa, pálida, mortal. Levantada na direção do inimigo. Correu com toda sua força e empurrou sua arma em direção a seu coração.

E perdeu.

ARQUIVO DE GRAVAÇÕES AUDITIVO:

Repositório de história.

DOCUMENTO CLASSIFICADO:

Apenas libertação Altithronus

Transcrição do relatório arquivado Venator 1/5

«som chiando, então um ruído audível.»

Eu tenho garantido posição na área do alvo e começarei a investigação em morte por consumo de Augusta Carondolet. A vítima foi encontrada totalmente drenada em New York na boate, The Bank. As seguintes pessoas de interesse estavam na área na noite do ataque:

Schuyler Van Alen: Mestiça, pai mortal sem distinção; Mãe: Allegra Van alen (Gabrielle); Quinze anos de idade.

Bliss Llewellyn: Ciclo, filha do senador Forsyth Llewellyn; registros de nascimento indicam mãe sem nome (isso está correto?); Quinze anos de idade.

Madeleine Force: Ciclo, filha de Charles Force (Michael) e Trinity Burden Force, dezesseis anos de idade. Irmão gêmeo Benjamin Force também nos arredores na noite de 09/12, ainda não foi removido da lista de suspeitos que confirmou que ele havia deixado o lugar antes do ataque. Situação extremamente delicada quando este suspeito é filha do atual Regis. Não revelar a lista de suspeito para o Regis até completamente confirmada.

Suspeito primário, Dylan Ward, ainda em liberdade; Paradeiro: desconhecido.

Capítulo 01

No início da manhã amargamente fria no final de Março, Schuyler Van Alen, se deixou entrar as portas de vidro da escola Duchesne, se sentindo aliviada quando ela caminhou rápido entre o alto teto cilíndrico – a entrada dominada por um imponente retrato de John Singer Sargent dos fundadores da escola. Ela manteve o capuz do seu parka* adornado de pele sobre seu grosso cabelo escuro, preferindo o anonimato em vez dos cumprimentos casuais trocados por outros estudantes.

Era estranho pensar na escola como um refugio, um escape, um lugar que ela procurava ir. Por muito tempo, Duchesne, com seu chão de mármore brilhante e envolvente vista do Central Park, não tinha sido menos que uma câmara de tortura. Ela temia subir a grande escadaria, se sentia miserável e irritada em suas salas de aula, e conseguia até mesmo menosprezar o vistoso mosaico de ladrilho no chão do refeitório.

Na escola Schuyler muitas vezes se sentia feia e invisível, embora seus profundos olhos azuis e delicadas características de boneca Dresden* desmentiam isso. Toda sua vida, seus ricos colegas de classe tinham a tratado como uma aberração, uma excluída – desprezada e intocável. Mesmo que sua família fosse um dos nomes mais antigos e mais ilustres da história da cidade, os tempos haviam mudado. Os Van Alens, uma vez um clã de orgulho e de prestígio, tinha recuado e enfraquecido ao longo dos séculos, de modo que eles estavam praticamente extintos. Schuyler era um dos últimos.

Por um tempo, Schuyler teve esperança que o retorno do seu avô do exílio, mudaria isso – que a presença de Lawrence em sua vida significaria que ela não estava mais sozinha. Mas essas esperanças foram frustradas quando Charles Force a levou longe da surrada mansão, em Riverside Drive, o único lar.

*Eu não faço idéia do que seja essa boneca, mas enfim...pelo que vi Dresden é uma cidade na Alemanha ;x

Ela nunca soube.

“Você vai ser mover ou eu tenho que fazer alguma coisa sobre isto?”

Schuyler se assustou. Ela não tinha notado que estava de pé embriagada em frente ao seu armário e o único sobre ele. Os sinos sinalizando o início do dia estavam ressoando descontroladamente. Atrás dela estava Mimi Force, sua nova companheira de casa. Não importa o quão fora de lugar Schuyler se sentia na escola, o frio do ártico nem se comparava a o dia-a-dia na base dos Forces a grande residência ao lado do museu Metropolitan. Na Duchesne, ela não tinha que ouvir Mimi resmungando sobre ela a cada segundo do dia. Ou pelo menos acontecia há algumas horas. Não é de se estranhar que a Duchesne parecia tão acolhedora ultimamente.

Mesmo que Lawrence Van alen fosse agora Regis, presidente dos Blue Bloods, ele tinha sido

incapaz para parar o processo de adoção. O código dos vampiros estipulava uma adesão estrita às leis humanas, para manter os Blue Bloods seguros do escrutínio desnecessário. Em seu testamento, a avó de Schuyler tinha declarado ela uma menor emancipada, mas em um movimento astuto, os advogados de Charles Force tinham contestado suas doutrinas na corte Red Blood. A corte resolveu a seu favor, e Charles tinha sido nomeado o executor dos bens, ganhando Schuyler como parte do pacote.

“Bem?” Mimi ainda estava esperando.

“Oh. Uh. Descupe,” Schuyler disse, pegando um livro didático e se movendo para o lado.

“Desculpa está certo,” Mimi estreitou seus olhos verdes esmeralda e deu a Schuyler um olhar de desprezo. O mesmo olhar que ela tinha dado a Schuyler do outro lado da mesa de jantar na noite passada, o mesmo olhar que ela tinha dado a Schuyler quando elas tinham trombado uma na outra no corredor de manhã. O olhar disse: O que você está fazendo aqui? Você não tem o direito de existir.

“O que eu fiz pra você?” Schuyler sussurrou, enfiando seu livro em sua bolsa de lona desgastada.

“Você salvou a vida dela!”

Mimi olhou para a ruiva impressionante que tinha falado.

Bliss Llewellyn, Texana transferida e antiga acólita de Mimi, olhou para trás. As bochechas de Bliss estavam vermelhas como seu cabelo. “Ela salvou sua pele em Veneza, e você não tem sequer a decência de ser grata!” Uma vez, Bliss tinha sido à sombra de Mimi, feliz em seguir ela em todo diretivo, mas a confiança tinha terminado entre as duas ex amigas desde o ultimo ataque do Silver Blood, quando Mimi foi revelada como uma propensa, se ineficaz, conspiradora. Mimi havia sido condenada a queimar, até que Schuyler veio em seu auxilio no julgamento de sangue.

“Ela não salvou minha vida. Ela apenas disse a verdade. Minha vida nunca esteve em perigo,” Mimi respondeu enquanto ela corria uma escova prata em seu fino cabelo.

“Ignore ela,” Bliss disse a Schuyler.

Schuyler sorriu, se sentindo mais corajosa agora que ela tinha ajuda. “É difícil de fazer. É como fingir que o aquecimento global não existe.” Ela pagaria por esse comentário depois, ela sabia. Haveria pedras em seu cereal matinal. Pichado preto em seu lençol. Ou o mais novo inconveniente - o desaparecimento de mais um de seus pertences diminuindo rapidamente. Já estava faltando o medalhão da sua mãe, suas luvas de couro, e uma cópia experimental do velho e querido Kafka, inscrito na primeira página com as iniciais “J. F.”

Schuyler seria a primeira a admitir que o segundo quarto de hóspedes da mansão Force (o primeiro ficou reservado para visitas dignas) dificilmente era o armário sob as escadas. Seu quarto estava lindamente decorado e suntuosamente mobiliado com tudo que uma garota pode querer: uma cama de quatro colunas Queen size¹ com um fofo edredom, armário cheio de roupas de grife, um sofisticado centro de entretenimento, dezenas de brinquedos para a

Beauty, seu cão de caça, e um novo MacBook Air² leve como uma pena. Mas se sua nova casa era rica em dons matérias, faltava o antigo charme.

Ela sentia falta do seu antigo quarto, com seu Mountain Dew³ – paredes amarelas e a mesa bamba. Sentia falta de Hattie e Julio, que estava com a família desde que ela era uma criança. Ela sentia falta do seu avô é claro. Mas acima de tudo, ela sentia falta da sua liberdade.

“Você está bem?” Bliss perguntou, cutucando ela. Schuyler tinha retornado de Veneza com um novo endereço e um inesperado aliado. Enquanto ela e Bliss tinham sido amigáveis, agora elas eram quase inseparáveis.

“Sim. Estou acostumada. Eu poderia pegar ela em uma luta engaiolada.” Schuyler sorriu. Vendo Bliss na escola era um dos pequenos alívios de felicidade que a Duchesne oferecia. Ela pegou de volta as sinuosas escadarias, seguindo o fluxo de pessoas que iam na mesma direção, quando pelo canto do seu olho ela viu o brilho vazio e soube. Era ele. Ela não tinha que olhar para saber que ele estava entre a multidão de estudantes caminhando de modo oposto. Ela sempre poderia senti-lo, como se seus nervos estivessem bem – receptores de antenas direcionado que pegasse sempre que ele estivesse perto. Talvez isto fosse o vampiro nela, lhe dando a capacidade de dizer quando outro estava por perto, ou talvez não tinha nada a ver com seus poderes sobrenaturais em tudo.

Jack.

Seus olhos estavam concentradas em frente, como se ela nunca visse ela, nunca registrando sua presença. Seu elegante cabelo loiro, o mesmo tom translúcido como o da sua irmã, estava penteado para trás da sua arrogante testa; e ao contrario dos outros rapazes ao redor dele, vestidos em diferentes graus de desleixos, ele parecia majestoso em um blazer e gravata. Ele era tão bonito que era difícil para Schuyler respirar. Mas assim como na residência – Schuyler se recusa a chama-la de casa – Jack a ignorou.

Ela roubou mais um olhar em seu caminho e, em seguida, correu pelas escadas. Glass já tinha começado quando ela chegou. Schuyler tentou ser o mais discreta possível, enquanto andava, por habito, em direção aos lugares pela janela. Oliver Hazard-Perry estava sentado ali, curvado sobre seu caderno.

Mas ela se surpreendeu apenas na hora e se moveu através da sala para se sentar próxima ao radiador tinindo, sem falar Oi para seu melhor amigo.

Chalés Force havia deixado claro: agora que ela estava sob seu teto, ela teria que seguir suas regras. A primeira regra era que Schuyler estava proibida de ver seu avô. As animosidades entre Charles e Lawrence eram profundas, e não apenas por Lawrence ter deslocado a posição de Charles no Conclave.

¹ http://www.enxovaisbernadete.com.br/fotos/sevilha_cama.jpg

² O MacBook Air é um Macintosh notebook, da Apple.

³ bebida produzida pela Pepsi

“Eu não quero que ele encha sua cabeça com mentiras,” Charles havia lhe dito. “Ele pode governar o coven, mas ele não pode na minha casa. Se você me desobedecer, eu prometo que você vai se arrepender.”

A segunda regra dos Forces, era que ela estava proibida de se associar com Oliver. Charles estava enfurecido quando ele descobriu que Schuyler tinha feito Oliver (seu conduit designado) seu humano familiar. “Primeiro de tudo, você é muito jovem. Segundo, isso é anátema. Desagradável. Conduits são servos. Eles não são – eles não cumprem os serviços de familiares. Você deve pegar um humano imediatamente, e cortar relações com este rapaz.” Se pressionada, ela relutantemente admite que Charles estava certo. Oliver era seu melhor amigo, e ela havia marcado ele como seu próprio, tinha tomado seu sangue entre os dela, e havia tido conseqüências em suas ações. Às vezes, ela desejava que pudessem voltar a ser como eram antes de tudo se tornar tão complicado.

Schuyler não tinha idéia de por que Charles ligaria de quem ela fazia seu familiar, de qualquer forma, desde que os Forces tinham acabado com a pratica antiquada de manter conduits humanos. Mas ela seguiu as regras á risca. Tanto quanto qualquer um podia ver, ela não teve absolutamente nenhum contato com Lawrence, e tinha se privado de executar o beijo sagrado com Oliver.

Haviam tantas coisas em sua nova vida que ela poderia fazer, ou não.

Mas haviam alguns lugares onde as regras não se aplicavam. Em algum lugar que Charles não tinha poder. Algum lugar que Schuyler poderia ser livre.

Pra isso serviam os esconderijos secretos.

Capítulo 02

Mimi Force gostava do som dos saltos batendo no mármore. Seu Jimmy Choos* de couro envernizado fazia um satisfatório click, click, clack que ecoava por toda entrada da Torre Force. O novo e brilhante quartel general do império de mídia de seu pai era composto por vários prédios no meio de Manhattan. Os bancos brilhantes do elevador normalmente descarregaram um bando de "Forces"- os belos empregados da Organização de Mídia Force- editores de design, editores de moda, editores de estilo, se dirigindo para encontros de almoço no Michael's ou em carros cheios que os escoltariam a vários compromissos ao redor da cidade. Eles eram um grupo bem vestido, com rostos igualmente miseráveis, como se suas agendas perpetuamente ocupadas não deixassem nem mesmo tempo para sorrir. Mimi se misturou a eles.

* Jimmy Choo é um designer chinês de sapatos que trabalha em Londres, mais conhecido por seus trabalhos na Jimmy Choo Ltd.

Ela tinha apenas 16 anos, mas enquanto ela andava no meio da multidão, depois da entrada na sombria alcova que ocultava um elevador que só poderia ser acessado por uma chave secreta e irreproduzível, ela se sentiu incrivelmente velha. Ela se lembrava de quando a Torre Force tinha originalmente sido batizada de Edifício Van Allen. Por anos tinha sido uma mera fundação histórica, já que o planejamento da torre nunca tinha sido alterado depois da Crise de 1929 e da Grande Depressão. Somente no ano passado que a companhia de seu pai tinha terminado a construção de acordo com o planejamento antigo e batizado o edifício com um nome novo.

Mimi olhou ao redor e discretamente mandou uma forte ignore- sugestão para qualquer um que chegasse perto dela. Encontrou uma fechadura e pressionou seu dedo contra o cadeado, que o picou de modo que tirou sangue. A análise sanguínea na fechadura não era a última invenção em tecnologia de segurança, mas uma antiga tecnologia. Seu sangue estava sendo analisado e comparado com os arquivos de DNA do repositório; uma combinação confirmaria que somente um verdadeiro Blue Blood estava em frente ao portão. O sangue não poderia ser duplicado ou extraído. O sangue vampiro desaparecia em minutos uma vez exposto ao ar.

As portas deslizaram abrindo silenciosamente, e Mimi tomou o elevador em direção para baixo. O que os Red Bloods não sabiam era que em 1929, o prédio tinha sido construído por completo- exceto que se estendeu para baixo e não para cima.

A Torre era na verdade um "perfurador" - uma estrutura construída no chão, abrindo um túnel para baixo no âmago do planeta, ao invés de céu acima. Mimi assistiu aos andares decrescerem. Ela desceu 50, então 100, então 200, então 1000 pés abaixo da superfície. No passado, os Blue Bloods tinham vivido embaixo da terra para se esconder dos ataques dos

Silver Bloods. Agora Mimi entendia o que Charles Force quis dizer quando falou que Lawrence e Cordelia teriam os vampiros “agachados em cavernas novamente”.

Finalmente o elevador parou e a porta abriu. Mimi assentiu para o Conduit da mesa. O Red Blood se assemelhava com um rato cego, parecendo que ele não via o sol por muito tempo. Como as lendas falsas perpetuadas sobre vampiros, Mimi pensou com divertimento.

Ela podia sentir as wards, as pesadas proteções colocadas ao redor daquela área. Aquele era para ser o refúgio mais seguro e secreto dos Blue Bloods. Lawrence parecia muito satisfeito na brilhante e nova torre conspícua que tinha sido construída no topo daquela. "Estamos escondido em primeiro plano!" ele deu risadinhas. O Repositório de História tinha sido recentemente removido para vários andares abaixo. Desde o ataque, o covil embaixo do clube tinha sido abandonado. Mimi ainda sentia culpa pelo que tinha acontecido lá. Mas não tinha sido sua culpa! Ela não queria ter trazido nenhum dano real. Só queria Schuyler fora do seu caminho. Talvez ela tenha sido leviana. Sem necessidade de se prender a esse penamento agora.

"Boa noite, Madeleine," uma mulher elegantemente vestida em um terno Chanel chic a cumprimentou polidamente.

"Dorothea." Mimi assentiu, seguindo a anciã para a sala de conferência. Ela sabia que os vários membros do Conclave não tinham sido entusiásticos com sua admissão no interior do círculo. Eles estavam preocupados de que ela fosse muito jovem e não estivesse no comando de todas as suas memórias, a totalidade da sabedoria de todas as suas vidas passadas. O processo em direção a auto-atualização completo de um Blue Blood começa durante a transformação aos quinze anos, e continua até o fim do Anos do Por do Sol* (ou aproximadamente até os 21 anos de idade), quando a concha humana se abria por completo, finalmente revelando o vampiro dentro dela. Mimi não se importava com o que eles pensavam. Ela estava lá para cumprir um dever, e se não se lembrava de tudo, se lembrava o suficiente.

*Ela usa o termo *Sunset Years* que é um eufemismo para a maioridade.

Ela estava lá porquer Lawrence tinha ido a mansão Force tarde da noite, assim que voltaram de Veneza, para falar com Charles. Mimi tinha escutado toda a conversa. Quando Lawrence foi posto como Regis, Charles tinha voluntariamente resignado seu assento no Conclave, mas Lawrence o estava aconselhando a reconsiderar.

"Nós precisamos de toda nossa força agora. Precisamos de você, Charles. Não nos vire as costas." A voz de Lawrence era baixa e grave. Ele tossiu várias vezes, e a fumaça do doce tabaco de seu cachimbo enchia todo o corredor da entrada do

escritório de seu pai.

Charles estava teimoso. Ele tinha sido humilhado e rejeitado. Se o Conclave não o tivesse, ele não teria o Conclave. "Por que eles precisam de mim quando eles tem você, Regis?" Charles discutiu, como se até dizer isso fosse desagradável.

"Eu irei."

Lawrence tinha simplesmente levantado a sombrancelha quando descobriu Mimi parada em frente a eles. Charles também não pareceu surpreso. Encontrar um caminho por entre as portas fechadas tinha sempre sido um dos talentos de Mimi, até mesmo quando era criança.

"Azrael," Lawrence murmurou. "Você se lembra?"

"Não de tudo. Ainda não. Mas eu me lembro de você... vovô," Mimi disse com um sorriso de satisfação.

"É o suficiente para mim." Lawrence sorriu de um jeito que não era muito diferente do sorriso de Charles. "Charles, está decidido. Mimi terá seu assento no Conclave. Ela reportará a você, como sua representante. Azrael, você está dispensada."

Mimi estava prestes a protestar, até perceber que tinham usado o glom para que ela deixasse o esconderijo sem nem mesmo ela notar. O velho era esperto. Mas nada a iria impedir de pressionar uma orelha atrás das portas.

"Ela é perigosa," Lawrence disse suavemente. "Estava surpreso de saber que tinha chamado os gêmeos para esse ciclo. Isso era necessário?"

"Como você disse, ela é forte." Charles suspirou. "Se existe uma batalha a frente, como você quer que todos acreditemos, Lawrence, você vai precisar dela ao seu lado."

Lawrence roncou. "Se ela se mantiver correta."

"Ela sempre se mantém," Charles disse agudamente. "E ela não é a única entre nós que uma vez amou a Estrela da manhã."

"Um grave erro que todos cometemos." Lawrence assentiu.

Charles disse suavemente, "Não, não todos nós."

Mimi flutuou para longe da porta. Tinha escutado tudo que queria ouvir.

Azrael. Ele a tinha chamado pelo verdadeiro nome. Um nome que estava gravado fundo em sua consciência, fundo em seus ossos, em seu sangue. O que ela tinha esperado de seu nome? Quando estávamos vivos por milhares de anos, tomando um novo pseudônimo após o outro, nomes se tornaram como presentes embrulhados. Algo decorativo a que você respondia. Tomar seu nome neste ciclo, por exemplo: Mimi. Era o nome de uma socialite, uma mulher distraída que passava seus dias gastando cartões de créditos e que se importava apenas com tratamentos de spa e jantares de festas.

Isso escondia sua identidade verdadeira.

Porque ela era Azrael. O Anjo da Morte. Ela trazia escuridão para a luz. Esse era seu dom e sua maldição.

Ela era um Blue Blood. Como Charles tinha dito, uma das mais fortes. Charles e Lawrence estavam falando do fim dos tempos. A queda. Durante a guerra com Lucifer, tinha sido Azrael e seu gêmeo, Abbadon, que tinham feito a reviravolta, quem tinham mudado o curso da última batalha. Eles tinham traído seu príncipe e se juntado a Michael, se ajoelhando diante da espada dourada. Eles tinham permanecido na luz, mesmo que tivessem sido feitos da escuridão.

Aquela tinha sido uma deserção crucial. Se não tivesse sido por ela e Jack, quem poderia dizer quem teria vencido? Teria sido Lucifer o rei de todos os reis em um trono celestial se eles não o tivessem abandonado? E o que tinham ganhado de qualquer jeito, senão essa vida interminável na terra? Este ciclo interminável de reparação e absolvição. Para quem e pelo que eles tinham recompensado? Deus saberia que eles ainda existiam? Eles jamais recuperariam o paraíso que tinham perdido?

Aquilo tinha valido a pena? Mimi se perguntou enquanto tomava seu lugar no Conclave, somente agora notando o resmungo entre as pessoas.

Ela olhou para onde Dorothea Rockfeller estava fitando. O choque quase a fazendo cambalear. Dentro do mais protegido, mais seguro esconderijo dos Blue Bloods, e sentado próximo a Lawrence no lugar de honra, estava ninguém menos que o desgraçado antigo Venator, o Silver Blood traidor, Kingsley Martin.

Ele prendeu os olhos dela e apontou dois dedos na forma de uma arma na direção dela. E Kingsley sendo Kingsley, sorriu como se fingisse puxar o gatilho.

Capítulo 03

Ao contrário da sala de exposições da maioria dos designers, que eram decoradas no mínimo, no estilo quase clínico, dificilmente com um arranjo floral para dividir as salas vazias deslumbrantemente brancas, o interior dos mostruários que hospedavam a coleção de Rolf Morgan se assemelhavam os antigos quartos de um velho clube de cavalheiros: livros de couro alinhados nas prateleiras, enquanto grossas poltronas de braço e confortáveis tapetes felpudos foram organizados entorno de um fogo crepitante. Rolf Morgan tinha ganhado fama vendendo preppie*, estilo camarada para as pessoas simples, sua criação mais onipresente, uma camisa com colarinho simples discretamente bordado com seu logotipo: um par cruzado de croquet wickets*

Bliss nervosamente sentou em uma das poltronas de couro, equilibrando sua pasta sobre os joelhos. Ela teve que sair da escola alguns minutos mais cedo, a fim de se preparar pra ir – ver seu compromisso, ainda assim tinham chegado a localizar o designer correndo com meia hora de atraso. Típico.

* Estilo muito usado nos Estados Unidos no final da década de 70, que imitava os trajes dos estudantes da IVY LEAGUE.

*São aquelas “janelinhas” do jogo de críquete: <http://www.the-rush-hour.com/wp-content/uploads/2006/10/Double%20Wickets%203.jpg>

Ela olhou ao redor em outros modelos, todos sustentando a mesma clássica boa aparência Americana frequentemente encontrada em um “Croquet por Rolf Morgan”: rostos bronzeados, cabelos loiros, narizes arrebitados. Ela não tinha idéia de por que o designer estaria interessado nela. Bliss mais parecia uma garota numa pintura pré-Rafaelita, com seu longo cabelo ruivo – até a cintura, pele pálida, e grandes olhos verdes, o tipo de garota que parecia que tinha terminado um empolgante jogo de tênis. Mas por outro lado, Schuyler tinha estado ocupada para aparecer no primeiro casting*, então talvez eles estivessem procurando por um tipo diferente de garota neste momento.

“Posso dar a vocês, garotas, alguma coisa? Água? Soda Diet?” A recepcionista perguntou sorrindo.

“Nada pra mim, Obrigado.” Bliss exitou, enquanto as outras garotas balançaram a cabeça também. Era bom ser perguntada, ser oferecido alguma coisa. Como modelo, ela estava acostumada a ser ignorada ou desprezada pela equipe. Nunca eram muito amigáveis. Bliss comparava ir a seus compromissos, às inspeções de gado que seu avô fazia na fazenda. Ele iria verificar o estoque de dentes, cascos e costelas. Modelos eram tratados apenas como gado – pedaços de carne cujos

bens eram pesados e medidos.

Bliss desejou que o designer se apressasse e acabasse logo com aquilo. Ela quase cancelou aquela reunião, e apenas um profundo senso de obrigação com a sua agencia (e um ligeiro medo do seu booker* - um careca, arrogante gay, que a empurrava ao redor como se ela fosse sua escrava - e não ao contrario) ela se manteve fixada em seu lugar.

Ela ainda estava nervosa com o que tinha acontecido na escola mais cedo, quando ela tentou confiar em Schuyler.

*Casting, são aquelas seleções que eles fazem para escolher as modelos e tal.

*Booker, são as pessoas que fazem e cuidam dos Books das modelos

“Há algo de errado comigo,” Bliss disse, durante o almoço no refeitório.

“O que você quer dizer? Você está doente?” Schuyler perguntou, rasgando um saco de batatas de jalapeño*.

Eu estou doente? Bliss se questionou. Ela certamente se sentia mal ultimamente. Mas era um tipo diferente de doente, sua alma sentia-se mal. “É difícil de explicar,” disse, mas ela tentou. “Eu estou, como, vendo coisas. Coisas ruins.” Coisas terríveis. Ela disse a Schuyler sobre como isso tinha começado.

Ela tinha estado caminhando abaixo o Hudson o outro dia, e quando ela piscou, em vez das águas calmas e marrons do rio, ela tinha visto ele cheio com sangue - vermelho, viscoso e agitado.

Então havia os cavaleiros que trovejavam em seu quarto uma noite - quatro deles, sobre altos cavalos pretos, atrás de máscaras; pareciam sujos e cheiravam ainda pior, como morto-vivo. Eles tinham sido tão reais, os cavalos haviam deixado pegadas sujas no tapete branco. Mas a visão da outra noite tinha sido pior: bebês esfaqueados, vítimas estripadas, freiras penduradas em cruzes, decapitadas...isso continuou.

Mas a coisa mais assustadora do mundo?

Mesmo no meio de uma visão um homem tinha aparecido. Um homem em um terno branco. Um homem bonito com uma coroa de brilhantes cabelos loiros e um belo sorriso que esfriou até seus ossos.

*um tipo de pimenta mexicana

O homem tinha atravessado a sala e sentado ao seu lado na cama.

“Bliss,” O homem havia dito, colocando a mão sobre sua cabeça como uma benção. “Filha.”

Schuyler olhou por cima de seu sanduíche de atum. Bliss se perguntou como Schuyler ainda tinha apetite para comida normal – Bliss há muito tempo tinha perdido o gosto por ela. Ela mal podia agüentar comer seu hambúrguer mal passado. Talvez isso fosse porque Schuyler era metade humana. Bliss alcançou uma batata frita por curiosidade. Ela deu uma mordida. Era salgada e não desagradavelmente picante. Ela pegou outra.

Schuyler olhou pensativa. “Ok, então algum cara estranho te chamou de filha, grande coisa. Foi apenas um sonho. E como, por todas as outras coisas – você tem certeza de que não está apenas ficando acordada até muito tarde vendo filmes do Rob Zombie*?”

“Não – isso é só...” Bliss balançou a cabeça, irritada por não conseguir transmitir o quão assustador este homem era. E como soou como se ele estivesse dizendo pra ela a verdade. Mas como isto poderia ser? Seu pai era Forsyth Llewellyn, o senador de New York. Ela se perguntou sobre sua mãe mais uma vez. Seu pai nunca falou da sua primeira esposa, e apenas há algumas semanas atrás, Bliss teria ficado surpresa ao encontrar uma fotografia de seu pai com uma mulher loira, que ela sempre tinha assumido ser sua mãe, escrito na parte de trás com as palavras “Allegra Van Alen.”

*Famoso diretor de filmes de terror.

Allegra era a mãe de Schuyler, o paciente mais famoso de New York em estado de coma. Se Allegra fosse sua mãe, isso fazia de Schuyler sua irmã? Embora, os vampiros não tinham família no sentido Red Blood: eles eram antigos filhos de Deus, imortal, sem verdadeiras mães e pais.

Forsyth era meramente seu “pai” para este ciclo. Talvez tenha sido o mesmo com Allegra. Ela tinha se privado de contar a Schuyler sua descoberta. Schuyler era protetora sobre sua mãe, e Bliss era tímida demais para reivindicar uma conexão com uma mulher que ela nem sequer tinha conhecido. Ainda assim, ela sentia uma afinidade com Schuyler desde que ela tinha encontrado a fotografia.

“Você ainda tem esses – você sabe, apagões?” Schuyler perguntou.

Bliss balançou a cabeça. Os apagões tinham parado no mesmo tempo em que as visões tinham começado. Ela não sabia o que era pior.

“Sky, Você já pensou em Dylan?” Ela perguntou timidamente.

“Todo o tempo. Gostaria de saber o que aconteceu com ele,” Schuyler disse, separando seu sanduíche e comendo uma parte de cada vez: primeiro o pão, em seguida uma colher de atum, depois uma mordida no alface. “Sinto falta dele. Ele era um bom amigo.”

Bliss assentiu. Ela se perguntava em como poderia abordar o assunto. Ela tinha

estado guardando um enorme segredo por muito tempo agora. Dylan, a quem todos tinham dado como morto, que havia sido tomado por um Silver Blood, que tinha desaparecido completamente...tinha voltado, passando por sua janela apenas a duas semanas atrás e contando a ela as histórias mais ultrajantes. Desde a noite em que ele voltou, Bliss não sabia mais em que acreditar.

Dylan tinha de estar completamente débil. Louco. O que ele tinha dito naquela noite. Ele apenas não fazia sentido, mas ele estava convencido de que era a pura verdade de Deus. Ela nunca podia discutir com ele isso, e ultimamente ele estava ameaçando fazer alguma coisa. Só naquela manhã ele tinha estado gravemente desequilibrado. Enfurecido. Gritando como um louco. Tinha sido difícil de assistir. Ela lhe prometeu que iria...ela iria...o que ela iria fazer? Ela não tinha idéia.

“Bliss Llewellyn?”

“Aqui,” Bliss respondeu, ficando de pé e dobrando sua pasta embaixo do braço. “Estamos prontos para você. Desculpe pela espera.”

“Sem problema,” ela disse, dando a ela o sorriso mais profissional. Ela seguiu a garota até uma arejada sala na parte de trás. Bliss tinha que andar o que parecia ser o comprimento de um campo de futebol para chegar até a pequena mesa onde o designer estava sentado.

Era sempre assim. Eles gostam de ver você andar, e depois que você diz olá, eles pedem para você apenas dar meia volta e caminhar novamente. Rolf estava selecionando para sua exibição na semana de moda, e sentados ao seu lado, estava sua equipe: uma mulher loira e bronzeada de óculos escuros, um homem magro e fraco, e vários assistentes.

“Oi Bliss,” disse Rolf. “Está é minha esposa, Randy, e este é Cyrus, que está reunindo a exibição.”

“Oi,” Bliss lhe ofereceu a mão e a balançou com firmeza.

“Estamos bem familiarizados com seu trabalho,” disse Rolf, capturando um olhar superficial em suas fotografias. Ele era um homem profundamente bronzeado e com cabelos mesclando tons escuros e claros. Quando ele cruzou os braços, seus músculos se destacando. Ele parecia como um cowboy, embaixo suas botas personalizadas feitas de couro de jacaré. Isto é, se cowboys conseguem seus bronzeados em St. Barth* e suas camisas feitas em Hong Kong. “Na verdade, temos certeza de que você é a garota para nós. Só queria conhecê-la.”

Em vez de deixar Bliss à vontade, a simpatia do designer a fez ainda mais nervosa. O trabalho era agora seu para desperdiçar. “Oh, um, okay.”

*Uma das ilhas mais exclusivas do Caribe

Randy Morgan, mulher do designer, era a perfeita “Menina Morgan” até os cabelos ao vento. Bliss sabia que ela tinha sido a primeira modelo de Rolf, por volta da década de setenta, e ainda ocasionalmente, estrelava algumas campanhas publicitárias. Randy empurrou seus óculos escuros no topo da sua cabeça e deu um sorriso brilhante a Bliss. “A marca esta indo em uma direção diferente para a exibição. Queremos criar uma atmosfera Eduardiano* de Romance antiquado. Haverá um monte de veludo, um monte de renda, talvez até um colete ou dois na coleção. Nós queríamos uma garota não parecesse muito contemporânea.” Bliss concordou, não completamente certa de onde eles iriam chegar, pois todas as outras marcas que tinha a reservado no passado, pensavam que ela parecia ‘contemporânea’ o suficiente. “Você quer que eu caminhe ou...?” “Por favor.”

* acho que se refere ao rei Edward IV, que reinou a Inglaterra entre 1461 e 1483.

Bliss se dirigiu para trás da sala, respirou fundo e começou a andar. Ela caminhava como se estivesse andando em um pântano à noite, como se ela estivesse sozinha em um nevoeiro. Como se ela estivesse um pouco perdida e sonhadora. E apenas quando ela bateu no eixo marcado, a sala se dilatou e ela teve uma outra visão.

Como ela tinha dito a Schuyler, ela nunca mais teve apagões. Ela ainda podia ver a sala de exposições, bem como o designer e sua equipe. Apesar disso, lá estava: sentado no meio, entre Rolf e sua esposa estava uma besta de olhos vermelhos com uma língua prata e bifurcada. Vermes rastejando para fora de seus olhos. Ela queria gritar. Em vez disso, ela fechou os olhos e continuou andando.

Quando abriu os olhos, Rolf e sua equipe estavam aplaudindo.

Visões apocalípticas ou não, Bliss estava contratada.

Capítulo 04

"Senti sua falta." Os lábios de Oliver contra a bochecha dela eram quentes e macios, e Schuyler sentiu uma dor aguda no estômago pela profundidade do afeto dele.

"Senti sua falta também," ela sussurrou de volta. Aquilo era verdade o bastante. Eles não tinham estado juntos assim por uma quinzena. E enquanto ela queria pressionar os lábios contra o pescoço dele e fazer vir o que vinha naturalmente, ela parou a si mesma. Ela não precisava disso agora, e estava receosa de fazer por causa de como aquilo fazia ela se sentir. A Cerimônia Oscular era uma droga-tentadora e irresistível. Isso dava a ela muito poder. Muito poder dele.

Ela não podia. Não ali. Não agora. Mais tarde. Talvez. Além do mais, isso não era seguro. Eles estavam no armário de estoque fora da sala de cópias. Qualquer um poderia vir e pegar os dois juntos. Eles tinham se encontrando, como sempre faziam, entre o primeiro e o segundo sinal depois do 4º período. Tinham 5 minutos.

"Você vai estar lá... à noite?" Oliver perguntou, sua voz forte na orelha dela. Ela queria correr os dedos pelo seu cabelo grosso caramelo, mas restringiu a si mesma. Ao invés, ela pressionou o nariz contra a lateral da cabeça dele. Ele cheirava tão limpo.

Como pode eles serem amigos por tanto tempo sem saber como o cabelo dele cheirava? Mas agora ela sabia: como grama depois da chuva. Ele cheirava tão bem que ela poderia chorar. Tinha falhado com ele de todas as maneiras. Ele nunca a perdoaria se soubesse verdadeiramente o que tinha lhe feito.

"Eu não sei," Schuyler respondeu, hesitante. "Vou tentar." Ela queria deixá-lo tão gentilmente quanto podia. Examinou seu rosto bonito genial, seus olhos quentes de avelã manchados com marrom e ouro.

"Prometa", a voz de Oliver tão fria. "Prometa." Ele a pressionou apertadamente contra si, e ela estava surpresa pela sua força. Não tinha idéia que humanos pudessem ser tão fortes quanto vampiros quando a ocasião surgia.

Seu coração rasgou. Charles Force estava certo. Ela deveria se manter longe dele. Alguém ia se machucar, e ela não podia suportar pensar em Oliver sofrendo por causa dela. Ela não merecia isso. "Ollie, você sabe eu-"

"Não diga isso. Apenas esteja lá," ele disse asperamente, e se afastou dela tão rápido que ela quase perdeu o equilíbrio. Então se foi tão rápido, deixando-a sozinha na sala escura, sentindo-se estranhamente privada.

Tarde naquela noite, Schuyler através das chuvosas ruas sombrias, uma mancha prata em sua nova capa de chuva. Podia tomar um táxi, mas não havia nenhum na chuva, e ela preferia caminhar- ou ao invés disso, deslizar. Gostava de exercitar

seus músculos vampiros, como o quão rápida ela poderia ser quando colocava isso na mente. Caminhou todo o comprimento da ilha como um gato, se movia tão rápido que se manteve seca. Não havia uma gota d'agua nela.

O prédio era um daqueles novos apartamentos construídos com vidros deslumbrantes desenhados pelo arquiteto Richard Meier* no canto da Perry Street e a Rodovia Lateral Oeste. Brilhavam como cristal no crepúsculo nebuloso escuro. Schuyler nunca ficava cansada de olha-los, eram tão belos.

*Richard Meier é um arquitecto dos Estados Unidos da América. Em 1984 recebeu o prémio Pritzker, o prémio mais conceituado de Arquitectura.

Schuyler escorregou para dentro das portas laterais, usando a velocidade de vampiro que a deixou invisível ao guarda e os outros residentes . Ela passou para o elevador, preferindo usar seu talentos e subir as escadas correndo, subindo os degraus quatro, cinco, as vezes dez por vez. Em segundos ela estava na cobertura. Estava agradável no apartamento, e os postos de luz lá embaixo iluminavam tudo dentro do andar-de-janelas de teto de vidro. Ela pressionou o botão para automaticamente descer as cortinas. Eles as tinham deixado abertas de novo, expostos- incrível como o esconderijo secreto deles estava localizado em um dos prédios mais visíveis em Manhattan.

A empregada tinha embarcado toras para a lareira, então Schuyler acendeu um fogo rápido, fácil como puxar um botão. As chamas levantaram altas e lambeiram a madeira. Schuyler assistiu-as queimarem, como se visse seu futuro nas chamas, colocou a cabeça entre as mãos.

O que ela estava fazendo aqui?

Por que ela tinha vindo?

Isso era errado, o que eles estavam fazendo. Ele sabia disso. Tinham dito um ao outro que seria pela última vez. Como se eles fossem capazes de suportar aquilo. Ela estava estática e triste com a possibilidade de um encontro.

Schuyler se ocupou esvaziando a lava-louça e pondo a mesa. Acendendo as velas. Ela ligou o som no iPod, e logo a voz de Rufus Wainwright* ecoou através das paredes. Era uma canção inspiradora- a favorita deles.

*Rufus McGarrigle Wainwright é um cantor e compositor canadense-americano. Ela visualizou um banho, sabendo que seu robe estava pendurado no gancho do armário. Tinha tão pouca evidência da presença deles naquele lugar- alguns livros, um punhado de roupas, um par de escova de dentes. Não era um lar, era um esconderijo.

Ela olhou a si mesma no espelho- seu cabelo desarranjado e seus olhos brilhantes. Ele chegaria em breve. Claro que chegaria. Ele que tinha insistido. A hora designada passou, mas ninguém chegou. Schuyler enfiou os joelhos contra o peito, tentando lutar contra a maré ascendente de decepção.

Ela quase tinha caído no sono quando apareceu uma sombra no terraço. Schuyler olhou expectativamente, sentindo uma mistura de antecipação e uma profunda e duradoura tristeza.

"Ei, você," uma voz disse. E um garoto apareceu das sombras.

Mas ele não era aquele que ela estava esperando.

ARQUIVO DE GRAVAÇÕES AUDITIVO:

Repositório de história.

DOCUMENTO CLASSIFICADO:

Apenas libertação Altithronus

Transcrição do relatório arquivado Venator 2/1

Schuyler Van Alen: Alienação notável aos iguais. Prefere a companhia de seu Conduit, humano masculino: Oliver Hazard-Perry. Sobrevivente de 2 possíveis ataques Silver Bloods. Continuarei a monitorar, ainda convencido de que é improvável de que ela seja a parte culpada.

Bliss Llewellyn: Caso interessante. Reclama de dores de cabeça, vertigem, "apagões". Talvez efeito colateral de transformação? Foi descoberta afogada em uma noite no Central Park em 28/11. Conseguiu salvar assunto sem cobertura reveladora.

Madeleine Force: Possui significativo poder obscuro e demonstra grande descuido para regras, especialmente as concernentes familiares humanos.

ATUALIZAÇÃO NA DIVISÃO DE DYLAN: Relatórios longos da equipe de Long Island assinalam fuga da Ward house em Shelter Island. Enviaram reforços para trazê-lo.

Capítulo 05

A reunião foi agregada de forma regular. A secretária pegou a lista de nomes. Todas as antigas famílias foram representar, as sete originais ((Van Alen, Cutler, Oelrich, Van Horn, Schlumberger, Stewart, e Rockefeller), tinham crescido para acomodar os Llewellyns, os Duponts (representado por um nervoso olhar de Eliza – que era a recente sobrinha de Priscilla), os Whitneys, e os Carondolets. Esta era a conclave de Anciões – o encontro da elite Blue Blood. Era onde as decisões para a raça, para o futuro do clã, eram feitas.

Lawrence deu as boas vindas para a primeira sessão de primavera com uma saudação sincera, e começou a percorrer os itens da pauta: o próximo evento de arrecadação de fundos para o New York Blood Bank, as últimas notícias sobre doenças transmitidas pelo sangue e como elas afetam os Blue Bloods, como suas contas confiáveis estavam indo – o dinheiro Blue Blood era investido pesadamente no mercado de ações e a ultima queda tinha causado o desaparecimento de vários milhões de dólares.

Mimi estava transtornada. Lawrence conduziu a reunião como se nada estivesse errado, como se o traidor não estivesse sentado ao lado dele. Era frustrante! Tinha sido Kingsley que tinha chamado o Silver Blood, Kingsley que tinha organizado o ataque no repositório, Kingsley, que tinha sido o cérebro por trás da verdade, e ainda assim ele estava lá, sentado à mesa como se ele pertencesse. No exterior, o conclave estava mais calmo, tranquilo e confuso como sempre, ainda que Mimi pudesse detectar um ligeiro desconforto, apenas um sopro de discórdia dentro dos níveis. Por que Lawrence não disse alguma coisa? O velho tolo estava balbuciando sobre o mercado subprime* e os seus recentes acontecimentos desastrosos em Wall Street*.

* um segmento do mercado hipotecário (ou crédito imobiliário) norte-americano

* centro das finanças de Nova York e do mundo inteiro localizado em Manhattan

Ah finalmente...Lawrence virou-se para Kingsley. Uma explicação final. Mas não. Lawrence declarou sem rodeios que Kingsley tinha um arquivo para relatar, e cedeu o chão para o suposto Venator, um verdadeiro narrador, um membro da policia secreta dos Vampiros.

Kingsley reconheceu a mesa com um sorriso triste. “Anciões...e um, Mimi,” ele começou. Ele estava tão perversamente belo como sempre, mas desde que ele tinha sido desmascarado como um Venator, ele parecia mais velho. Não mais o jovem rebelde, mas sério e sombrio em um casaco escuro e gravata.

Vários membros do Conclave trocaram sobranceiras levantadas, e o grisalho Brook Stewart teve um acesso de tosse que foi grave o suficiente para Cushing Carondolet bater em suas costas várias vezes. Quando o tumulto diminuiu, Kingsley continuou sem comentários.

“Eu trago notícias graves. Existe uma perturbação no continente sul – americano. Minha equipe detectou sinais ameaçadores que apontam para uma possível *infractio*.”

Mimi entendi a palavra da língua sagrada, Kingsley estava dizendo a eles de uma ruptura. Mas uma ruptura de que?

“O que vem acontecendo?” Dashiell Van Horn quis saber. Mimi o reconheceu como o inquisidor em seu julgamento.

“As fendas na base do Corcovado. Alguns relatos de desaparecimentos de Anciões deste Conclave. Alfonso Almeida ainda não retornou da sua habitual jornada aos Andes. Sua família está preocupada.”

Esme Schlumberger. “Alfie só gosta de ficar perdido no deserto, todo ano. Diz que o mantém perto da natureza. Não significa nada.”

“Mas o Corcovado – que é preocupante,” disse Edmund Oelrich, que agora era chefe Warden desde a morte de Priscilla.

“Com o que sabemos dos Silver Bloods – como um foi capaz de se infiltrar no repositório por si só – qualquer coisa pode ser possível,” Kingsley disse.

“De fato.” Dashiell Van Horn concordou, abaixando seus óculos de meia lua. Lawrence acenou. “Vocês todos sabem, é claro, dos rumores de que os Silver Bloods fugiram para a América do sul antes deles desaparecerem. Os Blue Bloods ficaram no norte, e alguns acreditavam que os Silver Bloods se conduziram ao sul para se reagrupar. Claro, nunca tivemos evidências disso...”

Vários membros do Conclave se contorceram visivelmente. Desde o ataque no repositório, eles tiveram que reconhecer que Lawrence, o antigo excluído, estava certo o tempo todo. Os Wardens tinham deliberadamente ignorado os sinais, tinham enterrado suas cabeças na areia como um grupo de avestruzes, amedrontados demais para aceitar a verdade: os Silver Bloods, os demônios do mito, seus antigos inimigos, tinham retornado.

“Nós não temos nenhuma evidência até agora.” Kingsley concordou. “Mas parece que as suspeitas de Lawrence estavam corretas.”

“Se o Corcovado está comprometido, eu não posso enfatizar o quão grave é o perigo em que estamos.” Lawrence disse.

“Mas não houve...mortes?” Eliza Dupont perguntou em uma voz tímida.

“Nenhuma que nós sabemos,” Kingsley confirmou. “Um dos jovens, uma Yana Riberio, também está desaparecida. Mas sua mãe acha que ela tenha fugido com o namorado em um fim de semana improvisado em Punta del Este*,” ele disse

com um sorriso.

Mimi ficou em silêncio; ela era o único membro que ainda não tinha contribuído para a discussão. Em New York, não houve mortes ou ataques desde a noite no repositório. Ela se sentiu frustrada que ela não conseguia se lembrar porque o Corcovado era tão importante, obviamente, todo o resto do Conclave sabia porque, mas ela não. Estava aborrecendo não ter entrado em suas memórias cheias.

* Punta del Este é uma cidade do Uruguai, localizada no departamento de Maldonado. É o balneário mais famoso do país e um dos mais charmosos da América Latina.

As palavras significavam absolutamente nada pra ela. E ela nunca iria perguntar a ninguém o que isso significava, tampouco – ela tinha muito orgulho. Talvez ela pudesse pegar Charles para iluminá-la, embora parecesse que desde sua demissão do Conclave, ele tinha pouco interesse em salvar qualquer coisa sentado em seu quarto, debruçado sobre livros e fotografias, e ouvindo gravações abafadas de faixas de oito anos atrás.

“Como ao ataque no repositório tem mostrado, os Silver Bloods já não são um mito, nós podemos escolher ignorar. Temos de agir rapidamente. O Corcovado deve estar seguro.” Lawrence falou.

O que na terra Lawrence estava falando? Mimi desejava saber.

“Então. Qual é o plano?” Edmund indagou. A atmosfera tinha mudado. O desconforto na presença de Kingsley tinha se transformado em agonia com a notícia que ele havia trazido.

Kingsley misturou os papéis na sua frente. “Eu irei juntar minha equipe na capital. São Paulo é um ninho de ratos. Fará um bom lugar para se esconder. Então nós iremos para o Rio a pé, conferir a situação no Corcovado, falar com alguns dos familiares.”

Lawrence concordou. Mimi achou que ele estava indo para terminar a reunião, mas ele não estava. Ao contrário, ele tirou um charuto do bolso da camisa.

Kingsley inclinou-se com um fósforo aceso, e Lawrence inalou profundamente. Fumaça encheu o ar. Mimi queria acenar sua mãe e lembrar Lawrence da regra de não fumar no Comitê, mas ela não tinha coragem.

O Regis observou a mesa com um olhar severo. “Eu estou ciente de que alguns de vocês estão se perguntando por que Kingsley está aqui hoje,” Lawrence disse, finalmente abordando a questão ardente na mente de todos.

Ele tomou uma outra baforada do seu charuto.

“Especialmente sobre as provas mostradas no julgamento de sangue. Porém, eu aprendi desde então que os Martins, e Kingsley em particular, são inocentes. Suas ações foram justificadas pela missão que foi dada pelo ex-Regis. Para proteção do

Coven, eu não posso revelar mais informações sobre isto.”

Seu pai! Charles tinha algo a ver com isso, mas por que Lawrence não lhes disse o que era?

“Que missão?” Edmund exigiu. “Por que o Conclave foi mantido no escuro sobre isso?”

“Não esta no nosso direito questionar o Regis,” Forsyth Llewellyn lembrou bruscamente.

Nan Cutler assentiu. “Não é nosso caminho.”

Mimi podia ver que a mesa estava nitidamente dividida em duas: metade dos membros ficaram indignados e ansiosos, enquanto a outra metade estava preparada para aceitar as instruções de Lawrence sem perguntas. Não que isso importasse. O conclave não era uma democracia, o Regis era um líder indiscutível cuja palavra era lei. Mimi tremeu com raiva dificilmente surpresa. O que aconteceu com o Conclave que tinha condenado ela a queimar apenas alguns meses atrás? Não era justo! Como eles podiam confiar em um “reformado” Silver Blood?

“Alguém ligaria de apresentar uma antiga discordância? Lawrence perguntou casualmente. “Edmund? Dashiell?”

Dashiell abaixou a cabeça. “Não. Temos de colocar nossa fé em você, Lawrence.”

Edmund deu um aceno de má vontade.

“Obrigado. Kingsley é mais uma vez um membro votante do Conclave, com status completo de Venator. Juntem-se a mim para recebê-lo de volta na congregação. Sem Kingsley não saberíamos sobre o Corcovado tão cedo.”

Houve uma salva de palmas.

A reunião foi suspensa, e os anciões se dividiram em grupos sussurrando. Mimi notou Lawrence falando em voz baixa com Nan Cutler.

Kingsley caminhou até Mimi e colocou uma mão leve sobre seu cotovelo. “Eu queria dizer que sinto muito pelo que aconteceu. O julgamento e tudo.”

“Você me enganou,” ela assobiou, sacudindo seu braço.

“Foi inevitável. Mesmo assim, estou feliz em ver que você está bem,” ele disse. Mas o seu tom de voz indicou que seu bem-estar não importava muito pra ele.

Capítulo 06

O garoto veio para a luz, sua face iluminada pelo fogo. Ele parecia o mesmo- os mesmos olhos tristes, o mesmo cabelo preto bagunçado. Ele vestia a mesma camiseta suja e os jeans que Schuyler lembrava dele estar usando da última vez que o viu.

"Dylan! Mas como? O que aconteceu? Onde vocês esteve?" Ela correu para abraçá-lo, um sorriso estático no rosto. Dylan! Vico! Ele não estava sendo esperado, mas era bem vindo. Ela tinha tantas perguntas para fazer: o que aconteceu na noite que ele desapareceu? Como ele tinha escapado dos Silver Bloods? Como ele tinha sobrevivido?

Bem quando ela chegou perto dele, ela percebeu que algo estava errado. O rosto de Dylan estava severo, zangado. Seus olhos estavam sem foco e beirando a histeria.

"O que está acontecendo?"

Rápido como um relâmpago, Dylan empurrou Schuyler com sua mente, um empurrão telepático—SLAM!- mas Schuyler foi mais rápida e abaixou o golpe mental.

"Dylan! O que você está fazendo?!" Ela atrasou as mãos como se se protegesse, como se pudesse proteger-se com uma barreira física.

SLAM! Outra vez. Dessa vez a sugestão era para atirar-se da sacada.

Schuyler engasgou, seu cérebro sentindo como se fosse explodir pela pressão da luta.

Ela fugiu para o terraço, sem ser capaz de parar a sugestão de tomar controle de seus sentidos. Ela olhou acima dos ombros. Dylan estava a sua direita. Ela parecia maníaco e cruel, como se possuísse por uma força maligna.

"Por que você está fazendo isso?" ela chorou, enquanto ele mandava outro comando agonizante.

PULE!

Sim. ela deve se submeter, deve obedecer- PULE!- sim, ela vai, mas se ela não for cuidadosa, e se ela não tiver tempo de... ela poderia perder o equilíbrio... ela poderia... Oh Deus, e se Lawrence estiver errado? E se ela não for imortal? Ela é meio humana afinal de contas... E se ela não sobreviver? E se, diferente dos outros Blue Bloods, o ciclo do sono e descanso e a reencarnação não valerem para ela. E se essa for a única vida dela? Mas é tarde demais para se preocupar com isso agora- ela não tem escolha. PULE! Ela não pode ver onde está indo... ele está bem atrás dela, então ela vai para...

Ela pulou do terraço, voando...

Sem tempo, sem tempo de mexer para outra soleira, sem tempo de agarrar uma

barra...A calçada surgindo...

Schuyler escorou-se para impacto e aterrissou nos seus pés. Com suas botas. THUD. Bem no meio de uma turba elegante aconchegada na frente do Restaurante Perry St. Os nova iorquinos abandonados aos elementos porque fumavam.

Em um flash, Dylan estava atrás dela. Tão rápido, ele era tão rápido...

Então uma poderosa coersão tomou conta: não era uma mera sugestão- Isto era um controle-cadeado. Esmagando. Isso era o que Lawrence tinha dito que era o pouco conhecido quinto fator do glom. O Consummo Alienari. Completa perda de mente de um para o outro.

Para os Red Bloods, alienari significa morte instantanea. Para os vampiros, isso forja uma paralisia irrevogável- a mente controlada então o desejo de alguém era completamente suprimido. Lawrence tinha dito que tomar o sangue e as memórias de parceiros vampiros, fazer a Cerimonia Oscular em sua própria espécie, não era a única coisa que os Silver Bloods eram conhecidos. Eles tinham muitas outras torturas e truques. Eles não drenavam todas as suas vítimas; algumas eram deixadas vivas porque eram mais úteis para os Silver Bloods como penhores.

Schuyler sentiu uma densidade enquanto a força do alienari determinava que... estava para sucumbir; tão mais fácil se render do que lutar... ela sentiu-se enfraquecer sob seu controle...o que seria deixado dela se ele tivesse sucesso? Ela pensou na mãe, viva mas não viva, isso seria seu destino? Ela estava confusa nos seus pés, oscilando; isso aconteceria logo. Mas então ela achou algo no escuro— como uma cauda, a cauda do glom—e podia isolar o sinal, capaz de compreender que parte tentava controlá-la, e ela torceu-o em volta, era como lutar corpo a corpo com um jacaré—sacudiu-o na sua cabeça—e logo ela tomava o controle, e dobrava-o diante dos seus desejos, e—

Dylan está gritando—ele é o que está sofrendo- ele é o que está apoiado contra a parede, incapaz de mover enquanto a mente dela segurava a dele em seu aperto. Ela podia sentir isso, pode sentir seu domínio assumindo, gananciosamente regozijandosobre seu triunfo. Ela o espremia—o ser inteiro dele—com sua mente. Isso é como um-

Ela o está matando...

Logo ele não será mais ele mesmo...mas uma extensão da vontade dela...

Até que...

"SCHUYLER! PARE!"

"NÃO!"

"SCHUYLER"! Um rugido.

Seu nome. Alguém chamava seu nome. Oliver. Dizendo para ela parar.

Schuyler liberou seu controle, mas não completamente. Ela ainda estendia a sua mão, e uns metros longe, Dylan estava alfinetado a uma parede. Preso lá pela mente dela. Sufocando. Ele não podia respirar.

"POR FAVOR"! Era uma voz de menina desta vez. Bliss.

Então. Ela o soltou.

Dylan perdeu a firmeza no chão.

Capítulo 07

Bliis correu tão rápido quanto podia. Ela tinha visto a coisa toda. Ela estava no táxi e tinha visto tudo: o pulo de Schuyler, Dylan vindo depois, a perseguição, a inversão. Ela testemunhou a angustia de Dylan e o domínio de Schuyler.

Oh Deus, não deixe que ela tenha matado ele.

“Dylan!” Bliss ajoelhou ao seu lado. Ele deitou de bruços na calçada, então ela o virou gentilmente e pegou ele em seus braços. Ele estava tão magro...só pele e ossos debaixo de uma camiseta. Ela o segurou carinhosamente como um bebe pássaro. Ele estava ferido e patético, mas ele era dela. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. “Dylan!”

Quando ela chegou em casa depois do seu compromisso e ele não estava lá para encontrá-la como eles tinham planejado, ela soube imediatamente que algo estava errado. Ela chamou Oliver e lhe disse para encontrar com ela em um apartamento no edifício Perry Street, logo que ele pudesse. Dylan vinha dizendo o tempo todo que ele ia fazer alguma coisa, e agora ele tinha feito. Felizmente, Bliss sabia onde encontrá-lo, porque ela sabia do segredo de Schuyler e onde ela estaria naquela noite.

Dylan abriu os olhos. Ele recuou quando viu Bliss, e em seguida, virou-se para Schuyler e rosnou um profundo e alto ruído. “Argento Croatus!”

“Você está louco?” Schuyler perguntou, Oliver estava em pé de forma protetora. Dylan tinha apenas chamado ela de Silver Blood. O que estava acontecendo? O que aconteceu com ele? Por que sua voz parecia com isto?

“Dylan, Pare! Sky - ele não sabe o que está falando.” Bliss disse nervosamente.

“Dylan, por favor, você não está fazendo sentido.”

Dylan se espalhou fora, suas pupilas se dilatando rapidamente como se uma lanterna estivesse brilhando em seus olhos. Então ele começou rindo em um grito agudo.

“Você sabia que ele estava de volta e você não me contou,” Schuyler disse, e a acusação ficou no ar entre eles.

“Sim.” Bliis tomou uma respiração afiada. “Eu não queria dizer a você porque...” Porque você contaria ao Conclave. Você teria que leva-lo embora. E sim, ele mudou. Ele é diferente. Ele não é mais o mesmo. Algo terrível e indescritível aconteceu com ele. Mas eu ainda o amo. Você compreende, não é? Você, que espera em um apartamento por um garoto que não chega.

Schuyler assentiu. As duas se entendiam sem se falar. Era à maneira dos vampiros.

“Ainda assim, ele não pode ficar desse jeito; nós temos que ir buscar ajuda.”

Schuyler se aproximou dos dois.

“Não me toque,” Dylan rosnou, de repente ele saltou para a seus pé e agarrou Bliss pelo pescoço, os dedos ossudos pressionados violentamente em seu pescoço pálido.

“Se você não vai me ajudar, então você é um deles,” ele disse ameaçadoramente, forçando seu aperto.

Bliss começou a chorar. “Dylan...não.”

Schuyler se arremessou contra Dylan, mas Oliver parou ela. “Espere,” ele disse.

“Espere – eu não posso deixar você se machucar outra vez...”

Enquanto isso, Dylan empurrou Bliss mais e mais com sua mente, sua fúria cruel, seu poder só mais amedrontador com sua precipitação. Bliss caiu de joelhos. Não haveria ginástica telepática da sua parte.

Agora era a vez de Schuyler gritar.

Schuyler virou para lhe implorar que parasse.

Dylan não tomou conhecimento dela, e acariciou a bochecha de Bliss com a outra mão. Ele inclinou-se, a boca em seu pescoço. Schuyler pode ver seus dentes aparecerem. Eles estavam prestes a tirar sangue.

“Não...Dylan...Por favor,” Bliss sussurrou. “Não...”

“Me deixe ir.” Schuyler sacudiu Oliver fora dela. Bliss assistiu como sua amiga freneticamente preparava um encantamento que iria quebrar o aperto de Dylan.

Mas pouco antes de Schuyler poder enviar a coerção, os ombros de Dylan tremeram e ele caiu no chão por sua própria vontade, abruptamente liberando sua vítima. Bliss se dobrou no chão, violetas marcas de dedos florescendo em seu pescoço.

Dylan pôs a cabeça entre os joelhos e chorou.

“O que diabos aconteceu?” Ele chorou, e finalmente ele tinha uma voz que Bliss reconhecia. Pela primeira vez naquela noite, Dylan parecia o mesmo.

Capítulo 08

"Tente isso," Mimi disse, segurando uma colher com algo gelatinoso. "Está uma delícia."

Seu irmão olhou desconfiado para o prato de entrada. O Gelée de ouriço com aspargo espumado não soou bem. Mas deu uma mordida virilmente.

"Viu?" Mimi sorriu.

"Não tão ruim." Jack assentiu. Ela estava certa como sempre.

Estavam sentados em uma bancada privada em um restaurante localizado na brilhante Time Warner Center. Um restaurante que era, nos tempos mais antigos, o mais cara e mais badalado restaurante de Manhattan. Conseguindo uma reserva no Per Se era como conseguir uma audiência com o papa. Próximo do impossível. Mas era para isso que servia a secretária de seu pai.

Mimi gostava do novo shopping, como ela chamava-o. Era brilhante e lustroso e escorregadio. Bem como a Torre Force. Ele cheirava excitantemente caro, como um novo Mercedes. O prédio e tudo nele era um canto de glória do capitalismo e do dinheiro. Você não poderia gastar menos do que 500 dólares em uma refeição para dois em nenhum dos seus restaurantes 4 estrelas. Esse era o pos-prosperidade, a Nova Iorque de financistas e novos bilionários, a Nova Iorque de jóqueis impetuosos com esposas de troféu exibindo seus portes de lipoescultura e extensões de cabelo de couture.

Jack, claro, odiava aquilo. Jack preferia uma cidade que ele jamais tinha experimentado. Ele se sentia nostálgico sobre os dias legendários do Village, quando ninguém além de Jackson Pollock* e Dylan Thomas** poderiam ser encontrados perambulando as ruas de paralelepípedo. Ele gostava de ânimo e sujeira e uma Times Square que era conhecida por seus brasões e de negociantes de three-card-monte*** negociantes e bares subterrâneos de suco (já que os clubes de strip não podiam servir álcool). Ele não podia suportar uma Nova Iorque que tinha sido assumida por gente como Jamba Juice****, Pinkberry***** , e Cold Stone.*****

*Paul Jackson Pollock, foi um pintor dos Estados Unidos da América e referência no movimento do expressionismo abstrato.

**Dylan Marlais Thomas nasceu em Swansea, no País de Gales, a 27 de outubro de 1914. Considerado um dos maiores poetas do século XX em língua inglesa

***Um tipo de jogo de cartas

****Uma loja nos EUA que vendi sucos de fruta.

***** Uma loja que vende guloseimas feitas de iogurte congelado (textura parecida com sorvete) com vários acompanhamentos saborosos como frutas e doces.

***** Uma loja de sorvete.

Eles estavam prontos para desprezar o precioso restaurante de 16 mesas no meio do que era essencialmente um shopping. Mas como cada prato apareceu—caviar e sabayon de ostra, trufas brancas generosamente raladas sobre talharim escorregadios de tagliatelle, medula sobre a carne mais rica de Kobe—Mimi podia ver que ele estava mudando de idéia. Cada prato consistia de um mero punhado de mordidas, o suficiente para animar os sentidos e os deixar arquejando pelo próximo reparo gastrônomo.

Eles tinham caminhado aquela noite para encontrar um lugar lotado de Blue Bloods, o que era meio que inesperado já que vampiros só comiam para divertirem-se a si mesmos, mas aparentemente até aqueles que não precisavam de alimentos apreciavam suas papilas gustativas sentirem cócegas. Um casal de anciãos, emeritus membros do Conclave- Margery e Ambrose Barlow—ocupavam uma mesa no canto. Mimi viu que Margery tinha pegado no sono de novo, como ela fazia entre os pratos. Mas o garçom que parecia estar acostumado a isso, cimplesmente a sacudia cada vez que servia um novo prato à mesa deles.

"Então como foi o encontro?" Jack perguntou casualmente, depositando a colher e assentindo para o garçom que ele tinha acabado.

"Interessante," ela disse, tomando um gole de seu vinho. "Kingsley Martin está de volta."

Jack pareceu surpreso. "Mas ele..."

"Eu sei." Mimi encolheu. "Lawrence não explicaria. Aparentemente existe uma razão, mas é muito importante para compartilhar com o Conclave. Eu juro, ele dirige aquele negócio como no século dezessete. É uma farça ter 'membros votantes'. Ele não pergunta nossa opinião para nada. Ele faz o que quer."

"Ele deve ter uma bvoa razão para isso," Jack disse, seus olhos brilhando enquanto o garçom trazia novas delícias. Ele parecia desapontado de descobrir que isso era só uma salada de batata. Mimi enrugou a testa em forma de desagrado. Ela estava esperando por fogos de artifício gastronômicos, não um prato de piquenique. Mas uma prova e ela mudou de idéia. "Essa é... a... melhor salada de batata ... do mundo." Jack concordou, enquanto ele ocupadamente devorava.

"Isso aqui é, não é?" Mimi disse, indicando o lugar e a vista do Central Park. Ela alcançou a mão dele através da mesa.

Quase ser morta em Veneza foi provavelmente a melhor coisa que tinha acontecido com a relação dele. Encarar a persprectiva de perder a gêmea dele para sempre, Jack se tornou uma alma de devoção.

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>

Ela ainda se lembrava de como ele a tinha abraçado na noite após o Julgamento de Sangue. Seu . O rosto dele tinha envelhecido durante a noite de preocupação. "Eu estava com tanto medo. Com tanto medo de te perder."

Mimi tinha mudado bastante para perdoar as transgressões dele. "Nunca, meu amor. Ficaremos juntos para sempre."

Depois disso, não haviam mais falado sobre Schuyler. Até mesmo quando o pequeno rato se mudou para a casa deles, Jack permaneceu frio e indiferente, Ele nunca falava com ela, ele mal olhava para ela. O tanto que Mimi podia dizer, secretamente investigando a mente dele quando a guarda estava baixa, ele nunca pensava em Schuyler. Ela era simplesmente uma visita irritante. Como uma mancha que não se podia apagar.

Talvez ela tenha percebido o que queria afinal de contas. Ela não pode se livrar de Schuyler, mas o ataque tinha prosperado em segurar o amor de seu gêmeo vampiro. "Lagosta escaldada na manteiga", o garçom murmurou, silenciosamente colocando os dois pratos. " Então eu estava pensando, nós poderíamos convidar todo mundo para o Enlace," Mimi disse, entre as mordidas. Jack grunhiu.

"Oh, eu sei. Você gosta do jeito fora de moda, só nós dois a luz da lua, blah blah blah. Mas lembra de Newport? Agora aquilo foi festa. E você sabe, fazer o Enlace no Baile dos Four Hundred está na moda agora. Ouvi que Daisy Van Horn e Toby Abeville acabaram de firmar o Enlace em Bali. Era um 'Enlace destinado'", Mimi riu com dissimulação.

Jack fez sinal para o garçom por outra garrafa de vinho. "Sabe, a maioria dos Red Bloods esses dias espera até os 30 anos para se casar. Qual a pressa?" ele perguntou, concernente com satisfação suprema do sétimo—ou era oitavo? prato: uma tigela de sopa fria de ervilha.

"Bem, meu sangue é azul, meu amigo." Mimi curvou os lábios. Verdade, os Red Bloods esperam um ridículo longo tempo para se comprometer, mas aqueles eram meros casamentos terrenos. Humanos quebram seus votos todos os dias sem consequência. Essa era uma situação celestial. Enquanto para vampiros gêmeos era uma tradição fazer o Enlace no 21º aniversário, Mimi não via nenhuma razão para esperar, e não havia nada no Código que dizia que eles não poderiam fazer isso mais cedo. Quanto mais cedo eles fizessem os votos, melhor.

Quando os juramentos eram trocados, suas almas se moldariam uma ao do outro. Nada poderia vir entre eles. Se tornariam um neste tempo de vida, como fizeram em todas as outras. Uma vez o Enlace selado, não podia ser quebrado durante o ciclo. Schuyler se tornaria nada mais que uma memória distante. Jack ia esquecer de qualquer sentimentos que teve por ela. O Enlace trabalhava em maneiras misteriosas e irrevogáveis. Mimi o tinha visto em tempos de vidas

anteriores—como seu gêmeo ansiara por Gabrielle (que estava agora como Allegra Furgão Alen neste ciclo) na sua juventude, mas uma vez que ele dissesse seus juramentos, ele sequer se lembraria do nome dela. Azrael seria a única estrela negra no universo dele.

"Nós não deveríamos nos formar ?" Jack perguntou.

Mimi não escutou. Ela já planejava seu vestido de Enlace. "Ou eu não sei, talvez podíamos fugir para casar no México, o que você acha?"

Jack sorriu, e continuou a comer sua sopa.

Capítulo 09

Ocorreu a Schuyler que a última vez que ela esteve no Odeon, foi com Oliver e Dylan. Foi pouco mais de um ano atrás - Dylan tinha sido recentemente transferido para a Duchesne, e o motorista de Oliver tinha pegado eles no centro. Eles tinham vagado pelas ruas, entrando e saindo de lojas, livrarias e lojas de discos, apalpando em jarros farmacêuticos, tendo a palma das mãos lidas por uma cigana na calçada. Então no final do dia, eles marcharam para o restaurante, em uma das confortáveis, tendas rachadas de couro vermelho e comeram moules frites*, enquanto Dylan pedia cervejas com sua identidade falsa e contou a eles histórias sobre ser expulso de todas as escolas preparatórias da região nordeste. Dylan estava dizendo a eles uma nova história agora, Bliss sentada calmamente ao seu lado.

Estava dizendo a eles sobre o que tinha acontecido com ele.

*São moluscos fritos.

Agora que ele não estava tentando mata-la, Dylan não parecia tão assustador, tão...louco e sem foco. Agora, ele parecia apenas muito magro, como um gato largado na chuva enquanto seus donos estavam de férias. Seus olhos estavam encoberto pelas pesadas pálpebras, e havia hematomas pretos em seu rosto. Sua pele parecia amarelada e ele tinha cortes - pequenos cortes em todos os lugares do seu antebraço, como se ele tivesse atravessado o vidro. Talvez ele tivesse.

Oliver colocou um braço em torno de Schuyler. Depois do que aconteceu, ele tinha sido além de cuidadoso com quem iria vê-los juntos. E pela primeira vez Schuyler concordou. Ela gostou da sua mão lá. Gostava de se sentir protegida. Sua mente flutuou para o apartamento vazio em Perry Street. Mas ela se fez focar em Dylan.

“Eu não me lembro muito, realmente. Eu fugi, você sabe. Fui para a velha casa Ward em Shelter Island...eu levei alguma proteção pra lá. Mas a besta me alcançou eventualmente. Eu não me lembro muito do que aconteceu, mas eu consegui fugir novamente, e dessa vez eu tive alguma ajuda.”

“Venators,” ele continuou em um tom respeitoso. “Você sabe sobre eles, certo?” Eles concordaram. Eles também sabiam que um tinha sido enviado para Duchesne. Bliss disse a eles sobre como Kingsley Martin estava de volta. Seu pai tinha estado na reunião do Conclave naquela tarde. Mas Schuyler não prestou atenção às notícias; ela queria saber o que tinha acontecido com Dylan.

“De qualquer forma, eles me deixaram ficar com eles, cuidaram de mim

enquanto eu estava me recuperando. Um dos Silver Bloods me pegou muito mal no pescoço. Mas os Venatos disseram que estava tudo bem, que eu não havia sido ‘corrompido’ você sabe... ‘transformado’ em um deles. De qualquer forma.” - Ele olhou Schuyler cauteloso - “Eu ouvi suas conversas...como o Conclave tinha finalmente descoberto quem era o Silver Blood entre nós, e eles disseram - ” “Eles disseram que era eu, não é?” Schuyler perguntou, pegando uma batata frita do prato de Oliver.

Dylan não negou. “Eles disseram que era você, que você foi um. A noite no banco. A última coisa que me lembro foi de sair com você, Schuyler, e eles disseram que foi você quem me atacou.”

“Você acredita nisso?” Ela perguntou.

“Eu não sei em que acreditar.”

“Você sabe mesmo quem ela é?” Oliver exigiu. “Eu digo, estou contente que você está de volta e tudo, cara, mas você está falando diretamente. Schuyler é...sua mãe é...” Oliver estava com tanta raiva que não pôde terminar.

“Você conhece a história de Gabrielle?” Schuyler perguntou.

“Um pouco,” Dylan admitiu. “Gabrielle, a incorrupta, que era ligada a Michael, puro de coração. O único vampiro que não pecou contra o todo poderoso. Neste ciclo, o nome de Michael é Charles Force. E daí?”

“Gabrielle é minha mãe.” Ela lhe disse.

“Mostre a ele,” Bliss pediu.

Schuyler empurrou o largo relógio masculino que ela usava em seu pulso direito. Empurrou-o da mesma maneira que ela tinha visto Charles fazer a noite em que ela tinha acusado ele de ser um Silver Blood. Quão engraçado que agora ela tinha utilizado para limpar seu nome exatamente da mesma maneira.

Gravado em sua pele, assim como na de Charles, estava a marca. Saliente, como se estivesse queimada lá, um selo. Uma espada perfurando nuvens.

“O que é isso?” Dylan perguntou.

“A marca do arcanjo,” Oliver explicou. “Ela é uma filha da luz. Não há nenhuma maneira dela ser um Silver Blood. Ela é o oposto. É o que eles temem.”

Schuyler tocou na marca. Sempre esteve lá, desde que ela nasceu. Ela tinha pensado que era simplesmente uma estranha marca de nascença, até que Lawrence tinha mostrado isso.

Dylan olhou para a marca. Ela brilhou. Ele cruzou a si mesmo. Olhou para o prato de bife frito. “Então, quem eram eles, os Venators que me ajudou.” Ele perguntou, sua voz rouca.

Oliver sorriu. Ele deu um tapinha na mesa de frente ao seu amigo. “Não é obvio?”

“Não.”

“Eu sei exatamente quem eles eram. Eram os Silver Bloods.”

ARQUIVO DE GRAVAÇÕES DE AUDIO:

Repositório de História.

DOCUMENTO CLASSIFICADO.

Apenas libertação Altithronus

Transcrição do Venator relatório arquivado 2/15

ATUALIZAÇÃO DYLAN WARD: Assunto foi interrogado e liberado.

Transcrição do relatório destruído de acordo com o mandato do Regis 1011.

Capítulo 10

"Tem certeza de que você ficará bem?" Bliss olhou ao redor do quarto sujo. Ela nunca tinha estado lá dentro. Dylan sempre tinha insistido para que se encontrassem na entrada do Hotel Chelsea. O hotel já tinha tido dias melhores. Ele estava dilapidado e desmoronando, um dos mais velhos marcos de Nova York, com um passado literário e escandaloso. O Chelsea foi onde um viciado em heroína Sid Vicious supostamente apunhalou Nancy Spungen*, onde Dylan Thomas** morrou como alcólatra. Foi também o lugar que inspirou "Sara" de Bob Dylan (Stayin' up for days at Chelsea Hotel...)*** e onde Allen Ginsberg escreveu alguns dos seus poemas.

* Sid Vicious foi um músico inglês, conhecido por tratar-se de um ícone da cultura punk, baixista da banda Sex Pistols e Nancy Spungen era sua namorada drogada que tentava a vida como prostituta em Nova York. Sid encontrou Nancy morta no apartamento em que moravam e foi preso por suspeita de assassinato.

** Dylan Marlais Thomas foi um poeta do País de Gales.

*** Letra da música de Bob Dylan que também morou no Chelsea.

Ela andou pelo quarto, perscrutando a rua chuvosa pelas persianas. A primeira noite que ele tinha voltado para ela, ela tinha ficado chocada e feliz ao mesmo tempo. Ela nunca tinha acreditado de verdade que ele tinha partido, mas isso ainda era difícil de acreditar que ele estava vivo.

Aquela noite ela tinha implorado para ele que ficasse por perto, mas ele tinha insistido de ficar no hotel. Ele se sentia mais seguro no centro da cidade, tinha dito, e tinha tremido ao pensamento de gastar outra noite em um desses conjuntos de hotel de pelúcia de cinco-estrela que o Conclave o tinha prendido em uma armadilha enquanto foi investigado pela morte de Aggie Carondolet. Na noite que ele tinha voltado, ela quis ficar perto dele, para sentir seu corpo perto do dela. Ela sentiu um parentesco mais próximo dele ao saber que ele era como ela, um vampiro, do que um mero Red Blood que ela poderia sugar. Antes dele sumir, eles tinham... não exatamente um relacionamento, mas mais do que um flerte. Estavam prestes a começar algo... Ela ainda se lembrava do gosto da pele dele, de sentir as mãos dele embaixo da camisa dela.

Mas Dylan não tinha demonstrado nenhum interesse em retomar de onde eles tinham parado. Mesmo que ele nunca a tenha rejeitado totalmente, ela ainda se sentia romanticamente rejeitada. Aquela primeira noite, ela tinha tentado colocar os braços ao redor dele, e a tinha abraçado impacientemente, rapidamente deixando rolar como se tocá-la fosse repulsante. Ele tinha exigido que procurassem por Schuyler e a confrontassem, e Bliss gastou horas falando com

ele sobre seu plano. Eles tinham discutido, e ela foi com ele até o hotel, onde ele ficou impaciente desde então...

Nessa suja e fedorenta suíte. Eles não tinham uma empregada? Por que isso era permitido? Jornais empilhados até o alto, latas vazias, cinzeiros inundados com guimbas.

"Desculpe pela bagunça."

Ela se sentou no canto de um sofá jogado que estava coberto com pedaços dominicais do Times. Ela de repente se sentiu cansada. Tinha esperado que ele voltasse, sonhando com isso tanto tempo- e agora aqui estava ele, mas não era nada como ela imaginou. Tudo estava errado, errado, errado. Ele tentou machucar Schuyler, tinha tentado machucá-la.

Como se soubesse o que ela pensava, Dylan falou: "Bliss, eu não sei o que me trouxe de volta. Você sabe que eu nunca...nunca..."

Mas assentiu. Ela queria acreditar nele, mas a intensidade da força dele na mente dela ainda latejava. Ele fez isso com ela, cortado-a com uma faca- uma faca mental, mas isso não diminuía a agudeza da lâmina.

Dylan sentou-se perto dela no sofá e a puxou para ele. O que ele estava fazendo? Agora ele queria beijá-la? Agora ele queria que ficassem juntos? Quando ele não tinha feito nada além de fazê-la acreditar que ele não queria aquilo?

Ela tinha que concordar com Schuyler e Oliver. Dylan era perigoso. Ele tinha mudado. Foi corrompido? Ele estava se tornando um Silver Blood? Ele tinha matado Aggie, não tinha? Depois do encontro deles no Odeon tinham colocado Dylan em um táxi, e Bliss teve uma rápida conferência sussurrada com Sky e Ollie.

"Ele não pode ficar só."

"Eu ficarei com ele," ela tinha prometido a eles.

"Tome cuidado. Ele não é o mesmo."

"Ele não está são."

"Eu sei," Bliss admitiu.

"O que vamos fazer?"

"Vamos descobrir. Nós sempre descobrimos." Esse era Oliver. Sempre otimista. E agora aqui estava ela, nesse sujo e fedorento quarto, com um garoto que ela um dia tinha amado tanto que seu coração tinha parado de bater por meses depois do desaparecimento dele.

Dylan tirou a sua capa. Era uma de nylon, uma japonesa leve, do tipo vendiam em armazéns onde você podia comprar pneus no mesmo corredor que podia comprar suas roupas de baixo. Ela indistintamente lembrou-se do recheio de uma capa sangrenta de couro no lixo. O que aconteceu aquilo? Incinerado. Ela endureceu quando mão dele passeava ligeiramente pelo seu braço.

"O que você está fazendo?" ela perguntou, querendo se zangar mas sentindo um apressar, uma pequena animação em vez disso. Ele era tão diferente dos rapazes Red Bloods que ela tinha tido. Mimi estava certa—havia algo sobre estar com sua própria espécie que fazia o sangue correr de maneira diferente.

Ela afagou sua bochecha. "Bliss..." A maneira que ele disse seu nome, tão suavemente, tão intimamente, sua respiração aquecendo a orelha dela.

"Fique comigo," ele disse. Antes que mesmo que ela indiferentemente protestasse, ele destramente tinha manobrado para que se deitassem no sofá, os joelhos dela embaixo dos dele, as coxas dele pressionando contra as dela, suas mãos entrelaçando o cabelo dela e ela corria as mãos por todo seu peito—ele estava esquelético, mas havia uma dureza nos músculos que não tinham estado aí antes—então a língua dele estava na sua boca...e era tão doce... Ela podia sentir as lágrimas atrás dos olhos escorregando bochecha abaixo, e ele as beijava...Deus, ela tinha sentido falta dele...Ele a tinha magoado, mas talvez você só magoa a quem você ama?

Ele procurou desajeitadamente pela bainha da camisa dela, e ela o ajudou a levanta-la; ele enterrou seu rosto no oco embaixo de seu pescoço, e então repentinamente ele pulou longe, como se algo o queimasse.

"Você ainda tem essa coisa," disse, inclinando tão longe quanto podia, pressionado contra a outra ponta do sofá, longe dela. "Palma Diabolos ..." ele falava numa linguagem que ela não podia entender.

"O que"? ela perguntou, ainda atordoada pelos beijos. Ainda sentindo bêbada com seu cheiro. Olhou para onde ele apontava.

O colar. A Maldição de Lúcifer. A esmeralda pendurada numa corrente sobre o seu coração. De qualquer maneira ela nunca o tinha retornado ao cofre do seu pai. De alguma maneira ela tinha criado o hábito de usa-lo por toda parte. Confortava-a saber que estava aí. Quando ela o tocava, ela sentia-se...melhor. Segura. Mais como ela mesma.

Dylan a olhou golpeante. "Eu não posso beija-la com essa coisa ao redor do seu pescoço".

"O que"? Bliss puxou a camisa sobre a sua cabeça.

Ele continuava a parecer como se tivesse sido envenenado. "Você tem estado usando isso desde o começo. Então essa é a razão pela qual eu não podia ... sabia que tinha uma razão". Então ele tagarelou outra vez. Numa linguagem diferente. Desta vez soou chinês.

Bliss colocou a camisa de volta Ele era incrível. Ela tinha sido uma idiota total. Tá bom, talvez tenha prometido a Schuyler e Oliver que o vigiaria, mas não era como se ele fosse um perigo. Ele sabia que Schuyler não era uma Silver Blood. E mais, ele era suficientemente crescido para cuidar de si.

Ela certamente não ia permanecer aqui um segundo a mais. Tinha sido humilhada. Ela não tinha nenhuma idéia de como ele realmente se sentia sobre ela. Ele parecia quente e frio. Num minuto ele arrancava suas roupas, e o próximo minuto que ele agachava-se longe dela como se seu corpo fosse a coisa mais repugnante que ele tinha visto. Estava cansada deste jogo.

"Você está indo?" Dylan perguntou enquanto ela reunia suas coisas e se dirigia em direção à porta.

"Por agora".

Ele a fitou tristemente. "Sinto saudades quando você se vai".

Bliss assentiu como se ele somente dissesse algo inócua sobre o tempo. Dylan podia levar seus olhos envergonhados e sua voz sexy para outro lugar. Ela só queria ficar sozinha.

Capítulo 11

“Última chamada, caras,” a garçonete informou a eles. “Outro Campari?” Ela perguntou a Oliver.

Ele sacudiu os cubos de gelo e esvaziou o copo de coquetel em um gole. “Claro.” “Qualquer coisa pra você?”

Schuyler considerou mais um copo de Johnnie Walker Black. Ela costumava odiar o gosto de Whisky, mas recentemente havia desenvolvido uma preferência por ele. Era ardente, doce e succulento – a coisa mais próxima que você pode conseguir do gosto de sangue. Oliver tinha lhe pedido uma vez para descrever com o que o gosto se parecia, já que ele não tinha visto a atração. Para ele, o sangue parecia metálico e ligeiramente doce. Schuyler explicou que vampiros provavam o sangue com um sentido diferente – era como beber fogo.

Daí, seu recente amor por Whisky.

“Claro, porque não,” ela ordenou a garçonete. Não era como se ela fosse ficar bêbada. Embora Oliver parecesse como se estivesse bem em sua forma. Ele tinha herdado o hábito de se fortalecer com álcool sempre que eles estavam juntos. Claro, ele não estava bêbado quando eles estavam juntos na escola – mas aqueles abruptos encontros eram tão breves que isso não importava. Mas ela notou que eles sempre gastavam uma quantia substancial de tempo juntos, ele estava sempre um pouco embriagado.

A garçonete voltou com dois copos de coquetel cheios até a borda. Já passava da meia noite, e as únicas pessoas deixadas no lugar eram clubkids* parecendo grogues – pegando o café da manhã depois de uma madrugada gasta na champagnalias* cordas de veludo, ou clubkids parecendo grogues – pegando o café da manhã antes de uma manhã depois de horas, limitada em poltronas onde nenhum álcool era servido e a clientela preferia seus altos produtos químicos.

* Clubkids foi um grupo de jovens de New York, que eram conhecidos por seus costumes escandalosos e o extenso uso de drogas como ecstasy, cocaína, heroína, nos anos 80 e 90.

*juro que não achei tradução pra isso, e nem significado.

Oliver bebericou seu coquetel através de um canudo vermelho. Ela achava amável em como ele gostava das coisas doces. Oliver odiava cerveja e todos os habituais enfeites que ele chamava de “el jocko – Americano.” De certo modo as bebidas de garotas fazem dele mais másculo, aos olhos de Schuyler. Ele não tinha medo de ser ele mesmo.

Era tão bom finalmente sair com Oliver em público. Ela poderia muito bem não

afundar suas presas nele com outras pessoas ao redor. Ultimamente, sempre que estavam sozinhos, isto pairava no ar, uma expectativa de sua parte, e Schuyler tinha perdido sua fácil amizade. Ela relaxou em sua companhia.

“Por que você bebe tanto em torno de mim?” Ela perguntou, tentando manter sua voz clara.

“Estou ofendido. Você acha que eu sou um bêbado?”

“Um pouco.”

“Eu não sei,” ele olhou para o teto, em vez de olhar diretamente para ela. “Cara, você me assusta às vezes.”

Schuyler quis rir. “Eu assusto você?”

“Sim, você é a toda – Super mulher vampiro. Você poderia ter realmente feito algum dano a ele, você sabe.” Oliver sorriu, apesar de Schuyler saber que ele estava mais perturbado do que deixava transparecer.

“Ele está bem,” Schuyler retrucou. Ela realmente não queria se concentrar em o que poderia ter acontecido lá atrás. Ela teve Dylan em seu alcance. Ela sentiu a sua mente tocando a dela. Tinha sentido todas suas memórias gritando para serem libertadas. E ela não queria mais nada do que esmagar elas – silenciar todas suas vozes. Ela tinha tido isso em seu poder. Era um pensamento sóbrio, então ela tomou um outro gole da sua bebida.

“Ele não está bem,” Oliver disse. “Você sabe que nós temos que contar a Lawrence sobre ele, não sabe? Eles terão que fazer algo sobre isso. Ele está mostrando sinais clássicos de corrupção. Desilusões, Histeria, Locura.”

Um garçom limpou a mesa e deu a eles um olhar. Schuyler sabia que eles deveriam partir, a equipe estava pronta para ir pra casa. Mas ela queria se demorar com Oliver só mais pouco. “Como você sabe tudo isso?”

“Eu fiz minha leitura. Você sabe, as coisas que Lawrence nos disse para olhar?” Certo. Schuyler se sentia culpada. Ela tinha sido negligente com suas lições de vampiro. Lawrence estava usando Oliver para mantê-la informada sobre seus estudos. Ela deveria estar se concentrando em purificar suas forças, em afiar seus dons, mas ela tinha estado distraída. O apartamento em Perry Street...

“Você acha que Dylan estava mentindo para nós?” Ela perguntou.

“Não, acho que ele pensou que estava dizendo a verdade, tanto quanto ele sabia. Mas ele está, obviamente, sendo manipulado.” Oliver rachou cubos de gelo em sua boca. “Eu não sei se acredito que ele realmente já se afastou deles. Eu acho que eles o deixaram ir.”

Schuyler ficou em silêncio. Eles tiveram que o deixar ir para que pudesse terminar o trabalho que ele falhou antes. Dylan tinha atacado ela – duas vezes – antes dele repentinamente desaparecer. Tinham o escolhido porque ele estava perto dela, era um de seus melhores amigos. Ela não podia negar: alguém queria

matá-la. Ela queria compartilhar esse feito com Oliver, mas manteve para si mesma. Ele se preocupava com ela o suficiente.
Oliver olhou para a fatura e puxou seu cartão de crédito. “Então, como estão as coisas lá na Death Star*?”

* ele se refere à ‘estrela da morte’ do filme Star Wars, que é uma arma criada como uma estação espacial

“O mesmo.” Schuyler sorriu, embora se sentisse mal o suficiente para vomitar. Era difícil ver Oliver e não se odiar por causa do que ela estava fazendo a ele. “Então...” Oliver suspirou. Schuyler sabia onde isso estava indo e desejou novamente não ter feito dele seu familiar.
“Então?”

A garçonete voltou com o comprovante do cartão de crédito e sugeriu que se eles ficassem por mais tempo, eles teriam que sair pela porta de trás.

Oliver embolsou seu cartão e tentou tomar outro gole da sua bebida, já vazia. “Eu estava no meu caminho para encontrar você no Mercer quando Bliis ligou. Ela disse que você estava aqui embaixo, na Perry Street. Eu pensei que isso era um pouco estranho, desde que nós tínhamos concordado em se encontrar no Mercer, como de costume, mas ela disse que estava certa sobre você estar lá. O que você estava fazendo naquela construção, de qualquer maneira?”

Schuyler não olharia nos olhos dele. “Coisa de modelagem. Linda Farnsworth tinha um lugar para as modelos se encontrarem lá. Bliss e eu vamos lá algumas vezes para passar o tempo com outras garotas. Eu não percebi o tempo. Me desculpa se deixei você esperando.”

“Bem, um, desde que nós não conseguimos nos encontrar como planejado, você não quer...”

Ela mais fácil para ele recusar esse tempo, desde que ela já tinha tomado sua decisão mais cedo. Schuyler balançou a cabeça. “Não, eu tenho que estar de volta para o toque de recolher. Estou atrasada o suficiente para isto, e se Charles descobrir - ”

“Foda-se Charles.” Oliver lançou um palito através da mesa, então ele pousou no chão. “Quero dizer, Deus, às vezes eu estou tão cansado de toda essa merda.”

“Ollie - ”

“Eu só quero que estejamos juntos,” ele disse, olhando para o teto novamente.

“Quer dizer, eu sei que não é possível. Mas por que não? Por que deveríamos seguir as velhas leis? Por que alguém deveria se importar, de qualquer forma?”

Ele cercou. “Você não quer que estejamos juntos?” Desafiou, sua voz afiada. Schuyler se moveu para pegar a mão dele. “Eu quero Ollie, você sabe que eu

quero.” Ele era seu aliado, seu parceiro no crime, sua consciência e seu conforto. O rosto de Oliver se transformou em um olhar de extrema felicidade e satisfação. Ele sorriu para ela, então, e Schuyler esperava com todo seu coração que ele nunca iria descobrir a verdade.

Capítulo 12

Estava tarde quando Mimi e Jack finalmente cambaleou para fora do PerSe. A conta da refeição deles era da casa dos 4 dígitos, não que Mimi estivesse surpresa. Ela estava tão acostumada a pagar preços exorbitantes por tudo na vida, que as vezes reclamava quando descobria que algo era mais barato do que ela esperava. "O que eles acham, que eu sou pobre?" ela choramingava. "Que eu não posso bancar Água FIJI?"*

*Uma marca de água que vem de Fiji, uma ilha no Pacífico, famosa por ser pura que as celebridades adoram.

Jack a repreendeu por sua extravagância. "Esse é o erro dos novos ricos, você sabe, acreditar que ter um monte de dinheiro é o mesmo que ter um montante infinito de dinheiro."

Mimi olhou para ele incrédula. "Você acabou de me chamar de nova rica?"

Jack caiu na gargalhada enquanto eles chegavam no elevador. "Acho que sim."

"Bastardo!" Mimi fingiu estar terrivelmente ofendida. "Nosso dinheiro é tão antigo que mantém o seguro social. Bancarrota está fora de questão."

"Espero que sim. Você não disse que Lawrence reportou uma grande queda nos lucros?"

Ela fingiu um grande bocejo. "Não me aborreça com detalhes. Não estou preocupada."

Eles caminharam na noite. Atravessando a rua, cavalos atrelaram a taxis com turistas esperando nas pistas. Estava frio—a última draga de inverno. Os vestígios da tempestade de neve mais recente permaneciam, gelo rachado no topo de caixas de lixo e nas calçadas.

Jack esticou a mão e um Bentley* preto macio e grande parou no meio-fio.

*Esse carro aqui:

http://www.transportcafe.co.uk/bentley_cars_military_vehicles_kangoo/bentley_continental_gt_priceless.jpg

"Casa?" Mimi perguntou enquanto deslizava no assento.

Jack se inclinou, sua mão descansando na ponta da porta. "Te vejo daqui a pouco. Eu disse ao Bryce e ao Jaime que os encontraria no clube."

"Oh."

Ele tocou a bochecha dela. "Não me espere acordada, ok?" Então ele fechou a porta e na janela. "Leve-a para casa, Sully."

Mimi deu tchau para ele através do vidro embaçado, seu bom humor evaporando enquanto via ele atravessar a rua e pegar um táxi em direção ao centro da cidade.

"Casa, Senhorita Force?" Sully se virou.

Ela estava prestes a assentir. Estava cansada. Casa soava uma boa idéia. Embora

ela estivesse um pouco de ir para casa sozinha. Ela brincou com a idéia de segui-lo, mas Jack estava sendo tão devoto ultimamente... Não havia nada a suspeitar...Ele sempre encontrava Bryce e Jaime Kip no clube...garotos idiotas. E além do mais, ela andava vigiando ele como um gavião nas últimas semanas, desde Veneza, e se sentia culpada porque não havia encontrado nada. Do que ela estava tão preocupada afinal de contas?

Mas tinha que ser honesta consigo mesma. Estava preocupada. "Ainda não, Sully. Vamos ver aonde ele está indo."

O motorista assentiu. Ele havia ouvido esse pedido antes.

"Esteja seguro de que ele não nos veja."

O carro seguiu o taxi encabeçando na Rodovia West Side. O Bloco 122 estava fechado, e o novo clube do momento, o Dante Inn, estava localizado longe do centro da cidade, na West Village, no porão de um daqueles prédios novos de vidro bem na Rodovia. Mimi se lembrava de Jack ter dito que a família havia comprado um apartamento lá, como um investimento. O lugar estava sendo alugado para alguma celebridade.

O carro parou na entrada, uma corda veluda enganchada entre duas redes de escada de incêndio e protegida por um homem alto num sobretudo preto. O Dante Inn era um local menor, menos espalhafatoso do que o Bloco 122, mas ainda mais exclusivo. Jack desceu e desapareceu lá dentro.

Mimi recostou de volta sorridente. "Ok, vamos lá." Ela assistiu enquanto uma limosine branca dirigia em frente a eles. Deus, as pessoas eram tão pegajosas. E Jack a estava chamando de nova rica?

Ela tentou ver se poderia reconhecer as pessoas dentro da limosine- aquele tinha que ser um ator famoso, porque estava vestindo um chapéu de feltro- quando ela viu algo mais: alguém emergiu das sombras e dentro das portas principais do prédio. Uma figura em um casaco de chuva prateado, com uma cabelo preto.

Não

Não podia ser.

Não podia ser Schuyler Van Allen. Podia? Claro que era.

Mimi sentiu seu coração. Era muita consciência. Jack estava no clube que era localizado no porão do mesmo prédio que Schuyler tinha acabado de entrar.

Não podia ser. A mente dela; tinha perdido algo? Mas ele estava sendo tão indiferente, tão frio com Schuyler. Ele não podia estar ainda apaixonado, podia? Ele protestou muito.

Mimi nunca tinha sido uma grande fã de Shakespeare, nem mesmo durante nenhum tempo de vida, mas se lembrava das partes importantes. Aquele era definitivamente o inverno do seu descontento.

Ela sabia, sem ter confirmado, que não importa o que tipo de dificuldades que

Jack colocasse no mundo, o tipo de mentiras que ele contava para ela, havia um lugar secreto no seu coração que ela não podia ler nem podia compreender. Um lugar secreto que era dedicado a outra pessoa. Um lugar secreto habitado por Schuyler Van Alen.

Estranhamente suficiente, Mimi não sentiu traída, nem golpeada, nem devastada. Ela meramente sentiu uma tristeza pesada. Tinha tentado tanto ajudá-lo. Tinha tentado mantê-lo leal a ela.

Como ele podia agir com nenhum temor de represália? Ele sabia das leis assim como ela. Sabia o que estava em jogo. Sabia o que ele podia perder.

Oh, Jack. Não me deixe ter que machucá-lo. Não nos deixe ser alienados desta maneira. Não me faça tem que caçar você.

Capítulo 13

“Pensei que você tivesse esquecido.”

Schuyler sorriu enquanto removia sua capa de chuva e pendurava no gancho. Ela tinha acabado de entrar no apartamento com a sua chave. Uma chave que ela mantinha numa fita de seda ao redor de seu pescoço. Ela nunca tirou a fita fora, por medo de que seria roubada. Entrou no prédio de forma normal. Teve uma palavra gentil com o guarda. Conduziu para cima no elevador, trocando gentilezas com os vizinhos. Murmurou ao bebê deles enrolado dentro de um carrinho de mil dólares forrado de lã. Imaginou apenas que ela fosse como eles. Mais nenhum truque de vampiro por uma noite.

“Esperando por muito tempo?” Ela perguntou.

“Cheguei há pouco aqui,”

Ele estava de pé contra uma coluna, os braços cruzados em sua frente. Ainda estava usando a mesma camisa branca daquela manhã, um pequeno amassado no final do dia, e tinha afrouxado sua gravata, deixando-a cair para o lado. Mas ele ainda estava dourado e lindo. Seus olhos verde mar dançaram com divertimento e desejo. Jack Force. O garoto que ela tinha esperado para ver a noite toda. O garoto que ela tinha esperado por toda sua vida.

Ela queria correr para ele – saltar, rindo entre seus braços – mas saboreou a forma que ele estava olhando. Ela poderia ser afogar na intensidade do seu olhar. E ela tinha aprendido um pouco sobre sedução nas últimas semanas que eles estiveram juntos.

Tinha aprendido que era doce quando ela o fazia esperar.

Então ela levou seu tempo, tirou os sapatos, escovou seus pés descalços no tapete, e deixou ele a assistir.

Fora deste lugar, eles poderiam ser nada um para o outro. Ele nem sequer se permitia olhá-la. Ele não podia permitir isso. Então, ela queria que ele mesmo aproveitasse, para olhá-la tanto quanto ele gostasse.

“Vem aqui,” ele rosnou.

E então, finalmente, ela correu – pulou entre seus braços, e eles colidiram juntos contra uma parede em um abraço apertado. Ele a ergueu com uma facilidade graciosa, cobrindo seu corpo com beijos.

Ela apertou suas pernas ao redor do seu tronco, inclinando e escovando a bochecha com os cachos de seu cabelo.

Jack.

Ela sentiu líquido em seus braços. Pressionando contra ele, seu coração batendo

freneticamente a tempo com o dela. Quando eles se beijavam, ela fechava os olhos e via um milhão de cores explodindo no ar, gloriosas e vivas. Ele cheirava natural e exuberante, quente e brutal. Tinha sido uma surpresa: ela tinha assumido que ele cheiraria como gelo – como nada – e gostava que ele cheirasse grosseiro e real. Ele não era um sonho.

Ela sabia que o que estavam fazendo era errado. Lawrence tinha avisado a ela que ligações de vampiros não devem ser quebradas. Jack foi jurado para outra. Ela tinha prometido a si mesma parar, mas também havia prometido a Jack que sempre estaria lá para ele. Eles eram tão felizes juntos. Pertenciam um ao outro. No entanto, nunca falaram sobre o passado ou o futuro. Só isto existiu, essa pequena bolha que eles tinham feito, esse pequeno segredo. E quem saberia quanto tempo eles tinham?

Quando ela estava em seus braços, sentia pena de Mimi.

Tinha começado logo depois que ela se arrumou no palácio chapeado de ouro e mármore dos Forces, chamado casa. O lugar era parte fortaleza e parte Versailles. Havia quartos e salas de espera cheias com magníficas antiguidades polidas e teatralmente iluminadas à mostra. Oceanos de tecidos caros envolviam as janelas, e uma silenciosa equipe de funcionários se moviam entorno da casa, espanando, limpando, oferecendo aos moradores chá ou café em bandejas de serviço de prata.

Ela sentou na cama de princesa em seu quarto designado, chutando a mala surrada que era o único restante da casa que ela tinha se permitido trazer.

Lawrence tinha prometido que iria tirá-la de alguma forma, que ela iria voltar para seu verdadeiro lar em breve. Ele sabia que Charles não o permitiria ter contato com ela, então eles tinham concordado que usariam Oliver como um (ela sorriu um pouquinho) *conduit* entre eles.

Lawrence tinha conduzido ela para a residência dos Forces ele mesmo. Tinha ajudado a levar as malas para a porta da frente, onde um mordomo com luvas assumiu. Tão em breve, seu avô tinha saído, e Schuyler estava sozinha novamente.

Charles havia dado a ela um pequeno tour pela casa: a cintilante piscina olímpica no subsolo, quadras de tênis na cobertura, a academia, a sauna, a sala de Picasso (chamada assim porque continha um dos dois murais, preto e branco dos estudos da obra prima *Les Demoiselles d'Avignon* *). Ele tinha dito a ela para ficar confortável, para se aproveitar de todas as coisas na cozinha. Então, ele estabeleceu a ela suas regras. Schuyler tinha ficado tão furiosa e irritada para fazer mais do que concordar em silêncio com tudo.

*

http://dbeveridge.web.wesleyan.edu/wescourses/2001f/chem160/01/Photo_Galler

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>

[y Humanities/picasso/images/Les_Demoiselles_d%27Avignon.jpg](http://www.humanities/picasso/images/Les_Demoiselles_d%27Avignon.jpg)

Então, ela decidiu chutar sua mala. Estúpida mala. Estúpida mala com a fechadura quebrada. Estúpida mala feia que era uma das poucas coisas que ela tinha mantido que pertenceu a sua mãe. Era uma velha mala de viagem da Louis Vuitton, o tipo que, quando ficava em pé ereta e aberta, revelava um mini guarda-roupa. Ela chutou novamente.

Houve uma batida suave na porta, e então a porta se abriu.

“Você acha que poderia...hummm...controlar isso um pouco? Estou tentando ler,” Jack disse, parecendo desconcertado.

“Oh! Desculpe.” Ela parou de chutar a mala. Ela tinha desejado saber quando veria seus parentes. Os complicados laços das famílias de vampiros ainda a iludiam, mas sabia que ela e Jack não eram tecnicamente do mesmo sangue, mesmo que Charles fosse seu tio. Algum dia teria que perguntar a Lawrence como isso tudo funcionava. “O que você está lendo?”

“Camus,” ele disse, segurando um exemplar de *The Stranger*. “Você já leu?”

“Não, mas eu gosto da música do The Cure. Você sabe, aquela que é baseada no livro?”

Ele balançou a cabeça. “Nope.”

“Eu acho que está em *Three Imaginary Boys*. Seu primeiro álbum. Robert Smith, ele é um grande leitor também. Provavelmente um existencialista como você,” ela disse.

Jack se encostou à parede e cruzou seus braços, reparando seu modo de pensar.

“Você odeia isso aqui, não é?”

“Isso mostra tanto?” Schuyler perguntou, puxando as mangas da blusa sobre as mãos.

Ele riu. “Eu sinto muito.”

“Você sente muito.”

Ele colocou o livro sobre uma vaidosa mesa.

“Não é tão ruim.”

“Sério? O que é bom sobre isso?”

“Bem, por um lado, eu estou aqui,” Ele disse, se aproximando para sentar próximo a ela na cama. Ele pegou uma bola de tênis que tinha rola fora da sua mala. Ela tinha trazido para praticar suas lições de vampiro. Lawrence queria que ela se concentrasse sobre a capacidade de mover objetos no ar, algo que ela ainda não tinha controlado. Jack a jogou no ar, pegando com habilidade. Então ele a colocou para baixo. “A menos que, você sabe, você quer que eu vá.”

Ele estava sentado tão perto dela. Ela se lembrou de como tinha corrido para ele na primeira noite que ela foi atacada. Como ele tinha estado entusiasmado sobre descobrir a verdade sobre Croatan, e em seguida o quão profundamente

desapontou ela, quando tinha a ignorado. E então ela se lembrou de outra coisa. Algo que ela não conseguia parar de pensar desde que ela tinha tirado o sangue da Mimi e absorvido suas memórias.

“Você foi o único – aquela noite do baile de máscaras – foi você quem...”

Schuyler sussurrou, e em resposta a sua pergunta, ele a beijou. O beijo foi o terceiro que tinha trocado (ela manteve a conta), e quando ele respirou nela e segurou seu rosto em suas mãos largas, tudo em sua vida até então, parecia secundário e normal.

Não havia nada para viver, mas esta pura e divina sensação. A primeira vez que eles tinham se beijado, ela tinha vislumbrado as memórias de Jack de uma garota que se parecia com ela, mas não era ela. A segunda vez, ela não tinha idéia de que era ele atrás da máscara, mas desta vez foi apenas os dois. Jack não estava beijando alguém que ele pensava que tinha conhecido antes, e Schuyler não estava beijando alguém que ela não conhecia. Eles estavam simplesmente se beijando.

“Jaaaack! Jaaaaack!”

“Mimi,” Jack disse. Ele desapareceu tão rápido da sala, foi como se ele estivesse invisível.

Quando Mimi colocou sua cabeça para dentro do quarto de Schuyler, ela estava sozinha chutando sua mala novamente. “Ah. Você. Viu Jack?”

Schuyler balançou a cabeça.

“A propósito, não fique tão confortável aqui. Eu não tenho idéia do porque meu pai quer uma pequena detestável como você por aí, mas aqui vai um conselho: se mantenha fora do meu caminho.”

Mais tarde naquela noite, Schuyler tinha recebido dois presentes diferentes de boas vindas: alguém tinha colocado um curto lençol em sua cama, e havia um livro escorregado embaixo da sua porta. Uma cópia de *The Plague* de Albert Camus. Dentro do livro havia um envelope, e dentro do envelope, havia uma chave.

Daí em diante, Jack nunca reconheceu sua presença em casa ou na escola. Mas tinha mais do que feito as pazes mais tarde.

“Onde você conseguiu isso?” Jack perguntou, traçando um corte em sua testa com dedos ágeis. Eles estavam deitados no grosso tapete felpudo, observando os restos das chamas.

“Oh. Isso não é nada. Bati minha cabeça,” Schuyler disse. Ela não queria dizer sobre Dylan ainda. “Você foi seguido?”

“Sim. Mas eu tenho certeza que ela saiu antes de eu chegar aqui,” ele disse. Sua voz era sonolenta, e ela se aninhou na curva de seu braço. As luzes da rua era a única luz no quarto, mas ela podia vê-lo claramente no escuro. Seu perfil perfeito,

como se fosse esculpido em mármore, cintilava como uma vela. “Você?”

“Não.”

Na verdade ela não tinha checado. Tinha estado muito ocupada falando em deixar Oliver. Muito ocupada e muito excitada. Porque ela sabia, não sabia? Ela sabia que Jack estaria lá, esperando por ela, como ela tinha esperado por ela mais cedo.

Mas sim, da próxima vez ela iria ser mais cuidadosa. Ambos tinha que ser.

Capítulo 14

Bliss chegou ao Lexington Armory*. O show de Rolf Morgan estava marcado para começar as nove da noite, e ela devia estar lá as seis para fazer o cabelo e a maquiagem, mas já era oito e meia. Ela esperava que o designer não a matasse, embora provavelmente ele já a tivesse cancelado, e ela encontraria alguma outra modelo vestindo o vestido de espartilho preto de cordão que ela supostamente deveria vestir essa noite

*Uma avenida famosa em Nova York onde fazem desfiles.

Não queria estar atrasada, mas sua última visão a tinha deixado desorientada. Ela estava escovando os dentes, e quando olhou no espelho, o mesmo homem bonito em um terno branco dos seus sonhos estava olhando para ela.

"Jesus!"

"Difícilmente." O homem sorriu como se isso fosse a coisa mais engraçada que tinha ouvido. Seu cabelo, Bliss notou, era da exata cor do ouro fundido. Seus olhos eram tão azuis como um claro céu de manhã. Tinha um cheiro no quarto de lírios na primavera, mas era um aroma enjoativo que mascarava algo podre. Como quando sua madastra, BobiAnne, cheirava quando colocava muito perfume depois de sair da ginástica ao invés de tomar um banho.

Bliss decidiu que seria corajosa. "Quem é você?"

"Eu sou você."

"Estou ficando louca, não estou? Por que você está aqui?" Bliss desligou a torneira e tentou firmar a respiração. "O que você quer?"

O homem dourado em um terno branco colocou a mão no bolso do terno e tirou um relógio de bolso fora de moda pendurado em uma corrente de ouro.

"Tempo."

Quando Bliss olhou para o espelho de novo, ele tinha sumido. Ela passou a próxima hora mirando o espelho, esperando que ele aparecesse de novo.

Somente quando ela finalmente puxou-se para longe foi que compreendeu que estava atrasada.

Mas quando checkou o celular, não tinha nenhuma mensagem braba do seu agente, nenhuma arengas ansiosas de como seu designer estava tendo um piti porque ela não estava lá. Ela estava duplamente confusa de encontrar a entrada para o show completamente vazia, alvo por um punhado de vítimas miseráveis da moda encobertas em preto, sendo seguradas atrás montadores da polícia. Aquilo era um fashion week?

Onde estava o carnaval de editores loucos e fotógrafos, celebridades e estilistas, o estresse da moda, multidões ao redor, esbarrando-se, empurrando e puxando

para entrar no show de Rolf Morgan? O show de Rolf era a maior entrada da temporada e o convite mais difícil de se conseguir. E ainda, ali estava ela, trinta minutos antes do show e quase ninguém por perto.

Ela encontrou um laçao solitário, um assistente de produção com uma camiseta preta com ROLF MORGAN escrito no peito, e perguntou pelos camarins.

O Armory ficava no 69º Regimento da Guarda Nacional, e vários soldados vestidos de uniformes a saudaram quando entrou. O prédio era cavernoso, e encaixado em gabinetes de vidro forrando as paredes estavam centenas de armas de fogo e munições. Ela seguiu as direções até um grande átrio, um espaço tão grande quanto um hangar de avião, que foi posto para uma exposição de pista de decolagem. Havia filas de arquibancadas dirigindo até o teto, e uma passarela tinha sido montado no fim, onde uma faixa afinava.

Durante os ensaios, Rolf tinha explicado que os modelos andariam numa pista de decolagem gigante suspendida acima da passarela, e Bliss antecipou o desafio.

Ela entrou no camarim de maquiagem nos bastidores e ficou desconcertada ao encontrar em vez do furor normal de preparação, vibrando com a adrenalina de temor e animação, a humor era de completamente relaxado. Achou Schuyler lendo uma revista numa cadeira próxima, seu cabelo preso num rabo de cavalo no extremo alto da cabeça, seu rosto de passarela já pronto, com borrões escuros forrando seus olhos azuis, e os seus lábios pintados de um ouro róseo pálido. Estava alegre de ver sua amiga; tinham ainda que conversar sobre o que tinha acontecido na outra noite. Ambas estavam evitando o assunto, quase como se fosse embaraçoso. Ela não tinha visto Dylan desde então, embora ele tenha deixado mensagens suficientes no telefone dela, pedindo perdão e suplicando que ela o visitasse. Ela deletou todas elas.

Quanto a Schuyler, desde aquela noite que ela tinha flutuado ao redor de Duchesne numa nuvem. Bliss soube que Schuyler andava vendo Jack, e ela não podia evitar sentir ciúmes pela recém encontrada felicidade da amiga. Claro, era um saco que eles não pudessem ser vistos em público juntos, por causa de Mimi e tudo. E sim, isso totalmente surtava que Jack basicamente estava prometido em casamento a outra pessoa. Mas mesmo assim, Bliss podia ver que Schuyler estava apaixonada, e seu amor era correspondido. Isso era mais do que ela podia dizer sobre Dylan e ela.

"Onde está todo mundo"? Bliss perguntou. "Não tem ninguém lá fora também". "Oh, ei". Schuyler largou a última edição de Vogue francesa. "Sim, está fechado. O desfile não vai começar até a meia-noite, se tivermos sorte. Eles disseram a todo mundo para ir embora e voltar".

Bliss caiu num assento próximo. "É sério?"

"Essa é a sua primeira vez desfilando para o Rolf?" outra modelo perguntou,

ouvindo por acaso sua conversa. Bliss a reconheceu como Sabrina Sorboba, o gigantes europeu Oriental, que era a atual queridinha do designer.

Bliss assentiu.

"Ele está sempre atrasado. No ano passado Brannon Frost deixou a exposição sem ver o desfile, ela estava tão aborrecida de ter que ficar esperando." Sabrina contou. Brannon Frost era a editora Blue Blood da Chic, a revista mais poderosa de moda no mundo. Brannon Frost estala os dedos, e repentinamente o guarda-roupa de todo mundo está fora de moda. Estala! Volume e pufe. Estala! Cintura baixa e calça skinny. Estala! Sapatos de bico arredondados! Estala! Crochê e plataformas! Estala!

"Meia-noite? Isso é em três horas! Bliss queixou-se. O que eles deviam fazer, apenas esperar em volta? Notou alguns modelos jogando cartas, embora a maioria estava em seus telefones celulares e BlackBerries.

"Champagne?" Sabrina ofereceu, levantando um magnum de Laurent-Perrier* e despejando duas taças para Bliss e Schuyler sem esperar por uma resposta. Essa era a resposta para a espera: bebida, fumaça, e espera. Como um privilégio ao último são-modelos-magras-demaís escândalo, havia uma extensão de degustação de biscoitos amanhecidos e queijo bolorento para prover alimentos "saudáveis" para as meninas. Como se! Modelos vivam de fumaças: fumaça e ar.

"De qualquer jeito, por causa do que aconteceu no ano passado, desta vez eles chamaram todos os redatores da Chic, Mine, e Jeune** e os disseram para tomar um drinque ou jantar e voltar mais tarde".

* Um champagne famoso.

** Revistas

Bliss assentiu. "Então quem são aquelas pessoas lá fora então?"

"Ninguém".

Figurantes. Naturalmente todas as pessoas importantes seriam advertidas, mas quanto aos escalões menores, eles tinham que desviar para si. Ela enfiou sua bolsa embaixo do balcão e estava prestes a perguntar algo a Schuyler, quando um homem — finalmente alguém que parecia e agia como se tivesse que fazer um desfile em algumas horas—entrou na sala de espera dos modelos.

"Bliss! Aí está você. Precisamos de você no cabeça e maquiagem".

Bliss folheou a última edição de Arena Homme, fumou alguns cigarros, e bebeu champagne demais enquanto um cabelereiro ríspido e seu assistente igualmente tenso puxava e escovava seu cabelo num enorme momento de criação, e um suave maquiadora usava uma espátula. Sempre a surpreendeu quão pequeno era o esforço de modelar. Tudo que ela tinha que fazer era ficar sentada. Então ela

tinha que levantar. Então andar. Era isso. Claro, alguém tinha que ser empolgantemente belo para fazer tudo isso "funcionar". Ainda assim, não era suficiente ser uma quebra-queixos deslumbrante. Os melhores modelos tinham um certo ar de languor e mistério que era inato a suas personalidades. Havia somente uma Kate Moss afinal de contas.

Quando a equipe de beleza ficou satisfeita com seu trabalho, dois designers estudantes ávidos, que eram parte do exército grande de voluntários que carregavam o trabalho físico real e faziam o fashion week acontecer, chegaram perto. "Temos que coloca-la em seu primeiro traje. Rolf quer vê-la".

Os dois estudantes ajudaram Bliss com o vestido de espartilho preto apertado. Um deles puxou e amarrou as fitas nas costas enquanto o outro ajudava Bliss com um par botas veludas cumpridas até o tornozelo que trançavam na frente. O vestido colou em cada curva, e corpete preto deu ao um ar sexy esfumaçado. O decote do espartilho era tão baixo na frente, Bliss corou com o quanto da sua pele estava exposta.

"O que é isso"? um dos estudantes perguntou, apontando o colar brilhante de esmeralda protegido em seu pescoço.

"É meu".

"Eu não sei se Rolf gostará dele," o outro estudante disse hesitantemente.

Bliss encolheu. Ela não se importava com o que Rolf queria. Ela nunca o tiraria.

Capítulo 15

À exatamente cinco minutos para a meia noite, Mimi e Jack Force entraram o Armory para uma torrente de flashes. Mimi inclinou-se sobre o ombro de Jack, puxando apertado seu felpudo casaco de pele de Zibelina listrado de Zebra* e se escondendo atrás de um par de óculos extra grande, como se o excesso de fotos pudesse prejudicá-la.

“Preste atenção,” Jack disse severamente para um paparazzo exagerado que veio um pouco perto de mais e empurrou Mimi.

“Mimi! Bem aqui,” um jovem publicitário usando um fone de ouvido disse, levando eles até a sala principal e conduzindo-os rapidamente através do mar de fashionistas para a primeira fila. “Nós estamos a um minuto para chegar na hora. Você está aqui próxima a Brannon.”

A sala zuniu com excitação, cada lugar na casa estava cheio, cada celebridade foi verificada (Mimi foi uma das ultimas), e até os corredores estavam cheios de camisetas pretas – vestindo os voluntários que deslizaram para fora do backstage e entre a sala principal para ver o movimento. No palco, trovejou através de um estridente hino do rock alternativo.

*Sim, essa frase ficou confusa, mas juro que fiz o que pude pra dar uma melhorada nela e deixar com nexos, e Zibelina é um animal usado na produção de pele.

Mimi se enfeitou para as câmeras, encolhendo os ombros do seu casaco de pele e flexionando suas panturrilhas, fazendo com que suas pernas parecessem finas. Ela não tinha inveja das modelos; elas só seriam fotografadas pelas roupas em suas costas. Enquanto que a multidão vertiginosa envolvendo-a e gritando seu nome estavam capturando sua imagem porque eles estavam interessados nela.

“Você está realmente aproveitando isso,” Jack provocou.

“Mmmm.” Durando a semana passada, ela tinha ocultado sua raiva tão bem que ela achou que merecia um Oscar. Mas ela não podia nem mesmo olhar para seu irmão gêmeo. Aquele mentiroso, aquele traidor. Ele estava arriscando tudo por um namorico com a mestiça. Ela podia ver através da sua preocupação e percebeu o quão bem ele a tinha convencido por tanto tempo. O bastardo estava apenas fingindo estar apaixonado por ela, enquanto ele escondia seus verdadeiros sentimentos.

A pior parte de tudo isso era que ela não podia nem mesmo odiá-lo. Ela o amava tanto e entendia muito bem seus defeitos. Odiando Jack seria como odiar a si mesma, e Mimi tinha muita auto estima para chafurdar naquela miséria particular.

“Mimi! Querida!” Randy Morgan, a esposa do designer, repentinamente se lançou sobre eles e efusivamente a beijou em ambas as bochechas. “Você deve vir ao backstage e desejar boa sorte a Rolf!”

Mimi se permitiu ser levada para o tradicional bow-and-scrape* com o designer. O designer, é claro, seria o único fazendo a reverência. Mimi era uma das suas maiores clientes.

Ela deixou Jack e selecionou seu caminho através da multidão. Rolf a cumprimentou com um abraço de urso e uma chuva de elogios. Mimi aceitou a homenagem e generosamente desejou a ele um bom show. Ela disse olá para vários outros Blue Bloods do seu círculo social: Piper Crandall em um horrível vestido amarelo, e Soos Kemble, que reclamou sobre ser transferido para a segunda fila. Mimi observou um pouco arrogante os Red Bloods também. Lucy Forbes murmurou sobre o novo conjunto Rolf Morgan de Mimi que o designer tinha apenas mandado naquela manhã para ela usar em sua exibição. Então, ela avistou o objeto do seu ódio através da sala.

* bow-and-scrape, seria como uma reverência ou um cumprimento, como aqueles que se faz um arco com os braços, usado muito nos tempos antigos para saudar reis e governantes. Resolvi deixar assim mesmo, pra não ficar muito estranho.

Schuyler estava deixando sua dresser* confusa sobre sua roupa: uma blusa de babado e uma jaqueta de cavalgada de corte esguio, calças de cavalgada de veludo e botas altas. Mimi pensou para si mesma que compraria a roupa se Schuyler não estivesse usando ela.

Sem hesitar, ela caminhou até Schuyler. Talvez ela pudesse acabar com essa coisa no início; talvez ainda houvesse esperança de que nada surgiria do pequeno flerte estúpido de Jack.

“Schuyler, você tem um segundo?” Ela perguntou.

Schuyler mandou seus operadores para longe, e as duas foram para um canto tranquilo.

“O que é?”

Mimi decidiu ir direto ao ponto. “Eu sei o que está acontecendo entre você e meu irmão.”

“O que você quer dizer?” Schuyler tentou parecer calma, mas Mimi podia sentir sua preocupação. Ela estava certa. Que inferno, ela estava certa. A desgraçada nem sequer tentou negar. Os dois estavam juntos. Quão longe eles tinham ido? O coração de Mimi despencou. Ela havia dito que nunca iria sentir ciúmes da

pequena vira-lata. Mas o rosto desafiante de Schuyler fez ela se sentir de outra forma.

* dresser são aquelas pessoas que ajudam as modelos a se vestir.

Schuyler não parecia punida, ou fraca, ou envergonhada. Lá se foi à mestiça choramingtona que pulava quando você dizia “Boo!”. Lá se foi à garota com a atração não correspondida pelo grande Jack Force. Mimi observou Schuyler muito claramente. Ela parecia uma garota que estava confiante no amor. Uma garota que sabia que possuía o coração dele em suas mãos. Por um momento Mimi desejou intensamente que o Silver Blood tivesse arrastado Schuyler para dentro do inferno.

“Você tem alguma idéia do que está fazendo para Jack?”

“Sobre o que você está falando?”

Mimi agarrou firmemente no braço de Schuyler. “Pense na sua mãe. Por que você acha que Allegra está em coma? Por que você acha que ela é imortal, mas não vai morrer? Ela está imprestável e destruída. Você quer isso para ele?”

“Não traga minha mãe para isso,” Schuyler advertiu, sacudindo Mimi. “Você não sabe nada sobre minha mãe.”

“Oh, mas eu sei. Eu tenho vivido muito mais tempo do que você.” O rosto de Mimi mudou, e por um momento, Schuyler viu flashes de todas as mulheres na história que Mimi tinha sido: a rainha egípcia, a nobre francesa, a peregrina audaz, a anfitriã de Newport – todas impressionantemente bonitas, todas com os mesmo gelados olhos verdes.

“Você não entende a ligação,” Mimi sussurrou, enquanto ao redor delas o designer e sua equipe estavam fazendo as correções finais em todas as roupas.

“Jack e eu somos os mesmos. Tirá-lo de mim seria como arrancar sua pele. Ele precisa de mim. Se ele renovar a ligação, ele crescerá forte, suas memórias estarão completas. Ele irá florescer.”

“E se não?” Schuyler desafiou.

“Você poderá muito bem reservar um lugar para ele no hospital que meu pai fica visitando. Isto não é um joguinho bobo da escola secundária, garota estúpida.” Isso é a vida e a morte. Anjos e demônios. A ligação é lei. Nós somos feitos da mesma matéria escura, Mimi pensou, mas não disse. Ela viu que Schuyler não conseguia ou não quis entender. Schuyler era uma recém nascida. Ela não tinha a compreensão dos rigores da imortalidade. Os caminhos duros e absolutos da sua espécie.

“Eu não acredito em você.”

“Eu não esperava que você acreditasse.” Mimi parecia exausta. “Mas se você o ama, deixe-o, Schuyler. Liberte ele. Diga a ele que você não o quer mais. É o único modo que ele deixará ir.”

Schuyler balançou sua cabeça. Em torno dela, os modelos estavam se alinhando, e Rolf estava alfinetando uma bainha aqui, dobrando uma prega lá. Lá fora, as luzes estavam pretas e o show estava prestes a começar. Ela deixou uma de suas dressers cortar um fio errante da manga da sua jaqueta de cavalgada. “Eu não posso fazer isso. Eu não posso mentir.”

Mimi tomou um gole do champanhe do copo de Schuyler sem pedir. “Então Jack está perdido.”

Capítulo 16

No ano passado durante a apresentação no outono, Rolf Morgan fez o auditório andar embaixo da passarela enquanto as modelos sentavam na fila da frente e fingiam tomar notas. O efeito tinha encantado tanto a imprensa de moda que ele estava tentado a testar outro entrelaçamento divertido. Esse ano o show seria feito no jardim, começando com o arco do desenhista e os vestidos grandiosos de baile e finalizar com roupa de esporte casual.

Enquanto a banda tocava uma estrondosa rendição de "Space Oddity,"* Rolf correu para o palco sob os aplausos atordoadores. Ele voltou com um buquê de rosas, irradiante e estimulado. Schuyler assistia enquanto Cyrus, o assistente de Ralf, guiava Bliss até a parte da frente. O vestido preto de espartilho de cordão foi feito para ser a grande atração do show, e portanto, na equação atrasada, a abertura. Schuyler deu um aceno encorajador para Bliss. Ela sabia que sua amiga ainda estava levemente intimidada pela passarela, e Bliss parecia um pouco nervosa, suas mãos tremiam levemente enquanto descansavam em seus quadris.

*"Space Oddity" é uma canção escrita e tocada por David Bowie e lançada como um single em 1969. Fala sobre o lançamento de um astronauta fictício que se torna deprimido durante a missão no espaço sideral. Supostamente lançado para coincidir com a aterrissagem na Lua pela Apollo 11, aparece no álbum Space Oddity.

Bliss voltou alguns minutos depois, com um sorriso de alívio no rosto. "Está uma loucura lá fora!" ela se virou para Schuyler antes de sair para trocar de roupa para a segunda saída.

Schyuler retribuiu o sorriso para Bliss, pensando que ela estaria satisfeita quando aquilo acabasse, quando finalmente pudesse colocar suas próprias roupas- uma certa camisa masculina de Oxford que era a sua atual favorita, sobre um par de legs pretas e uma bota cloven-hoofs* que tinha comprado numa loja de revenda.

*Esse tipo de bota aqui:

http://1.bp.blogspot.com/_vKAnIEHq1dc/SIZa8f2XwSI/AAAAAAAAAB6M/crsCfW0saVU/s400/Stella%2BMcCartney%2Bblack%2Bthigh%2Bhigh%2Bwedge%2Bboot685.jpg

As garotas nos seus vestidos góticos de baile tinham saído da passarela, e Cyrus gesticulou a sua frente. Ela era a próxima. "Lembre-se, quando você chegar ao final, uma pose, duas poses, BAM" E então você volta."

Schuyler assentiu. Ela respirou fundo e caminhou. Pisar na passarela era como pisar na lua. Você sai da realidade suja dos bastidores, cercada de conversa e alfinetes de segurança e uma desordem heróica de cabides e caixas de acessório,

para as luzes brancas brilhantes da passarela e o lampejo ofuscante de cem câmeras.

A atmosfera era elétrica, uma cacofonia barulhenta de histeria reservada para os melhores concertos de rock- os gritos e a alegria da fila traseira estimulavam a banda a tocar mais rápido e mais alto, e as modelos a assumir suas façanhas mais arrogantes. Schuyler nunca tinha percebido a cara de mal encarados dos redatores ou as celebridades da fila da frente, ela estava muito ocupada se concentrando em colocar um pé a frente do outro para não se fazer de idiota. Ela encontrou a marca no chão no final da passarela e fazendo as poses necessárias, virando a esquerda e girando o quadril para a frente, e virando a direita logo depois. E bem quando ela estava prestes a se virar e voltar, sua mente se abriu para uma urgente e forçada mensagem. Era um ódio incoerente e selvagem. A intensidade inesperada foi suficiente para parar Schuyler em meio passo, e ela cambaleou com o peso, tropeçando sobre os calcanhares e fazendo os membros da fila frontal ofegar audivelmente.

Schuyler se sentiu desorientada e quebrada. Alguém- ou algo- tinha selvagemmente entrado em sua mente. Ela reconheceu isso imediatamente como uma manipulação, mas era mais forte e mal do que o que tinha experimentado com Dylan. Isso foi um imperdoável trespassse, e ela se sentiu violada, nua, e terrivelmente amedrontada. Ela tinha que sair dali.

Não havia tempo de fazer uma saída apropriada. Schuyler pulou do palco, aterrissando no meio do fosso de fotógrafos. Sabia exatamente onde tinha que ir agora.

"Desculpe!" ela disse a um cara sem sorte que ela tinha pisado no pé.

Voou entre a multidão, para a confusão da equipe e o encanto de todos os outros, que pensavam que era tudo parte da exposição.

Dos bastidores ouviu, "Ei! Onde ela pensa que está indo? Volte aqui!"

Amanhã teria alguma história de algum tablóide sobre a modelo que correu para fora da passarela de Rof Morgan, mas Schuyler não estava preocupada com a mídia ou seu agente ou Rolf agora.

O que foi isso? ela pensou, seu coração sentindo como se fosse explodir de medo enquanto ela corria pela Rodovia West Side, se movendo mais rápido do que o tráfego jamais permitiria. Quem era esse? O sentimento doentemente diminuiu levemente no momento em que ela chegou na Riverside Drive. Não parecia uma espelunca como era antes, graças a recente reforma de Lawrence. Seus degraus de pedra estavam recentemente varridos, o grafite das portas tinham sido pintados, e os arcos tinham sido restaurados a sua forma dignamente.

Quando ela entrou no estúdio de seu avô, ele estava debruçado, empacotando um arquivo de papéis em uma maleta de couro. Ele tinha envelhecido nesse mês

que tinham ficado separados, Schuyler notou. Seu cabelo leonino estava misturado de cinza, e existiam umas linhas ao redor dos seus olhos.

Lawrence era um Enmortal, um raro vampiro que nunca descansava, não ia para o regular ciclo de reencarnação. Ele tinha mantido sua mesma forma física por séculos. Tinha a habilidade de parecer tão jovem quando Schuyler, mas naquela tarde ele parecia como se carregasse o peso de milhares de anos. Ele pareceu, pela primeira vez desde que Schuyler o conheceu, velho. Não parecia como um homem do século 21. Ele tinha a aparência de alguém que tinha estado lá quando Moisés* foi colocado na cesta e mandado rio abaixo.

* Moisés da Bíblia.

"Schuyler, que prazerosa surpresa," ele disse, embora não parecesse surpreso de vê-la.

"Onde você está indo?" ela perguntou em resposta, quando viu sua valise empacotada ao lado da escrivaninha.

"Rio", ele disse; "Está ocorrendo um terremoto intenso; você viu nos noticiários?"

Lawrence perguntou, virando a televisão que ele tinha recentemente instalado no escritório. As cameras mostravam uma cidade engolida pelas chamas, prédios inteiros engolfados em chamas, edifícios inteiros caíam em pilhas de escombros. Schuyler disse uma rápida oração em vista da devastação. "Vovô, algo aconteceu comigo. Apenas alguns minutos atrás." Ela descreveu a sensação, o sentimento que de estar na presença de um mal indescritível. Foi apenas por um breve momento, mas foi suficiente para se sentir poluída em cada poro do seu ser.

"Então você também sentiu."

"O que foi isso?" Schuyler. "Isso foi... repulsivo," ela disse, mesmo que repulsivo era uma palavra fraca demais para a hostilidade imperfeita que ela tinha experimentado.

Lawrence gesticulou para que ela se sentasse enquanto continuava a olhar seus papéis. "Em sua leitura, você já chegou ao capítulo do Corcovado?"

"Sei que isso fica no Rio. ... no Brasil," ela disse hesitantemente. Ela não tinha feito muito progresso nas designações de Lawrence. Era ridículo da parte dela, mas sentia que seu avô ia parcialmente reclamar pelo seu modo de vida atual, e em petulância ela tinha ignorado suas sugestões de recapitular a História dos Blue Bloods. Ele a tinha pressionado a ler cópias de antigos textos anteriormente proibidos—a história do Croatan que tinha sido expulsa dos registros oficiais até agora.

Se Lawrence estava irritado, ele não o mostrou. Em vez disso ele explicou pacientemente, como o professor universitário que uma vez tinha sido.

"Corcovado é um lugar de poder, uma fonte de energia, um bivio primário de

onde nós vampiros tiramos nossa força na Terra. Nossa imortalidade se origina de uma conexão harmônica à essência primordial da vida, um presente que nós retivemos mesmo depois de nosso exílio".

Na tela, a câmera mostrava a estátua famosa do Cristo Redentor surgindo sobre a cidade em seu pedestal na Montanha do Corcovado. Schuyler maravilhava-se de que aquilo ainda estava de pé enquanto edifícios ao redor na cidade tinha sido reduzidos a escombros.

"O terremoto. A mensagem que eu experimentei. Está conectado, não é? Essa é a razão pela qual você vai?" ela perguntou, sabendo que estava certa.

Seu avô assentiu mas não falaria mais nada. "É melhor que você não saiba exatamente como".

"Você vai partir essa noite?" Schuyler perguntou.

Lawrence assentiu. "Me encontrarei com a equipe de Kingsley em São Paulo primeiro. Então iremos ao Corcovado juntos".

"E o Conclave?"

"Eles estão compreensivelmente preocupados, mas é melhor que eles não saibam mais detalhes de minha viagem. Você sabe das minhas dúvidas sobre o Conclave, o que Cordelia e eu sempre suspeitamos".

"Aquilo de que grandes famílias tem nos traído," Schuyler disse, observando como seu avô meticulosamente organizava sua gravata. Lawrence sempre vestia-se formalmente para cada ocasião.

"Sim. Mas eu não sei como. E eu não sei por que. Naturalmente, nossas apreensões nunca foram confirmadas, e certamente nós nunca tivemos qualquer evidência de tal traição. Mas os últimos ataques confirmaram isso de qualquer maneira, um ou mais dos Silver Bloods sobreviveram, e retornaram para nos vitimar. Que talvez o Príncipe Negro ainda anda sobre a terra".

Schuyler tremeu. Sempre que Lawrence falava de Lúcifer, ela sentia como se seu sangue tivesse virado gelo. Havia mal enterrado mesmo no seu nome.

"Agora, Schuyler, eu devo te dizer adeus."

"Não! Me deixe ir com você," Schuyler disse, levantando de seu assento. Essa escura, terrível e antipatia odiosa. Seu avô não podia encarar essa coisa—o que quer que isso fosse—sozinho.

"Sinto muito". Lawrence sacudiu a cabeça e escorregou sua carteira no seu bolso do casaco. "Você deve permanecer aqui. Você é forte, Schuyler, mas é muito jovem. E está ainda sob meus cuidados".

Ele tirou as persianas e colocou numa gabardina velha. Anderson, seu Conduit, apareceu na porta. "Pronto, senhor"?

Lawrence recolheu suas sacolas. "Não pareça tão decepcionada, neta. Não é apenas por sua causa que você deve permanecer em Nova York. Se há uma coisa

que eu possa fazer por sua mãe, é mante-la seguro de dano, e tão longe do Corcovado quanto possível".

ARQUIVO DE GRAVAÇÕES AUDITIVO:

Repositório de história.

DOCUMENTO CLASSIFICADO:

Apenas libertação Altithronus

Transcrição do relatório arquivado Venator 2/28

"Gravação abafada. Duas vozes distintas são ouvidas: Venator Martin e Charles Force, Regis".

Venator Martin: Ela mordeu a isca.

Charles Force: Está perfeitamente seguro?

VM: Sim. Não há nenhuma dúvida em minha mente de que tentará executar o Encantamento Demonata.

CF: Mas uma mera criança para lidar com tal magia negra. Talvez se você pudesse revelá-la a mim....

VM: Sabe que eu não posso revelar o nome dela até que seja confirmado em julgamento, Regis. Mas não se preocupe, eu não permitirei que ela complete o feitiço.

CF: Mas você deve.

VM: Desculpe-me, Regis? Eu não entendo.

CF: Isso é um teste, Venator. O Encantamento deve ser executado. Se ela fracassar, você pegará a lâmina e tirará seu próprio sangue.

VM: O Comitê sabe disto? O Conclave aprova?

CF: Não preocupe-se com o Conclave. Isto é meu negócio. Os Venatores são leais a mim, não são?

VM: Mas Regis- O encantamento. Está certo disso?

CF:Estou. Quando a hora chegar, faça-o. Em minha ordem.

Capítulo 17

Quando Bliss estava crescendo, sua família vivia em uma dessas mega-mansões que eram abundantes em River Oaks, um rico subúrbio de Huston. Sua casa era o epítome do “excesso Texas”, em vinte e oito mil metros quadrados. Bliss costumava brincar que ela poderia ter seu próprio código postal. Ela nunca tinha se sentido confortável lá, e preferia passear no rancho dos seus avós em vez do deserto do West Texas. Apesar de suas raízes Ianque*, sua família era considerada a solitária estrela da aristocracia – seu dinheiro feito em petróleo, gado, e bem...principalmente petróleo. A história que os Llewellyns gostavam de contar era em como o patriarca da família tinha escandalizado sua família aristocrata por retirar-se da Yale* para trabalhar no campo do petróleo. Ele tinha aprendido rapidamente o funcionamento, comprando milhares de hectares de terra rica em petróleo para se tornar o mais sortudo barão do petróleo em todo o estado. Foi sorte ou devido às habilidades de vampiro, Bliss desejava saber agora.

*nascido ou habitante dos Estados Unidos.

*Universidade nos E.U.A.

Forsyth era o filho mais novo do filho mais novo. Seu avô era um rebelde que tinha ficado no Leste após o internato, se casou com sua namorada Andover, uma debutante de Connecticut, e educou seu filho em seu apartamento na quinta Avenida, até que a má sorte no mercado de ações enviou a família de volta para a fazenda no Texas.

Seu avô tinha sido uma de suas pessoas favoritas. Ela tinha mantido seu sotaque Texano, mesmo depois de seus anos no nordeste, e ele tinha um irônico, atrevido sendo de humor. Ele gostava de dizer que não pertencia a lugar algum, e então pertencia a todos os lugares. Ele era nostálgico sobre sua vida em New York, mas ele tinha começado e assumido todos os negócios da família quando ninguém mais queria o rancho, preferindo em vez disso se mudar para as metrópoles de vidro de Dallas ou San Antonio. Ela desejou que o pap-pap* tivesse se fixado ao redor; qual era o ponto de ser um vampiro se você tinha que viver cumprindo um tempo de vida humana de qualquer forma, e então tinha que esperar para conseguir ser chamado novamente para o próximo ciclo?

*não achei nenhuma tradução que se encaixa com o contexto da frase, então resolvi deixar assim mesmo pra não ficar mais estranha que já tá.;x

Bliss tinha crescido entre muitos primos, e até ela se mudar para New York e fazer quinze anos, tinha sempre assumido que não havia nada de interessante ou especial sobre ela. Talvez fosse uma ignorância deliberada. Houve sinais, ela percebeu mais tarde: seus primos mais velhos insinuando da “mudança”, risos furtivos dos já introduzidos, seu pai trocando os secretários que, agora ela sabia, servia como seus familiares humanos. Apenas recentemente ocorreu a Bliss como era estranho que ninguém nunca falou da sua mãe.

BobiAnne era a única mãe que ela já conheceu. Bliss tinha uma difícil relação com sua pegajosa, super-protetora madrasta, que despejava afeto em Bliss enquanto ignorava sua própria criança, a meia irmã de Bliss, Jordan. BobiAnne com suas peles, diamantes e ridículos planos de decoração, tinha tentado muito substituir a mãe que Bliss nunca conheceu, e Bliss não podia odiá-la por isso. Por outro lado, ela tampouco podia amá-la.

Forsyth tinha se casado com BobiAnne enquanto Bliss ainda estava no berço, e Jordan tinha nascido quatro anos depois. Uma silenciosa e estranha criança que era rechonchuda perto da forma esguia de Bliss, pastel perto da pele marfim de Bliss, e problemática em comparação ao temperamento calmo de Bliss. Ainda assim, Bliss não podia imaginar a vida sem sua irmã caçula, e exibia uma feroz proteção sempre que BobiAnne iria importunar e insultar sua própria prole. Por sua parte, Jordan adorava sua irmã quando não estava zombando dela. Era uma relação normal entre irmãs, cheia de brigas e disputas, e mesmo assim sustentado por uma fiel e permanente lealdade.

Alguém sempre aceitava sem discutir as coisas mais importantes da vida, Bliss pensou, quando alguns dias depois do desfile de moda ela pegou um táxi para o nível mais alto de Manhattan. Ela conduziu o motorista para o hospital Columbia-Presbyterian.

“Você é da família?” O guarda da recepção indagou, empurrando uma folha de visitante para ela assinar.

Bliss hesitou. Ela tocou a foto escondida no bolso do casaco para dar sorte. Era semelhante a alguém que seu pai mantinha em sua carteira, uma cópia daquilo que ela tinha encontrado em uma caixa de jóias e agora segurava em suas mãos. “Sim.”

“Andar superior. Última sala, no final do corredor.”

Ela queria ter alguém para acompanhá-la, mas não podia pensar em alguém que ela pudesse pedir. Schuyler iria certamente exigir uma explicação, e Bliss não seria capaz de proporcionar uma razoável. “Um, eu acho que você e eu podemos ser irmãs?” apenas soava muito absurdo.

Quanto a Dylan, Bliss tinha empurrado todos os pensamentos dele para parte de trás da sua mente. Ela sabia que deveria investigar sobre ele, especialmente agora

que ele parou de tentar contata-la, mas estava muito irritada e humilhada para retornar aquele terrível quarto no Chelsea Hotel. Os estranhos tiques que ela tinha observado: a fala gutural, a risada alta, o murmúrio estranho de idiomas apenas a fazia ter mais medo dele. Bliss sabia que era um pensamento ilusório, mas ela não podia ajudar na esperança de que talvez as coisas apenas voltariam ao normal. Ela tinha prometido a Schuyler e Oliver que iria lidar com isso – entregar ele ao Comitê e o Conclave – mas até agora ela se mantinha encontrando desculpas para não fazer. Mesmo que se ela decidisse não estar mais atraída por ele, ela tampouco podia encontrar isso em seu coração para fugir.

Ela tinha outras coisas para se preocupar, mesmo que ela soubesse que não iria encontrar nenhuma resposta no hospital. Allegra estava em coma, depois de tudo. E era inútil tentar trazer à tona o assunto com seu pai.

Toda sua vida, Bliss tinha contado que sua mãe morreu quando ela era jovem. Que “Charlotte Potter” tinha sido uma professora, seu pai tinha a conhecido durante sua primeira campanha política, quando ela tinha concorrido para deputado estadual. Agora Bliss se questionava se Charlotte Potter tinha existido. Certamente não havia álbuns de casamento, sem jóias, sem relíquias de família para indicar qualquer mulher que tinha sido casada com seu pai. Durante muito tempo ela tinha assumido que era porque BobiAnne não queria lembranças da ex-senhora Llewellyn.

Ela não sabia nada sobre a família da sua verdadeira mãe, e com sua aguçada memória de vampiro, podia voltar para o tempo quando ela tinha perguntado ao seu pai pela primeira vez qual o real nome da sua mãe. Ela tinha cinco anos, e seu pai tinha acabado de ler uma história para dormir. “Charlotte Potter” ele lhe disse alegremente, “O nome da sua mãe era Charlotte Potter”.

Bliss tinha ficado encantada! “Assim como Charlotte's Web!”* Ela tinha gritado. E seu ultimo nome era apenas como a mulher que escreveu todos aqueles livros em sua prateleira, Beatrix Potter*.

Bliss suspeitava mais e mais que seu pai tinha apenas inventado. No outro dia, quando ela mencionou o nome para Forsyth, ele tinha simplesmente olhado em branco.

Bliss caminhou até o final do corredor e encontrou o quarto. Ela empurrou a porta e deslizou para dentro.

* Charlotte's Web é um livro infantil escrito por E. B. White, e que conta a história da amizade entre Charlotte, uma aranha, e um porquinho chamado Wilbur.

* Beatrix Potter foi uma escritora britânica, ilustradora e botânica. Ficou famosa

pelos livros do Peter Rabbit.

O quarto de Allegra Van Alen era frio como um frigorífico. A mulher adormecida na cama não se movia. Bliss se aproximou da cabeceira timidamente, sentindo-se como uma intrusa. Allegra parecia pacífica, eterna, seu rosto sem linhas de expressão. Ela era como uma princesa em um caixão de vidro: bela e tranqüila.

Ela pensava que quando finalmente visse Allegra, ela sentiria alguma coisa – saber sem dúvidas se era relacionada a ela ou não. Mas não havia nada. Bliss tocou o colar escondido debaixo da sua camisa para se confortar, em seguida estendeu sua mão para segurar a mão de Allegra, sentindo sua pele como papel. Ela fechou os olhos e tentou acessar suas vidas passadas, suas memórias, para ver se ela tinha qualquer conhecimento de Gabrielle.

Em flashes, ela iria capturar um vislumbre de alguém que parecia familiar, que poderia ter sido ela, mas Bliss não tinha certeza. No final, a mulher na cama era tão estranha quanto a enfermeira no corredor.

“Allegra?” Bliss sussurrou. Parecia presunçoso chamar ela de ‘mãe’. “Sou eu. Eu sou...Bliss. Eu não sei se você se lembra de mim, mas eu acho que você poderia ser minha...” Bliss de repente parou. Ela sentiu uma dor no peito, como se não conseguisse respirar. O que ela estava fazendo aqui? Ela tinha que ir. Ela tinha que sair imediatamente.

Ela estava certa, não encontraria respostas aqui. Nunca iria saber a verdade. Seu pai nunca lhe diria, e Allegra não podia.

Bliss saiu, perturbada e confusa, ainda procurando respostas para as perguntas que ela guardava em seu coração.

Ela não soube que quando deixou o quarto, Allegra Van Alen começou a gritar.

Capítulo 18

As reuniões do Comitê nunca começaram na hora, então Mimi não preocupou-se com a sua chamada em conferência com seu planejador de enlace demorou um pouco mais do que tinha planejado. Mesmo desde que Lawrence tinha sido instalado como Regis, as reuniões tiveram cada vez menos a ver com planejamento social e levantamento de fundos e mais a ver com, em sua opinião, lições de vampiro totalmente redundantes.

Edmund Oelrich, o bode senil caquético do Conclave que era o novo diretor principal, não era tão severa como a falecida Priscilla Dupont, e era completamente ignorante ao fato de que se quisessem assegurar as cadeiras honorárias corretas para o gala anual de primavera do balé em maio, eles deviam ter enviado feito reservas há algumas semanas atrás. Como sempre, todas as primeiras-damas anteriores já estavam indisponíveis, e a esposa do governador estava imergida em seu último escândalo com o marido. Desse jeito eles teriam que contentar-se com a namorada do prefeito, que não estava remotamente na moda nem absolutamente interessada em fazer serviço social sob a intenção de ascensão social.

Mimi entrou na biblioteca em Duchesne, achou um assento nos fundos, e usando o aparelho de Bluetooth na orelha como desculpa para não saudar seus amigos. Pensou que as lições do Comitê eram um desperdício completo de tempo. Ela tinha sido absolutamente competente com suas habilidades desde a transformação, e a irritava que outros vampiros fossem tão lerdos. Hoje eles deveriam aprender mais sobre mutatio, a capacidade de se transformar em elementos: fogo, água, ar. Mimi suspirou. Ele já tinha desaparecido em um nevoeiro desde que tinha onze anos. Tinha se "desenvolvido" primeiro, como dizem.

"Sinto muito, podia repetir isso outra vez"? ela pediu, sacudindo o receptor minúsculo de prata calçado na sua orelha. "Você acha que poderíamos ter isso na Casa Branca? Não"?

A firma que ela tinha contratado, Elizabeth Tilton Eventos, recentemente tinham orquestrado uma extravaganza de cinco dias em Cartagena, em que Don Alejandro Castañeda, o herdeiro Blue Blood da fortuna de açúcar e bebida do pai, tinha se enlaçado a seu gêmeo vampiro, Danielle Russell, uma recente graduada. Mimi e Jack tinham representado a família, e Mimi tinha se sentiu um pouco enervada quando a conversa no jantar de ensaio era sobre como extraordinário tudo tinha sido extraordinário. O padrinho tinha anunciado isso "o próximo enlace terá que ser na lua, já que ninguém mais conseguirá superar esse!" Mimi com certeza ia tentar.

"Querida," Lizbet Tilton arrulhou. "Sinto muito, mas com a nova administração, o Rose Garden* está fora de cogitação. Eu não acho que contribuimos suficiente com a campanha. Mas deve haver algum outro lugar que você gostaria de ter". "Que tal Buckingham** , então? Estou certa que meu pai pode cobrar um favor".

* O Rose Garden é um ginásio poliesportivo localizado na cidade de Portland, nos Estados Unidos da América. Possui uma capacidade de 20.630 espectadores em partidas de basquete e de 18.280 em partidas de hockey e box lacrosse. É sede das partidas dos Portland Trail Blazers.

** O palácio da rainha da Inglaterra.

Lizbet riu saudosamente. "Meu amor, em que século você está? Está confundindo seus tempos de vidas? Mesmo que você seja da realeza, esse ramo do clã nunca nos perdoou por partir. Além do mais, eles estão terrivelmente estritos hoje em dia. Mesmo Charles e Camilla tiveram que casar em segredo."

Mimi fez beicinho. "Bem, suponho que poderíamos fazê-lo em uma ilha," disse, notando que Schuyler e Bliss tinham acabado de entrar. Mimi enviou uma sugestão rápida o que fez Schuyler repentinamente tropeçar. Ha. Alguém certamente não fazia suas lições de occludo. A mente de Schuyler era tão aberta quanto uma ferida.

"Você quer dizer a ilha do seu pai em Sandy Cay?" Lizbet perguntou. "Isso seria fabuloso". Os Forces possuíam sua própria ilha privada nas Ilhas Bahamas. "Todo o mundo podia pegar um jatinho no fim de semana, e se eles não tiverem asas nós podíamos fretar um avião. Acabamos de fazer isso para Alex e Dani na Colômbia".

Mimi então não queria que seu enlace fosse como qualquer outro.

"Que tal Itália?" Lizbet sugeriu. "Um dos palácios ancestrais? Você ainda têm aquele lugar em Toscana"?

"Um, não. Não Itália. Más memórias? Mimi repreendeu, resplandecendo para o grupo que a fitava. O diretor principal e o resto do comitê sênior finalmente tinham chegado, e lições estavam para começar.

"Certo. Desculpe".

"Você sabe," Lizbet disse pensativamente, "com todo o hoopla de todo mundo fazendo o enlace por toda a parte, ninguém faz um enlace cinco-estrelas em Nova Iorque há décadas."

"Aqui? Justo em casa?" Mimi frowned. Isso não soou especial absolutamente. Bem em frente, Edmund Oelrich misturava papéis no pódio e saudava mulheres bem conservadas que compunham o comitê sênior.

"Santo John o Divino é uma catedral Gótica fabulosa. Podia usar uma cauda mais longa que a da Princesa Di*. E podíamos conseguir o Coro de Rapazes de

Harlem. Seria adequadamente angélico".

* Princesa Diana, da Inglaterra.

Mimi considerou a sugestão. Era de fato uma igreja bela, ela contou Lizbet, e eles podiam ter a recepção no Templo de Dendur no Museu Metropolitano depois. Charles era procurador de museu e tinha sido particularmente generoso esse ano. Ela acenou para Jack, que acabava de chegar a porta. Seu irmão uniu-se a ela e deu um sorriso rápido.

"Com quem você está falando?" ele murmurou.

"Então, estamos na mesma página aqui? A de Santo John? E então o Met?"

Lizbet perguntava. "E você disse que queria convidar todos os Four Hundred, sim"?

"Feito e feito"! Mimi disse com satisfação. Guardou seu fone e sorriu para seu irmão. Agora que ele sabia seu segredo, ela notou que olhou em toda parte exceto em direção ao canto onde Schuyler se sentava.

Schuyler, e seu igualmente irritante humano Oliver humano, chegaram logo depois. Isso era outra paródia—deixando seres humanos em suas reuniões exclusivas. Charles nunca o teria permitido durante sua posse. Mas Lawrence tinha deixado claro que esperava que os Conduits passassem pelos mesmos treinamentos, e o que jeito melhor de aprender sobre seu chamado do que unir-se ao Comitê.

Mimi percebeu Jack tenso ao seu lado. Oliver tinha beijado Schuyler na bochecha. Isso era interessante. Ela tinha usado seu sentido de vampiro a zero no pescoço de Oliver. Notou as marcas denunciadores de mordida imediatamente. Eram indetectáveis ao olho humano, mas resplandeciam à visão de vampiro. Então. A pequena meio-sangue tinha feito seu melhor amigo seu familiar. Bem.

Isso deu uma idéia para Mimi. Se Schuyler não ia abandonar sua pequena ligação patética com Jack, então talvez ela podia ser forçada a.

Oliver podia se provar útil.

Mimi teria que agir rápido. Tinha contado a Lizbet que ela queria que seu enlace acontecesse em três meses.

Capítulo 19

Ao contrário de Mimi, Bliss aproveitou a nova agenda do Comitê. Ela gostava de descobrir e usar suas habilidades de vampiro, em vez de apenas memorizar fatos chatos sobre sua história, ou encher envelopes e criticar fornecedores para eventos extravagantes que ela não parecia ansiosa para participar. As lições conseguiam bombear seu sangue. Ela ficou excitada ao se encontrar adepta de algumas das tarefas mais difíceis, como o *mutatio*, por exemplo.

O comitê sênior tinha pedido aos membros mais jovens para se organizarem em grupos de dois ou três, enquanto praticavam a delicada arte da metamorfose.

“Todos os vampiros devem ser capazes de se transformarem em fumaça, ou ar, ou neblina; embora a maioria de nós possamos se transformar em fogo e água também. Como vocês devem estar cientes, A Conspiração fez com que as falsas lendas sobre nosso povo perpetuado nas histórias Red Bloods são baseadas em uma pequena quantidade de verdade.” Dorothea Rockefeller, sua professora convidada, riu quando disse isso. A Conspiração era uma ótima fonte de diversão para o comitê.

“Eles também pensaram que poderia ser adequado se os humanos fossem levados a acreditar que a nossa espécie pode apenas se transformar em morcegos, ratos e outras criaturas da noite. Dessa forma os Red Bloods estariam tranquilos em um falso sentimento de segurança durante a luz do dia. E enquanto é verdade que alguns de nós tenha a habilidade de mudar de forma e poder escolher essas formas físicas repulsivas, a maioria de nós não escolhe. De fato, nossa lady Gabrielle escolheu uma pomba como seu *mutatus*. Se você é um dos poucos que pode se transformar à vontade, você encontrará uma forma que se adapte com suas habilidades. Não fique surpreso se isso não for o que você esperava.

Bliss era um dos poucos com sorte. Ela achou que poderia trocar de garota para fumaça e voltar novamente, e então tentar outras formas – um cavalo branco, um corvo preto, um macaco aranha, antes de se estabilizar na forma de uma leoa dourada.

Mas Schuyler simplesmente parou no meio da sala, ficando cada vez mais e mais frustrada com cada tentativa fracassada. “Talvez seja porque eu sou metade humana,” ela suspirou quando ainda em uma outra tentativa de forçar seu corpo para mudar em uma diferente configuração resultou em simplesmente cair sobre o chão, ainda ela mesma.

“Hey, qual o problema com ser humano?” Oliver perguntou, observando com fascinação quando Mimi Force se transformou em uma Fênix, uma coluna de fogo, e uma serpente vermelha num espaço de três segundos. “Wow – ela é boa.” “Exibida,” Bliss assobiou. “Não se preocupe com ela. E pare de rir Ollie. Você

está destraindo Schuyler!” Bliss tentou não ser tão presunçosa sobre seu sucesso, mas foi gratificante saber que Schuyler não era boa em tudo.

“Olha, aqui está o que você faz. É suposto você visualizar seu objetivo. Você tem que ser o nevoeiro. Pense como o nevoeiro. Deixe sua mente em branco. Você pode sentir isso – um arrepio – começa na beirada da sua pele, e então...”

Schuyler obedientemente fechou seus olhos. “Ok, estou pensando como o nevoeiro. Golden Gate[re] *. San Francisco. Patinhas de gato. Eu não sei...não está acontecendo.”

*ponte que liga San Francisco e Sausalito na califórnia

"Sshhhh," Bliss advertiu. Ela já podia sentir a transformação começar, podia sentir todos seus sentidos mudando, podia sentir seu próprio ser desaparecer em uma suave nuvem cinza. Ela estava se divertindo imaginando como poderia usar este novo talento, quando teve outra visão. A dureza da imagem foi como um soco no estômago.

Dylan.

Se ele tinha parecido meramente desganhado antes, estava pior agora. Suas roupas estavam em trapos, sua camisa rasgada em tiras, seus jeans despedaçado, e seu cabelo selvagem. Ele parecia como se não tivesse comido ou dormido nas últimas semanas. Estava em pé em frente ao portão da escola, agitando as barras, e delirando como um louco.

“O que está errado?” Schuyler perguntou imediatamente quando Bliss tropeçou. “Dylan. Ele está aqui.”

Isso foi tudo que ela precisou dizer.

Os três saíram correndo da reunião do comitê, ignorando os rostos curiosos dos outros membros, deixando a biblioteca, e descendo as escadas. Com a velocidade de vampiro significou que Schuyler e Bliss chegaram à frente de Oliver, que estava ofegando enquanto tentava acompanhá-las.

Duchesne era localizada em um canto sossegado da Ninety-sixth Street, no conjunto de escolas preparatórias. À partir do meio da tarde, as ruas estavam praticamente desertas, exceto por uma babá ou duas empurrando um carrinho em direção ao parque.

O garoto que estava no meio da calçada tremendo violentamente os portões, parecia como um profeta de uma época passada, um regresso a um tempo de sacerdotes e pontificadores, quando homens esfarrapados alertaram sobre o fim do mundo. Não havia quase nenhum sinal do adolescente que queria crescer para tocar guitarra como Jimi Hendrix e tinha sido o provocador de inúmeras brincadeiras.

“ABOMINAÇÃO!” Ele trovejou quando os viu.

“É minha culpa,” Bliss chorou, já perto das lágrimas na vista de Dylan. “Eu sei que prometi que ia contar para o Conclave sobre ele, mas eu não pude. E eu não chequei ele...Eu o deixei e ignorei...Eu só queria que ele fosse embora. É toda minha culpa.”

“Não, é minha,” Schuyler disse. “Eu estava indo para dizer a Lawrence, mas - ”
“É tudo culpa nossa,” Oliver disse firmemente. “Deveríamos ter feito alguma coisa sobre ele, mas nós não fizemos. Olha, nós temos que tirá-lo daqui. As pessoas vão começar a fazer perguntas,” ele disse, quando uma mulher idosa caminhando com um poddle cruzou a rua e atirou um olhar intrigado a eles. “Nós não queremos a policia envolvida.”

Dylan se atirou em direção a eles repentinamente, arranhando através das barras e gargarejando em uma linguagem que eles não entendiam.

Schuyler apenas se abaixou ao alcance dele.

“Temos que chegar até ele, antes que ele use o glom em nós novamente.”

Bliss imediatamente se transformou na leoa dourada. Ela era uma visão para se contemplar - espreitando, uma criatura implacável. Ela saltou sobre o portão e caminhou até Dylan, que se enfureceu com ela. “Demônio desprezível!

TRAIDORA!” Ele assobiou.

Bliss o encurralou contra as barras de ferro e expôs seus dentes. Ela recuou em suas pernas traseiras e empurrou-o com suas gigantes patas douradas. Dylan se encolheu e gemeu, se agachou com suas mãos sobre a cabeça.

“Ela pegou ele!” Oliver gritou, apontando Schuyler para se mover em direção ao lado direito de Bliss.

Schuyler correu para o lado de Bliss. Dylan a olhou nos olhos. Viu a fúria, raiva e confusão lá. Ela vacilou. Não havia nenhum monstro. Havia um animal ferido.

Mas Oliver não tinha escrúpulos. “SCHUYLER! FAÇA ISSO! AGORA!”

“Durma!” Ela ordenou e agitou sua mão na frente do rosto de Dylan.

Dylan desmoronou e caiu até o chão. Bliss se transformou de volta a si mesma e ajoelhou ao lado dele.

“Ele irá dormir até que seja comandado a acordar.” Schuyler disse a eles.

Oliver se ajoelhou ao lado de Bliss, e eles foram capazes de criar uma camisa de força temporária do suéter de Dylan. As linhas em seu rosto foram lentamente suavizadas. Dormindo, ele parecia dócil e pacífico.

“Nós temos que entrega-lo ao Comitê; isso já foi longe o suficiente,” Oliver disse.

“Eu sei que você não quer, Bliss, mas é melhor para ele. Talvez eles possam ajuda-lo.”

“Mas talvez...”

“Vou levá-lo ao meu pai,” Bliss decidiu. “Eu posso ser capaz de defender seu caso com Forsyth. Consiga que ele mostre a Dylan alguma misericórdia, porque

ele é meu amigo. Ele saberá o que fazer.”

Schuyler concordou. Deve ser capaz de lidar com Dylan. Enquanto isso, o Rolls Royce* dos Llewellyns parou ao meio fio. Eles empacotaram Dylan no banco de trás e amarraram ele próximo a Bliss.

* http://www.motorspain.com/wp-content/fgallery/general3/rolls_royce_phantom_coupe_13.jpg

“Ele ficará bem,” assegurou Schuyler.

“Sim,” Bliss disse, mesmo sabendo que nenhum deles acreditava mais nisso. O carro se afastou, e ela levantou a mão em despedida. Oliver retornou o aceno, enquanto Schuyler parecia simplesmente ferida. Finalmente o carro virou a esquina e ela não pode mais vê-los.

Quando Bliss chegou ao Penthouse des Reves, o extravagante triplex da sua família no topo de dos prédios mais exclusivos da Park Avenue, BobiAnne estava tendo uma consulta com seu astrólogo na “casual” sala de estar. A madrastra de Bliss era uma grande – socialite Texana que gotejava diamante, mesmo antes da tarde. A meia irmã de Bliss, Jordan, estava fazendo lição de casa sobre uma mesa de café próxima. As duas se olharam em surpresa na entrada de Bliss.

“O que na terra?” BobiAnne gritou, pulando da sua cadeira com a visão da sua enteada e o garoto inconsciente e amarrado.

“Este é Dylan,” Bliss disse, como se explicasse tudo. Ela estava assustadoramente calma quando abordou sua família. Não tinha idéia de como eles iriam reagir a visão dele, especialmente porque ele estava tão sujo. BobiAnne teve uma palpitação no coração quando alguém se esqueceu de usar um descanso de copo ou deixar marca de mão suada no seu papel de parede Japonês.

“O garoto que desapareceu,” Jordan sussurrou, seus olhos redondos e assustados.

“Sim. Há algo de errado com ele. Ele não está...totalmente bem. Eu tenho que dizer ao papai.” Bliss confessou tudo – o inesperado retorno de Dylan, como ela tinha escondido ele no Hotel Chelsea – e deu a elas a rápida versão do ataque aos Cliff. “Mas nós estamos todos bem,” assegurou. “Não se preocupe comigo, ajude ele,” ela disse gentilmente ajustando ele para baixo perto do sofá-cama.

“Você fez a coisa certa,” BobiAnne disse, pressionado Bliss ao peito e sufocando-a com seu perfume. “Ele estará seguro aqui conosco.”

Capítulo 20

A primavera em Nova York era uma miragem. A cidade se transformava do brutal inverno para um brutal verão com mal uma lacuna entre um e outro. Depois da neve derretida do inverno, teriam alguns dias de chuva, e então o sol brilharia, fazendo da cidade uma grande sauna. Como seus residentes companheiros, Schuyler apreciava a pequena primavera que eles tinham. Enquanto caminhava pela Rua 96 com Bliss depois da escola, ela sorriu quando percebeu o primeiro frágil broto da estação.

Mesmo que muita coisa na sua vida tenha mudado, ela ainda podia contar as tulipas do Central Park.

Escolheu uma florzinha amarela de um arbusto próximo e colocou em seu cabelo. Duchesne estava começando seus últimos meses antes das férias de verão. Os veteranos já tinham recebidos suas aceitações universitárias, e os professores davam suas aulas nos pátios ao ar livre .

Bliss disse a ela que Dylan estava sendo cuidado- e nao de um mau jeito. Forsyth tinha sido mais do que simpático com a situação de Dylan. O senador disse que ainda poderia haver esperança para ele, mesmo que tivesse sido corrompido, já que levava um bom tempo para que um Blue Blood se tornasse um Silver Blood. Poderia haver tempo para reverter o processo. Forsyth o tinha colocado em um lugar onde poderia ser observado e reabilitado.

“Basicamente, ele está em reabilitação,” Bliss explicou enquanto andavam pelos marcos familiares da vizinhança, evadindo um grupo de olhar de cara feia- as meninas de Bamford em seu uniformes azul e branco. “Voce sabe quando Charles Bank e Honor Leslie foram para o Transitions no último ano? E todo mundo pensava que eles estavam lá por causa de drogas?” Bliss perguntou, nomeando dois estudantes de Duchesne que tinham desaparecido da escola por meses.

“Uh-huh.” Schuyler assentiu.

“Bem, nao foram drogas. Suas transformacoes estavam enfraquencendo eles. Estavam tendo alucinações, não podiam separar o passado do presente. Atacavam humanos, violando o Código. Então eles foram mandados para longe para lidar com isso. Reabilitação é uma boa cobertura, você não acha? Os humanos acham que eles estão lá para desintoxicar, o que eu acho que é verdade de certa forma.”

Quase surpreendia Schuyler como os vampiros encontravam um jeito de disfarçar suas vidas reais se integrando em uma sociedade humana normal, mas Bliss explicou que essa era atualmente uma outra forma. “Aparentemente, a Clínica Mayo, Hazelden, e todas aquelas centros de reabilitação famosos foram

fundados por Blue Bloods. Eles tiveram que começar a atender aos problemas humanos quando começar a ficar na moda. Você acha que ele ficará bem?" Bliss perguntou.

Schuyler não queria dar a Bliss nenhuma falsa esperança, mas ela achou que seria cruel dizer o contrário. "Tenho certeza de que eles tentarão o melhor."

Bliss assentiu. "Sim."

Elas fizeram planos de visitar Dylan em alguns dias, e Schuyler se despediu na 86º para pegar o ônibus da 5º Avenida.

A semana toda ela esteve forçando pensamentos de alertas de Mimi de sua mente. Mimi estava dizendo a verdade? Ela estava colocando Jack em perigo? Ela queria perguntar a Lawrence sobre isso, mas estava com tanta vergonha. O que seu avô tinha dito? Você deve ter notado que ele se sente atraído por você. Graças a Deus que você não se sente atraída por ele. Isso traria um desastre para vocês.

Como ela poderia dizer a seu avô que ele estava errado. Que ela retornava os afetos de Jack Force. Que ela era fraca e patética quando Lawrence acreditava que ela era forte. Não poderia. Disse a si mesma que não poderia chateá-lo com tal coisa boba como sua vida amorosa de qualquer jeito, enquanto ele estava lá fora lidando com um problema tão grave e sério quanto a possível destruição de toda a essência da existência dos Blue Bloods. Estava começando a ficar preocupada com Lawrence. Não recebia mensagem dele já faziam uns dias. Seu avô tinha estado receoso de usar os meios normais de comunicação, e uma vez que ele chegasse ao Rio contava exclusivamente com a telepatia para manter contato com ela e deixa-la saber que tudo estava bem. Até agora ele só tinha reclamado do tempo (vaporoso) e da comida (muito apimentada). Ele não tinha mencionado o problema no Corcovado, e Schuyler não sabia se isso era bom ou mau.

Não tinha tido nenhuma oportunidade de perguntar a Jack sobre as predições terríveis de sua irmã. Eles não tinham conseguido se encontrar desde a noite do ataque de Dylan. Mimi, Schuyler sabia, estava tomando todo o tempo livre dele. Quando ela chegou em casa, Jack estava na sala de estar, falando com seu pai. Charles estava com seu roupão. O antigo líder dos Blue Bloods agora passava seus dias no escritório. Ele nem ao menos parecia que tinha tomado banho naquele dia. Schuyler sentiu pena e moléstia. Ele tinha causado a ela tanto sofrimento. Ela tinha que evitar todas as pessoas que amava por causa dele. Acreditava em suas ameaças, mas ultimamente parecia como se Charles fosse apenas uma ameaça a si mesmo. Mas então percebeu que se Charles não a tivesse trazido para sua casa, talvez ela e Jack nunca teriam tido a chance de descobrir como eles realmente gostavam um do outro.

"Ei." Jack sorriu. "Você voltou cedo."

"Eu peguei o ônibus dessa vez," ela disse, colocando as coisas da escola em uma mesa próxima. Ainda não se sentia confortável na casa mas por outro lado, ela estava cansada de rodear aquele lugar como se não pertencesse a ele.

"Oi, Schuyler," Charles grunhiu.

"Charles," ela disse friamente.

O antigo Regis apertou o cinto do roupão e voltando para sua toca, deixando os dois sozinhos.

"Ela está aqui?" Schuyler perguntou, olhando em volta pelo opulento espaço que era a sala de estar dos Force. Decorado em estilo luxuriante franco-vitoriano, a sala estava cheia de raras antiguidades, como um museu familiar, qualidade e arte, e tecidos suntuosos. Seus sentidos diziam que Mimi não estava por perto. Mas quem sabia.

"Não. Ela está em algum tipo de prova," ele respondeu.

Schuyler sentou-se próxima a ele na poltrona "Kissing chair"* de veludo dourada datada do século dezesesseis e assim chamada porque um par tinha que sentar-se na lateral de lado se encaixando. "Jack". Ela olhou seu rosto. O rosto que ela amava tanto. "Quero te perguntar algo".

* Kissing significa beijo, chair significa cadeira.

"Pode perguntar," Jack disse, estendendo as suas pernas na frente dele e colocando seu braço longo sobre a borda da cadeira de modo que os seus dedos descansavam ligeiramente nos ombros dela. Isso formigou no toque mais leve.

"É verdade que o Enlace entre você e-"

"Não quero conversar sobre o Enlace," Jack disse, cortando-a e retirando o braço. Seu rosto arrefeceu, e durante um momento ela viu um flash da natureza verdadeira dele, viu o anjo escuro que ele era. O anjo que tinha forjado a destruição no Paraíso, o que soaria a trombeta do Apocalipse quando isso acontecesse. Era o rosto de Abaddon, o golpe de martelo, o soldado mais perigoso no exército do Onipotente.

"Mas quero saber-"

"Shh". Jack virou para ela e pressionou uma mão na sua bochecha. "Não vamos..."

"Mas Mimi. .." Assim que Schuyler disse seu nome, percebeu uma presença na entrada da frente. Mimi estava em casa, ou prestes a estar.

Mais rápida que um piscar, ou em velocidade máxima de vampiro, Schuyler deixou a sala de estar e correu para o quarto, fechando a porta atrás dela.

Quando Mimi entrou meros segundos mais tarde, carregando vários sacos de compras, achou Jack lendo um livro sozinho. Schuyler e Jack não estavam sozinhos outra vez essa noite. A família inteira se reuniu para jantar algumas

horas mais tarde. Uma vez por semana, Trinity Burden, a mãe deles, exigia que as crianças estivesse em casa juntos com seus pais para jantar. Schuyler uma vez tinha sonhado com uma família nuclear, de uma vida que incluía uma mãe carinhosa, um pai atento, e irmãos que importunavam um ao outro por carne e batatas. Naturalmente, os Forces não eram nada disso.

Capítulo 21

Contratar Lizbet Tilton foi a melhor decisão que ela poderia ter tomado, Mimi pensou, parabenizando-se por seu conhecimento. Lizbet conseguiu um navio muito concorrido, e em pouco tempo as vagas estavam preenchidas dentro da data solicitada, contratos elaborados, orçamentos equilibrados, depósitos feitos. Antes tarde do que nunca Trinity e Mimi foram olhar os esquemas de cores e o menu com o fornecedor e o designer de interiores. Tudo estava funcionando como um relógio; apesar de que você consideraria um relógio do juízo final, pelo jeito como Jack estava agindo.

"Você sabe do que isso trata?" ele perguntou, encontrando Mimi sentada na sala de reuniões de Trinity na noite seguinte.

A 'mãe' deles - Mimi sempre pensou na palavra com aspas no ar, já que Trinity era tanto sua mãe quanto Jack era seu irmão - havia requerido a presença dos dois antes do jantar. Ela insinuou que queria falar com eles sobre algo importante sobre a conexão deles.

"Eu tenho um pressentimento." Mimi sorriu. Ela desarrumou, arrepiou o cabelo de Jack, e em troca ele colocou uma mão em sua cintura e a puxou para perto dele. Eles sempre foram afeiçoados, e mesmo ela estando consciênte da duplicidade dele, ela não podia endurecer seu coração contra ele. Jack não havia acordado em selar a ligação tão cedo nesse ciclo, mas pelo menos, ele não havia feito nada para impedi-lá.

Talvez o namorico com Schuyler fosse simplesmente isso. Jack só a estava usando como diversão. Uma reserva lateral. Mimi certamente entendia. Ela havia achado um novo e delicioso familiar, e estava com um apetite tão voraz que quase matou o garoto no outro dia. Ele ficaria bem; nada que um descanso e uma semana longe de uma certa vampira loira não curasse.

Mimi olhou em volta com aprovação. O escritório da casa de Trinity era famoso entre os de seu tipo por ser o mais luxuoso e impecável. Pendurados na parede de veludo estavam retratos em tamanho real de aristocratas dos séculos XVII e XVIII tirados por Vigée-Lebrun e Winterhalter. Havia um piano Erard no canto - o mesmo que Chopin usou em suas composições. O bonheurs du jour, uma pequena, elegante mesa de escrita onde Trinity escreveu seu cartão-de-agradecimento-de-uma-palavra ("Bravo!" era sua manifestação mais comum depois de ir a festa de jantar de um amigo) fora originalmente encomendada pelo Grand Trianon.

Mimi decidiu que quando recebesse sua herança gigantesca, e ela e Jack comprassem o próprio lugar na 740 com a Park, ela contrataria o mesmo decorador.

Poucos minutos mais tarde, Trinity entrou na sala segurando duas longas caixas de ébano gravadas com figuras em ouro. Mimi se sentiu deslocada, percorrendo suas memórias, e ela soube subitamente porque eles estavam ali. "Mas onde está Charles?" ela chorou. "Nós não podemos fazer isso sem ele, podemos?"

"Eu tentei, minha querida. Mas ele não deixa os estudos. Ele só..." Trinity sacudiu ligeiramente os ombros. Mimi entendeu que sua mãe aderira a um rígido código de etiqueta. Por mais angustiada que ela estivesse por causa da condição do marido, ela nunca admitiria isso ou externaria sua exasperação. Ela era uma mulher que não havia aprendido a fazer uma cena.

Charles começou a deteriorar desde que perdera sua posição com Lider de Clave e isso era algo de que os Force nunca falavam a respeito. Isso confundia e os perturbava, mas não havia nada que eles pudessem fazer. Eles presumiram que Charles iria simplesmente passar por cima disso um dia. Enquanto isso, a empresa e todas as suas ações estavam sendo dirigidas por um grupo de diretores altamente eficientes, que pararam as indagações do por quê o chefe e fundador nunca mais apareceu em outra reunião.

"Está tudo bem," Jack assegurou a sua gêmea. Ele também sabia o que estava para acontecer e não pôde disfarçar a emoção na voz. "Nós não precisamos dele."

"Você tem certeza?" Mimi perguntou, parecendo desapontada. "Mas sem a benção do Arcanjo..."

"Será tão mortal quanto," Jack a acalmou. "Nada pode mudar o poder deles, O poder deles vem de nós dois." Ele acenou para Trinity. "Vamos começar, Mãe?" Em resposta, Trinity baixou a cabeça. "Eu ficarei honrada de fazer esse ritual." Ela fechou a porta quietamente e diminuiu as luzes. As caixas na mesa de café emanavam um brilho suave e nebuloso.

"Eu lamento a minha preça por julgar a conexão de vocês. Eu estava errada, me perdoem. Talvez isso tenha acontecido por eu não poder mais me conectar com o meu gêmeo."

Mimi conhecia a história de Trinity. Trinity era Sandalphon, o Anjo do Silêncio. Ela havia perdido seu gêmeo para os Silver Bloods durante a batalha em Roma. Trinity se casara com Charles como os Red Bloods quando a gêmea dele, Allegra, quebrou a ligação entre eles. Era um casamento por conveniência, nada mais. Trinity ainda lamentava a morte do anjo Salgiel.

Trinity abriu as caixas. Aninhados dentro da caixa haviam duas espadas com bainhas cravadas em jóias. Espadas que agora poderiam ser usadas na luta contra Croatan.

Ela pegou a primeira espada, ainda na bainha, e entregou a Jack. "Ajoelhe-se, Abbadon."

Jack levantou-se de sua cadeira e andou até estar de frente para Trinity. Ele se

ajoelhou em frente a ela, sua cabeça baixa.

Trinity levantou a espada sobre a cabeça dele. "Com a autoridade dos Céus investidas em mim, eu, Sandalphon, confiro-lhe todos os direitos e privilégios como o verdadeiro proprietário da Eversor Orbis."

Destruidor de Mundos.

Ela então encostou a espada no ombro esquerdo de Jack. "Levante-se, Abbadon da Escuridão."

Jack levantou-se com um sorriso triste no rosto por ter aceito a espada. Então ela se virou para Mimi.

"Ajoelhe-se, Azrael."

Mimi levou um momento para chegar a posição, devido ao salto alto. Trinity pegou a segunda espada e mais uma vez levantou-a sobre a cabeça.

"Com a autoridade dos Céus investidas em mim, eu, Sandalphon, confiro-lhe todos os direitos e privilégios como a verdadeira proprietária da Everson Lumen."

A luz destruidora.

Mimi sentiu o toque leve da espada em seus ombros. Então ela se levantou com um largo sorriso no rosto. Ela se virou para Jack, que acenou. Juntos, os gêmeos, desembainharam as espadas e as levantaram no ar, apontando-as para o Céu.

"Nós aceitamos essas armas como nosso direito divino. Forjadas no Céu, lançadas a Terra, elas são nossos instrumentos na busca pela Redenção."

Trinity juntou-se a eles quando terminaram toda a ladainha das espadas.

"Só as usem em uma terrível necessidade. Mantenha-as escondida dos seus inimigos. Usem-as apenas para matar."

Apesar de terem recebido as espadas todas as vezes ao longo de cada ligação ao longo dos séculos, elas não haviam sido tiradas da bainha em milênios. Os Silver Bloods haviam sido vencidos, ou assim eles tinham acreditado. Mimi olhou com admiração a arma brilhando em sua mão. Ela se lembrou do peso e da nitidez da lâmina. Lembrou-se do terror que uma vez havia trazido aos seus inimigos.

Ela notou como Abbadon estava segurando a dele delicadamente, amavelmente.

Uma espada era uma extensão de si mesmo. Única, insubstituível, inesquecível.

As espadas de vampiros mudavam de formato, de cor e de tamanho. Quando preciso elas poderiam se tornar tão amplas como eixos ou tão estreitas quanto agulhas.

Na ligação, ela a usaria em seu quadril, nas anaguis de seda que lhe davam formas.

Trinity acendeu as luzes novamente no nível máximo. "Tudo certo, então." Ela acenou como se eles tivessem simplesmente acabado de conversar sobre algo pequeno e trivial ao invés de terem completado algo maravilhoso e que mudaria suas vidas. Na luz de final de tarde, com os sons de táxis soando nas avenidas e os

beeps metálicos do fax de Trinity (recebendo ainda outra cópia de um recorte de jornal sobre ela), era difícil de imaginar o mundo cheio de primitivos, com perigos ocultos. Como conciliar um mundo com mensagens instantâneas e vinte e quatro horas de canais de notícias com o mundo de aço e sangue.

Mas foi isso que o pessoal deles fez: eles evoluíram, se adaptaram, sobreviveram. "Bem legal, huh?" Jack perguntou, enquanto se despedia de sua mãe e ia em outra direção.

"Pode apostar." Mimi concordou, colocando a caixa de ébano debaixo do braço. Ela correu para o quarto e empurrou a caixa para o fundo do closet, atrás de um rack de sapatos.

Ela estava atrasada para o Pilates. Se ela ia ser a noiva mais linda que o Coven já viu, era melhor que ela arrastasse o traseiro para a academia imediatamente. Ela tinha braços para esculpir.

Arquivo Pessoal de Cordelia Van Alen

Repositório de História

Classificação do documento:

Apenas Apuramento Altithronus (a palavra tá em latim... significa 'sentado no trono dos céus o.o')

9 de maio de 1995

Cara Forsyth,

Como você sabe, eu tenho profundo apreço por sua lealdade inabalável e amizade para com a família Van Alen. Me perturba que nós tivemos sido separadas pela sua decisão de controlar e dirigir um escritório Red Blood, em violação direta do Código. Embora eu não esteja convencida de que você fez a escolha certa, eu a respeito.

Eu estou te escrevendo para que você mude de ideia conforme a sua decisão de não trazer o novo espírito do Observador para a sua família.

Eu insisto que você reconsidere. Nós precisamos de mais proteção do que nunca, e da sabedoria do Observador para guiar nosso caminho. Eu temo que Charles e sua arrogância irão trazer nada mais para o nosso povo do que desgraça. Forsyth, eu apelo para a sua amizade. Pegue o Observador e a sua família como uma salvaguarda contra a força das Trevas.

Sua amiga, Cordelia Van Alen

Capítulo 22

Transitions Residential Treatment Center ficava situado num disperso campos de vários prédios no norte de New York. Oliver tinha oferecido para dirigir por Bliss e Schuyler, desde que ela tinha recentemente pegado sua licença, juntamente com um quente novo Mercedes G500^{*}. A caixa personalizada – fez o SUV prata seu mais recente motivo de orgulho.

Schuyler estava contente por escapar. Ela se sentia culpada pelo que havia acontecido com Dylan, o quanto eles tinham o abandonado negligenciando em contar para o conclave sobre sua situação o mais rápido possível.

Esperançosamente os anciões saberiam qual o melhor procedimento. Bliss disse a eles que seu pai assegurou que Dylan não teria nenhum prejuízo em suas mãos, e seria dado o melhor tratamento possível, mas ela queria vê-lo com seus próprios olhos – todos eles queriam.

No banco de trás, Bliss hesitou entre estar do tipo desapontada e estar um pouco alegremente louca, Schuyler notou. Ela estava melancólica e silenciosa quando saíram provavelmente preocupada sobre Dylan e em que condições eles o encontrariam, e Schuyler estava contente quando no meio do caminho pra fora da cidade Bliss se animou e começou a tagarelar energicamente sobre o GPS.

^{*} esse carro:

http://www.easypedia.gr/el/images/shared/7/75/Mercedes_G500_silber.jpg

“Amendoins M&M’s?” Bliss ofereceu, inclinando-se com um grande saco amarelo aberto.

“Não, obrigada” Oliver disse, mantendo os olhos na estrada.

“Claro,” Schuyler concordou. Era engraçado como o Comitê não podia prevêr tudo: mesmo que eles fossem vampiros, não haviam perdido o gosto por doces. Era agradável deixar a Duchesne, mesmo que só por um dia. Todo mundo na escola sabiam de todos os detalhes da ligação próxima de Mimi e Jack (ou pelo menos os Blue Bloods sabiam) e não conseguiam parar de falar sobre isso. Os outros pensavam apenas que os Forces estavam dando uma fabulosa festa que eles não foram convidados novamente, e de certa forma suas suposições estavam corretas. Schuyler estava enjoada de ouvir sobre os vestidos de Mimi e como essa ligação comparava todo o passado de alguém em suas histórias compartilhadas. Piper Crandall constantemente lembrava a todos que tinha sido uma empregada para Mimi três vezes, já.

Era deprimente pensar que Jack e Mimi tinham estado juntos por um tempo incompreensivelmente longo. Ela quase não podia acreditar e não queria pensar

sobre isso naquele momento, e se ocupou por jogar com todos os botões do reluzente novo computador no painel. “Cara, isso é como, o veículo do exército mais luxuoso do mundo. Olhe isso! Esse é o botão que lança a M-15*,” ela brincou.

*um estilo de arma.

“Cuidado, este é o botão vermelho que destrói o mundo,” Oliver disse corajosamente, seguindo as instruções robóticas do GPS enquanto dirigia o carro sobre a ponte George Washington. O trânsito era a luz na rodovia.

Era a primeira vez que eles tinham matado aula em todo o semestre. Os alunos da Duchesne eram autorizados a matar aula várias vezes por ano, a escola era tão moderna que mesmo rebelião estava escrito no programa da escola. Algumas pessoas, como Mimi Force, empurravam essa política para os seus limites, mas a maioria nem sequer tirava proveito dela. A escola estava cheia de esperançosos por sucesso que preferiam ficar na classe a torrar uma chance de entrar em uma Ivy. Todo dia contava.

“Vocês sabem que isso poderia arruinar meu GPA*,” Oliver reclamou enquanto olhava por cima do ombro para mudar de faixa e chegar à frente de um Honda que estava indo abaixo do limite de velocidade.

“Relaxe só dessa vez, você pode?” Schuyler repreendeu. “Todos os veteranos estão desqualificados até eles receberem sua carta de aceitação.” Oliver poderia ser como um retrógrado às vezes. Sempre seguindo as regras. Ele era um Nerd total quando se tratava de acadêmicos.

*GPA é a média geral das notas do estudante, que conta para entrar em uma boa universidade.

“Sim, você não é do legado de Harvard de qualquer forma?” Bliss perguntou.

“Universidade parece uma coisa estranha, não é?” Schuyler meditou.

“Eu sei o que você quer dizer. Antes de nós descobrirmos sobre o comitê, eu pensei que podia ir para Vassar, sabe? Estudar História da Arte ou algo assim.” Bliss disse. “Eu meio que gostei da idéia de estudar a arte renascentista do Norte, e então, trabalhar em um museu ou galeria.”

“O que você quer dizer com ‘meio que gostou’?” Schuyler perguntou.

“Sim, você não acha que vai acontecer mais?” Oliver perguntou, passando entre as estações de rádio. Amy Winehouse estava cantando em sobre como ela não queria ir para a reabilitação. (No! No! No! No!). Schuyler encontrou os olhos de Oliver e sorriu.

“Caras, isso não é tão engraçado. Desligue ou mude,” Bliss advertiu. “Eu não sei. Eu meio que acho que não estou indo para a Universidade. Às vezes sinto como

se eu não tivesse um futuro.”

“Oh, psiu,” Schuyler disse, virando-se para que ela pudesse falar diretamente com Bliss, enquanto Oliver encontrava algo mais apropriado na rádio por satélite.

“Claro que você está indo para a Universidade. Todos nós estamos.”

“Você realmente acredita nisso?” Bliss perguntou, soando esperançosa.

“Totalmente.”

A conversa aquietou depois de alguns minutos, e Bliss foi levada pelo sono. No banco da frente, Schuyler escolheu a musica, Oliver deixando ela ser DJ dessa vez. “Você gosta dessa música?” Ele perguntou, quando ela arrumou em uma estação tocando uma canção de Rufus Wainwright*.

*Cantor Canadense

“Você não gosta?” Ela perguntou, sentindo como se tivesse sido pega em flagrante. Era a mesma musica que sempre tocava com ela e Jack. Ela pensou que poderia fugir escutando a musica no carro. Oliver tinha um pouco de traços de emo nele. Gostava de provocá-lo que seu gosto musical fugia da sua própria musica.

“Você achou que eu iria gostar, certo? Mas eu não gosto”

“Por que não?”

Oliver deu de ombros, olhando para os lados. “É como...muita choradeira ou algo assim. Ech.”

“O que você quer dizer?” Schuyler perguntou. “Choradeira?”

Ele deu de ombros. “Eu não sei, eu só sinto que o amor não é suposto ser assim...angustiado, sabe? Como se ele funcionasse, não deveria ser tão torturado.”

“Uh,” Schuyler disse, se perguntando se ela deveria mudar a estação de rádio.

Parecia traição tocar uma musica que a fazia lembrar de outro garoto. “Você é tão não romântico.”

“Não sou.”

“Mas você nunca sequer amou.”

“Você sabe que não é verdade.”

Schuyler ficou em silêncio. No mês passado eles tinham feito a *Caerimonia* duas vezes. Ela sabia que deveria pegar outros Familiares – os vampiros foram orientados a mudar seus familiares para não taxa-los – mas ela tinha sido capaz de ir mais longe do que pensava sem alimentação. E ela tinha resistido de tomar de outros seres humanos, sem a completa certeza se Oliver aprovaria.

Mas Schuyler não queria pensar sobre seu relacionamento – amizade – o que quer que isso fosse. Após a explosão de Oliver no Odeon, isso não tinha surgido

novamente. Ela quis difundir a tensão que estava começando a sentir dentro do carro. “Aposto que você não pode nem mesmo dar o nome de um filme romântico que você gosta,” ela disse.

Ela se sentiu presunçosa quando alguns minutos se passaram e Oliver ainda estava incapaz de nomear um filme romântico ele poderia se manifestar para aproveitar.

“*O império contra ataca*,” Oliver finalmente declarou, batendo na buzina para um Prius* que vagueava sobre a faixa.

“*O império contra ataca*? Do filme Star Wars? Isso não é Romântico!” Schuyler bufou, brincando com o controle do ar condicionado.

“Au contraire, minha querida, é muito romântico. A ultima cena, sabe, quando eles estão prestes a colocar o Han* naquela câmara de congelamento criogênico ou o que quer que seja? Se lembra?”

Schuyler concordou.

“E Leia* inclina-se sobre o peitoril e diz, ‘Eu te amo’”

“Isso é bobo, não romântico,” Schuyler argumentou, embora ela gostasse dessa parte.

“Deixe-me explicar, o que é romântico é o que Han diz de volta. Se lembra o que ele diz pra ela? Depois que ela diz ‘Eu te amo’?”

*Prius é um carro da toyota: <http://blogcarro.files.wordpress.com/2009/08/2010-toyota-prius.jpg>

*Han e Leia são personagens do filme Star Wars.

Schuyler sorriu. Talvez Oliver tivesse um ponto. “Han diz: ‘Eu sei’”

“Exatamente,” Oliver bateu no volante. “Ele não tem que dizer algo tão banal como ‘Eu te amo’. Porque isso já está compreendido. E isso é romântico.”

Pela primeira vez, Schuyler teve que admitir que ele estava certo.

Capítulo 23

Quando Bliss acordou de sua soneca, Oliver e Schuyler estavam estalando um no outro no assento da frente.

"Sobre o que vocês estão discutindo?" ela perguntou, revirando os olhos.

"Nada," eles disseram em coro.

Bliss aceitou a reticência deles sem fazer questão. Esses dois sempre mantinham segredos dela, mesmo quando não faziam de propósito.

"Ok, suponho que podemos parar para o almoço, então," Schuyler finalmente disse.

Ah, então era sobre isso. Esses dois brigavam por tudo. Tinha ficado pior desde que Oliver se tornou o humano familiar de Schuyler. Eles agiam mais como um velho casal do que antes. Nas aparências, pelo menos, eles fingiam que a amizade era exatamente a mesma. O que estava tudo bem para Bliss.

"Só estou dizendo que não faremos nem um bem ao Dylan se chegarmos famintos." Oliver encolheu.

Eles pararam em uma área de lazer, unindo-se aos viajantes cansados nas máquinas automáticas de venda de comida.

Oliver observou que uma das novidades de se crescer em cidades era que todos eram viciados a cadeias suburbanas de fast-food. Enquanto nenhum deles jamais consideraria ir ao MacDonald's em Manhattan- aqueles lugares eram basicamente para o uso de sem tetos- uma vez que fora dos limites da cidade, as regras mudavam, e ninguém se importava de comer sanduiches caros e saladas orgânicas verdes preciosas. Traga uma super refeição.

"Deus, me sinto doente," Bliss disse, sugando o resto do milk shake.

"Acho que vou vomitar," Oliver declarou, amassando o envoltório do seu hambúrguer gorduroso e limpando suas mãos com vários guardanapos.

"É sempre divertido comer essas coisas. Mas depois..." Schuyler concordou, mesmo ainda beliscando umas batatas fritas.

"Depois você sempre sente como se fosse botar tudo para fora. Ou o nível do seu colesterol sobe como um foguete," Bliss disse, fazendo uma careta.

Estava quieto quando eles voltaram para o carro e sentiram os efeitos da refeição. Meia hora depois, o GPS soou "Saída a direita 500 metros," e Oliver seguiu a sinalização subindo a rampa e descendo na estrada para um estacionamento. Eles tinham chegado.

O chão do centro de reabilitação era imaculado. Parecia mais como em resort cinco estrelas, onde celebridades iam se esconder depois de um fim de semana perdido, ao invés de centro de tratamento de alto preço para vampiros. Eles viram um grupo praticando tai shi no gramado, vários outros fazendo poses de

yoga, e grupos de pessoas sentando-se na grama num círculo.

"Terapia em grupo," Bliss sussurrou enquanto eles iam pelo caminho pela porta da frente do prédio principal. "Perguntei a Honor como eram as coisas aqui, e ela disse tem muita terapia de regressão de vidas passadas."

Eles foram recebidos na entrada por uma magra, bronzeada mulher em uma camiseta e calças brancas. O efeito era menos clínico e mais da moda- como uma ashram* da Nova Era.

* Lugares onde as pessoas vão para praticar yoga, consulta esotericas, entre outras coisas ligadas ao hinduísmo.

"Posso ajudar?" a mulher perguntou de forma amigável.

"Estamos aqui para visitar um amigo," Bliss disse, quem tinha se tornado a porta voz de facto do trio.

"Nome?"

"Dylan Ward."

A conselheira checou o computador e assentiu. "Você tem permissão do senador para visitar esse paciente?"

"Eu sou, uh, a filha dele," Bliss disse, mostrando a ela sua identidade.

"Bom. Ele está no campo norte, em uma cabana privada. Siga o caminho do lado de fora da porta, você verá a sinalização." Ela entregou-lhes a carteira de visitante.

"Horário de visita é até as quatro. A cafeteria fica no prédio principal. É o dia internacional - acho que vietnamita. Vocês gostam de pho*?"

* Um prato vietnamita. Trata-se de uma sopa de fitas de arroz.

"Nós já comemos," Oliver disse, e Bliss pensou ter sentido uma ponta de um sorriso nas palavras de Oliver. "Mas obrigada."

"Parece legal aqui," Schuyler disse enquanto eles caminhavam pela folhagem.

"O Comite fez um bom trabalho, devo isso a eles. Nada além do melhor para os vampiros." Oliver assentiu e colocou uns óculos escuros.

Bliss não podia acreditar quão calmo e organizado era tudo. Era ali onde eles colocavam Blue Bloods problemáticos? Talvez ela tenha cometido um erro em esconder Dylan por tanto tempo. Talvez eles realmente pudessem cuidar dele. Ela começou a se sentir menos esforçada e mais otimista. Vários pacientes acenavam para eles enquanto passavam.

O quarto de Dylan era uma das cabanas mais legais, com uma cerca branca de estaca e uma roseira crescendo pelas janelas. Uma enfermeira estava sentada na antesala.

"Ele está dormindo. Mas me deixe ver se ele receberá visitas," ela disse a eles.

Então desapareceu pelo quarto principal, e eles puderam ouvi-la falando em uma suave e gentil voz para Dylan.

"Ele está pronto para vocês." A enfermeira sorriu e indicou que eles eram bem

vindos para entrar.

Bliss exalou e não tinha percebido que estava segurando a respiração todo esse tempo. Dylan certamente parecia melhor. Ele estava sentado na cama, tinha cor em suas bochechas, e não parecia mais tão magro ou abatido. Seu cabelo preto estava cortado então não caíam fios lisos sobre seu rosto, e ele tinha sido barbeado. Parecia mais com seu antigo eu, como o garoto que tocava guitarra durante a capela somente para irritar os professores.

"Dylan! Graças a Deus!" ela chorou. Estava feliz de vê-lo parecendo tão saudável. Ele sorriu para ela agradeavelmente.

"Eu conheço você?" ele perguntou.

Capítulo 24

"Algumas vezes o passado nos cega do que está acontecendo no presente," disse o administrador mestre para começar a palestra. "Foi por isso que nós estivemos em negação a respeito da existência dos Silver Bloods por tanto tempo. Porque o nosso passado vinha nos dizendo que eles não eram mais uma ameaça. Porque o passado nos cegou da existência dos Silver Bloods. Nós havíamos esquecido como os dias atuais da nossa história são. Nós havíamos nos esquecido da Grande Guerra. Dos nossos inimigos. Nos tornamos frágeis e contidos. Retratos dos Red Bloods, nos tornando gordos e preguiçosos e ignorantes."

Uma ótima coisa para se dizer quando os botões do seu colete estão fora de ordem, Schuyler pensou. Essa era só outra segunda-feira. Outra reunião do Comitê. E uma tediosa, já que eles não estariam praticando *mutatio* * hoje. (* não achei uma tradução em nenhum idioma que eu pesquisei, mas acho que é variação do latim, *Mutatis mutandis*, que significa, mudar o que deve ser mudado)

Sentados próximos a ela, Bliss e Oliver pareciam tão entediados quanto ela. A visita a Transitions havia sido incrivelmente perturbadora a todos eles, afetando mais ainda a Bliss. Schuyler não sabia o que eles esperavam ver, mas eles certamente não esperavam encontrar a memória e a personalidade de Dylan totalmente apagadas.

Certo, Dylan não parecia prestes a acabar com eles com um sopro da mente e nem prestes a soltar acusações de que algum deles era partidário de Satã, mas ele também não parecia em nada consigo mesmo. Era como se ele fosse uma pessoa completamente diferente. Ele era amável, agradável e totalmente sem graça.

Nenhum dos médicos dele estavam lá para responder perguntas, e a enfermeira não disse nada a eles exceto que Dylan, pelo que ela podia dizer, estava 'bem'. Ele estava indo devidamente a todas as sessões de terapia e fazendo 'progresso'.

Schuyler sabia que Bliss estava se culpando, mas não havia nada que eles pudessem fazer. Nenhum deles fazia a menor ideia do que fazer para consertar o que quer que tenha acontecido com Dylan. Ela havia tentado consolar Bliss o máximo que pôde. Ela sabia o quão terrível iria se sentir se visse Jack desse jeito. Se ele algum dia olhasse para ela como se não a conhecesse.

E ainda, era isso que estava prestes a acontecer já que ele iria se unir a Mimi. Ele iria esquecer completamente de Schuyler, esquecer o que eles significam um para o outro.

Schuyler tentou prestar atenção ao que o Guardião Oelrich estava dizendo. Eram informações importantes, mas ela não estava com paciência para isso agora.

Sentados bem em frente a ela estavam os gêmeos Force. Ela havia assistido-os

entrarem na sala juntos, se sentindo ressentida por Jack ter rido de algo que sua irmã disse.

Embora, era óbvio que ele tinha que fingir. A atmosfera em casa estava frenética com os preparativos para a concretização da ligação. Pacotes diferentes chegando todos os dias, e muitas pessoas ligando. A planejadora de Mimi, Lizbet Tilton, tinha chegado com um bando de fotógrafos, estilistas, floristas, e 'artistas-de-paisagem-sonora' (as palavras exatas dela para o DJ que assumiu depois do cancelamento da orquestra as duas da manhã) para Mimi aprovar.

Schuyler se sentiu doente só de os ouvir falar do evento. Não só porque o evento em questão iria tirar Jack dela para sempre, mas por causa do jeito como Mimi estava agindo, você acharia que ninguém nunca havia feito a ligação antes. A própria cerimônia tinha suas vantagens - Mimi estava tão ocupada que os pequenos insultos e brincadeiras maliciosas haviam cessado.

Algumas vezes Schuyler sentia tanto a falta de Jack que parecia que havia um buraco em seu estomago que nunca iria fechar. Ela queria que ele não tivesse que esconder a maneira como se sentia sobre ela. Ela teve que lembrar a si mesma que aquilo era uma atuação, mas algumas vezes a indiferença dele parecia tão real que era difícil se consolar com as lembranças dos encontros privados. Algumas vezes parecia que as memórias dela eram meras fantasias, especialmente quando ela o via nos corredores da escola, ou quando ele mal reconheceu a presença dela na própria casa...

Capítulo 25

Bliss nunca entendeu a paixão cega de Schuyler com Jack Force e desejou que sua amiga desistisse desse fantasma particular. Nada de bom poderia vir disso. Mesmo que Bliss fosse um novo membro do comitê e estava apenas começando a aceitar os caminhos da sua espécie, ela sempre tinha entendido uma coisa: você não brinca com a ligação. A ligação era um assunto sério. Nada irá separar Jack e Mimi. Era suposto nada separar eles. Era impossível até mesmo pensar o contrário. Bliss pensava que Schuyler sempre tinha tomado isso muito levemente, o que era estranho para uma garota cuja própria mãe foi a primeira da sua raça a romper um vínculo e viver (se é que você pode chamar isso de viver) com as conseqüências. Mas como se costuma dizer, o amor é cego. Mas ela não disse ‘eu te avisei’ depois da palestra. Bliss não era esse tipo de amiga. Nenhum deles falou quando deixaram à reunião do comitê. Oliver tinha se desculpado rapidamente, deixando a reunião antes mesmo de ser dispensado, enquanto Schuyler estava deprimida e silenciosa na caminhada da escola para casa. Bliss não perguntou se ela ainda encontrava Jack naquele apartamento no centro – um segredo que Schuyler tinha inocentemente deixado escorregar um dia, há vários meses atrás, quando ela disse a Bliss sobre a chave que tinha encontrado em um envelope com um endereço deslizado embaixo na sua porta. No dia seguinte, quando Schuyler tinha ido para a escola corada e sonhadora, Bliss tinha juntado dois mais dois.

Bliss culpou Jack Force. Ele deveria saber melhor. Ele tinha acesso a o conhecimento do seu passado, enquanto que Schuyler era uma alma nova, como uma Blue Blood cega e muda, realmente. Ele só deveria ter deixado Schuyler sozinha.

Ambos os pais de Bliss estavam em casa quando ela chegou, o que a surpreendeu. BobiAnne geralmente tinha seus tratamentos de celulite, nesse horário, e era suposto Forsyth estar em Washington durante a semana. Ela colocou a chave na vasilha de prata legítima na mesa da frente e caminhou pelo corredor principal, atraída pelas vozes discutindo.

Parecia que Forsyth e BobiAnne estavam gritando uma para o outro. Mas Bliss logo percebeu que era apenas sua audição de vampiro que fazia parecer dessa maneira. Na verdade, eles estavam sussurrando.

“Você tem certeza de que garantiu completamente isso?” Era BobiAnne, soando mais agitada do que Bliss alguma vez já ouviu antes.

“Positivo.”

“Eu disse a você para levá-lo embora.”

“E eu lhe disse que não seria seguro,” Forsyth repreendeu.

“Mas quem levaria isso? Quem até mesmo saberia que nós pegamos? Ele nem sequer percebeu que está faltando...”

Houve uma risada oca. “Você está certa. Ele está arruinado. Está acabado. Tudo o que ele faz é chorar e meditar sobre velhos álbuns de fotos, ou ouvir fitas antigas. Trinity está transtornada. Isso é patético. Não há nenhuma maneira dele saber.”

“Então, quem?”

“Você sabe minhas suspeitas.”

“Mas ela é só uma garota.”

“Ela é mais do que isso. Você sabe disso.”

“Mas como podemos ter certeza.”

“Nós não podemos.”

“A menos que...”

Suas vozes desvaneceram. Bliss rastejou até a grande escadaria para seu quarto. Ela se perguntou sobre o que eles estavam falando. Parecia que tinham perdido alguma coisa. Sua mente brilhou para o colar que estava usando. Ela nunca devolveu para seu pai depois daquela noite do baile Four Hundred. Mas ele nunca pediu de volta também. Não poderia ser o colar, porque BobiAnne tinha visto ela usando no outro dia e comentou o quão bem ficava com seus olhos. Ela arrumou as coisas em seu quarto e pegou o telefone. Dylan tinha estado em sua mente quase todos os dias depois da visita. Não podia acreditar que ele não se lembrava dela. Não sabia se ria ou chorava quando pensava sobre ele. Bliss se mudou para fora das suas roupas de escola e colocou algo confortável. Ela caminhou para a cozinha, onde encontrou Jôrdan fazendo lição de casa encima do balcão.

“O que há de errado?” Jôrdan perguntou, olhando por cima dos seus livros. A garota estava em todas as classes de honra – algo que Bliss não tinha conseguido até o sangue de vampiro aparecer.

“Nada,” Bliss balançou a cabeça.

“É sobre aquele garoto, não é? Seu amigo?” Jordan perguntou.

Bliss suspirou e balançou a cabeça.

Ela ficou aliviada quando sua irmã não a pressionou para falar sobre isso. Em vez disso, Jordan rompeu sua barra de Toblerone* na metade. Era o doce favorito de Jôrdan, e ela amontoava em seu quarto, porque BobiAnne estava sempre discursando sobre seu peso.

*uma marca de chocolate suíço

“Obrigada,” Bliss disse, dando uma mordida. O chocolate era doce e delicioso que derretia em sua língua. Bliss estava comovida. Sua irmã tinha tentado fazê-la

se sentir melhor do jeito que ela só ela sabia. “Você precisa de ajuda com alguma coisa?” Ela perguntou, como uma forma de dizer que apreciou o gesto atencioso. “Nope.” Jôrdan balançou a cabeça. “Você esta perdida em matemática de qualquer forma.”

“Você está certa.” Bliss riu. Ela atirou o controle remoto para a televisão de plasma pequena pendurada sobre o balcão. “Isso vai te incomodar?” Ela perguntou, passando através dos canais.

“Nah.”

Bliss terminou o chocolate e assistiu televisão enquanto Jôrdan continuou trabalhando em seus problemas de matemática. Quando Forsyth e BobiAnne entraram na cozinha, poucas horas depois da reunião familiar, para o jantar, eles encontraram as irmãs ainda calmamente sentadas juntas, lado a lado.

Capítulo 26

Um encontro emergencial do Conclave foi convocado, e no final disso Mimi estava surpresa de encontrar Bliss esperando na porta do lado de fora.

"O que você está fazendo aqui?", ela perguntou, atirando a bolsa de ginástica nos ombros. Ela tinha estado no meio de uma sessão de 2 horas de cardio* antes de se dirigir a Torre Force. Não tinha tido tempo de se trocar ou parecer apresentável. Seu cabelo ainda colava na testa suada.

* Não entendi o que ela quis dizer com isso, mas ela usou essa palavra mesmo.

"Forsyth me pegou na escola, e quanto ele recebeu o chamado, me trouxe até aqui com ele," Bliss disse a ela. "O que aconteceu?"

"Seu pai não te disse?" Mimi hesitou, usando uma wristband* de pano para limpar a bochecha.

* Isso aki <http://holysocks.files.wordpress.com/2007/04/wristband-5.jpg>

"Algo a ver com uma espada dourada?" Bliss perguntou.

Mimi encolheu sem confirmar o palpite de Bliss. Ela estava especialmente aborrecida com Bliss, quem ela sempre tinha presumido ser mais uma perdedora do que uma rainha de regresso ao lar no esquema magnífico das coisas. Mas os experts da cidade e árbitros de moda pareciam não estar cheios da cabeleira ruiva amazona. Depois de abrir o desfile de Rolf Morgan, Bliss tinha posado para mais campanhas publicitárias do que nunca. O rosto dela estava em todos os quadros de anúncios, em todos os taxis. Ela era inevitável.

Mimi perdoaria a fama e glória repentina- Deus sabe que era isso que todo mundo em Nova York ficava atrás- mas ela não poderia perdoar Bliss por escolher lados, especialmente o lado errado. Todo mundo na escola sabia que Bliss e Schuyler eram as melhores. Mimi achou insultante que Bliss, a garota que não teria tido um lado social para sustentar em Duchesne sem a benção de Mimi, tinha virado as costas para se pendurar com um grupo pequeno de marginais. Ela não queria compartilhar informação, mas a oportunidade de tirar onda de seu status de pessoa bem informada para cima da amiga era demais para Mimi resistir. "É a espada de Michael," explicou. "A lâmina da justiça."

"Que que tem ela?"

"Está sumida. Charles chamou para o encontro assim que descobiu que tinha desaparecido." Mimi chegou ao Conclave para encontrar seu pai à cabeceira da mesa. Charles estava furioso. Ele estava certo de que alguém do Conclave tinha

pegado ela, e começou a assembléia acusando vários membros de roubo. Bliss olhou para o Anciãos por perto, que estavam deixando o local em grupos sussurrantes. "Por que isso é importante?"

"Dã. Não se lembra? É a espada do Arcanjo. É uma das duas existentes no mundo. Gabrielle tem a outra, claro- você sabe, Allegra- mas ninguém sabe onde ela desapareceu quando ela se foi. Está perdida há décadas. Mas a de Charles, a de Charles... ele mantinha em uma fechadura de sangue no seu estúdio. Mas alguém invadiu. Desapareceu. Ele tem certeza que o Croatan está com ela," Mimi explicou. A fechadura de sangue era a segurança mais poderosa que os Blue Bloods tinham em seu arsenal. Somente o sangue de um Arcanjo poderia abri-la. Era um quebra-cabeça impossível. Com Allegra em coma, não haviam outros suspeitos.

"Que isso tem a ver com os Silver Bloods?" Bliss quis saber, enquanto ela chupava a faixa cobrindo seu polegar. Tinha acordado de manhã e o encontrou sangrando. Que droga. Talvez tivesse sido picada em seu sono?

"Somente a espada de um Arcanjo pode matar outro Arcanjo. Não acredito que você não saiba disso, Bliss," Mimi gritou. "Você tem feito suas leituras?"

"Mas porque Charles iria querer matar Allegra?"

"Não Allegra. Deus, tenho que soletrar tudo para você? Se Lucifer está por aí, você sabe? O grande príncipe das trevas? Lucifer é um Arcanjo. É a única coisa que pode matá-lo. Espadas normais de Blue Bloods- você recebe uma antes de fazer o Enlace, a propósito, ou você também não se lembra disso? Essas só funcionam contra qualquer outro Silver Blood. Mas a espada de Michael é a única que pode matar Lúifer."

"E agora ela se foi."

"Sim. É um saco. Charles vai mesmo perder se a espada sair de seus cuidados," Mimi assinalou. Era mesmo ruim para seu pai. Podia sentir que tinham membros do Conclave que eram suspeitos dessa "invasão". Mas por que Charles roubaria sua própria espada? Eles realmente acreditavam que Michael, o Puro de Coração, teria ligações com os Silver Bloods?

Bliss olhou em busca de seu pai. Forsyth ainda estava na sala, provavelmente falando com Charles. "Então quem eles acham que roubou?"

"Eles não fazem idéia; além do mais Charles disse que Kingsley foi a última pessoa que visitou ele no estúdio. Sei que eles nunca deveriam ter confiado naquele perdedor. De qualquer forma, a equipe de Kingsley está incomunicável no Rio. Eles não podem alcançá-lo por telepatia. E Lawrence também não está ao alcance. Está um caos," Mimi disse.

"Espero que não achem que Dylan está atrás disso. Não pode ser ele," Bliss disse nervosamente.

"Do que você está falando?" Mimi perguntou. "Dylan? Por que ele estaria envolvido? Ele não desapareceu alguns meses atrás? Ele é tipo, história." Mimi vagamente lembrou-se da história de como Dylan tinha interrompido a janela de Bliss antes de ser levado por um Silver Blood. Bliss andou inconsolável por dias, e Mimi tentou confortar Bliss lembrando que o monstro poderia ter levado os dois. Ela era sortuda por estar viva. O Conclave tinha mandado uma equipe para investigar e rastrear Dylan, mas os Venatores não encontraram nada. "Você não sabe?" Bliss perguntou.

"Sei o que?"

"Dylan está de volta e está em reabilitação."

"Tem certeza de que estamos falando do mesmo cara. Dylan- seu malandro ex e o cara que matou Aggie? O que virou um Silver Blood?" Mimi exigiu. Bliss não era a faca mais pontuda da gaveta. Uma garota que ainda vestia a última estação da Sack 's em Maio era totalmente tapada, pelo que Mimi sabia.

"Sim"

"Por que eu saberia disso?" Mimi perguntou.

"Você é d Conclave. Eu levei ele até o Forsyth. Ele disse que falaria para o Conclave, então todos poderiam tomar uma decisão. Ele disse que os Anciãos decidiram manda-lo para o Transitions."

Mimi balançou a cabeça, parecendo mortificada. "Não. Seu pai nunca mencionou isso nos encontros. Não sabemos de tal coisa." Ela olhou para Bliss como se tivesse fora de si. Que estranho que Forsyth mantivesse algo assim em segredo do Conclave.

"Que estranho, por que ele mentira para mim?"

"Quem sabe?" Mimi estudou Bliss. "Dylan está mesmo de volta? Tem certeza?"

Bliss assentiu. "Visitamos ele na outra semana."

"Me leve até ele. Vou deixar Forsyth saber que eu preciso fazer um informe de Dylan para o Conclave."

Arquivo de Cordelia Van Alen
Repositório de história.
DOCUMENTO CLASSIFICADO:
Apenas libertação Altithronus

Cordelia- Acho que você achará isso satisfatório. Forsyth L.
A ESTRELA DE HOUSTON
ANÚNCIO DE NASCIMENTO
O congressista Forsyth Llewellyn e sua esposa, Roberta Prescott, são pais orgulhosos de sua nova filha. Jordan Grace Llewellyn nascida exatamente à meia

noite de 1º de Janeiro de 1994. Jordan é a segunda filha do congressista. Mãe e bebê passam bem.

Capítulo 27

Porque Mimi queria ver o Dylan imediatamente, decidiram visitá-lo no dia seguinte o que significaria faltar aula novamente. Não que para Bliss importasse muito. Suas avaliações eram a coisa mais distante da sua mente. Essa noite, Bliss não perguntou ao seu pai por que ele não disse ao Conclave sobre Dylan. Ela estava cautelosa em fazê-lo saber que ela sabia que ele estava mantendo segredos. Forsyth devia ter suas razões, mas de alguma forma Bliss tinha o pressentimento que não compartilharia seu segredo.

A seguinte tarde Bliss levou um presente para Dylan. Ela sabia que ele estava recebendo o melhor cuidado que o dinheiro podia comprar, mas o Trasicões não tinha o cd mais novo de indie-rock ou uma cópia de Absolute Sandman. Ela pensou que quem sabe se ele tinha um par de suas coisas favoritas, poderia fazê-lo recordar quem era, e também, o que Bliss queria para ele. Ela não queria se render. Inclusive havia decidido deixar de sentir rechaço sobre o que aconteceu quando eles se agarraram naquela fatídica noite. Talvez Dylan perdendo o controle com ela era só parte da sua doença.

Jordan caminhava pela entrada e olhou no quarto de Bliss. "Vais ir para Saratoga outra vez?", perguntou.

"Sim. Mimi quer ir ver o Dylan para o Conclave. E seu médico vai estar ali hoje. Finalmente poderei pergunta-lo o que acontece", explicou Bliss, dobrando uma nova jaqueta de couro que seu estilista havia encontrado no Barneys e a meteu na bolsa de compras.

Sua irmã entrou e sentou-se na cama, observando o pacote de Bliss. "Ouça... queria te perguntar... sabe como fazia para ter tuas perdas de consciência?"

"Uh-huh", Bliss assentiu, decidindo contra, levar o urso Teddy numa "recuperada" camisa que comprou num impulso com um cartão de comprar. Dylan definitivamente pensaria que era cursi. Ele sempre ria dela por ter tantos animais sobre sua cama.

"Ainda tens alguns?"

Bliss se deteve e pensou naquilo. As perdas de consciência costumavam vir com uma regularidade desconcertante. Ela desmaiava e despertava em outro lugar completamente diferente de onde ela havia estado, sem conhecimento de como chegou ali. "Não. E não tenho pesadelos em meses".

"Isso é bom", disse Jordan, se vendo aliviada.

Mas Bliss não havia terminado de falar. "É como, se as tivesse agora durante o dia. Como o outro dia - vi esta raridade. Estava segurando minha escova e me converti naquilo, como uma serpente dourada. Fiquei toda arrepiada".

Jordan empalideceu. "Serpente dourada?"

"Sim".

"E o outro dia olhei ao céu e vi esse dragão de sete cabeças. Me senti louca".

"Acontece frequentemente?", perguntou Jordan

Bliss se encolheu de ombros. "Algo assim. Perguntei ao papai sobre isso. Disse que tudo era..."

"Parte da transformação", interveio Jordan.

"Sim". Bliss terminou de embalar. Seu telefone tocou. Mimi estava embaixo com o carro esperando. Jondan ainda estava de pé ali, com uma estranha expressão no seu rosto. Ela se via como se estivesse lutando com uma decisão." O que tá acontecendo?", perguntou Bliss.

"Nada". Jordan negou com a cabeça. "Dirvita-se visitando teu amigo".

Bliss nao tinha passado um tempo com Mimi em meses e ao princípio pensou que seria incomodo entre elas, mas havia esquecido o quão egocentrica Mimi Force poderia ser.

Mimi falava facilmente durante o caminho, falava sobre sua nova partilha de humanos conhecidos, que incluía aos garotos mais bonitos do Collegiate e Horace Mann, junto com um garoto universitário ou dois, também como seus planos para o verão: um programa intensivo de imersão China em Beijing, já que ela queria expôr fluidez linguísticas para sua solicitação de ingresso em Stanford no próximo ano.

"Não é engraçado? O chinês é o único idioma que não está em minhas recordações. Huh. Fico com Wah e Min, já sabe aqueles gêmeos chineses que conhecemos no baile Four Hundred?", riu Mimi.

Quando chegaram na Trasições, Dylan estava só em seu quarto vendo tv.

"Oi... Bliss... certo?", pergutou desligando a tv. "E você é?"

"Mimi". Ela o olhou com dureza. "De verdade que não se lembra?"

"Lembro dela", disse Dylan com timidez. "Ela tem me visitado umas vezes".

"Te trouxe algumas coisas", disse Bliss entregando a ele uma grande bolsa com presentes.

"Genial", disse Dylan, revisando a bolsa. "Para que é isto?", perguntou sustentando a jaqueta de couro negro.

Bliss se sentiu envergonhada. "Eu.. ehm... você usava uma..."

"Não, é... Deus, é genial". Dylan colocou-a. Ele se via tão bonito com ela como antigamente. Ele lhe sorriu e seu coração batia rapidamente. Ele seguiu revisando a sacolae tirou uma caixa de iPhone.

"Pensei que talvez quizesse um", disse Bliss. "Espero que não te aborreça. Já programei o meu número nele".

"Bliss?", perguntou Mimi. "Poderia nos deixar a sós um pouquinho? Eu gostaria de fazer umas perguntas ao Dylan".

"Certo".

Bliss deixou o quarto. Uns minutos depois, Mimi abriu a porta. Ela olhava para Bliss com uma mescla de pena e desprezo. "E bem?", perguntou Bliss.

"Parece como si realmente não tivesse recordações", disse Mimi.

"Eu te disse".

"É incrível. é como se fosse um quadro em branco".

"Diz isso como se fosse algo bom". Bliss fulminou Mimi com um olhar e entrou no quarto.

"O que ela queria saber?", perguntou ao Dylan

Dylan se encolheu de ombros. "Não muito... só umas coisas - e algo sobre uns jeans ou algo assim. De verdade não entendo o que ela queria. Lhe disse que nem sequer sabia o meu nome quando acordei".

"De verdade não tem nem ideia de quem sou?", perguntou Bliss sentando-se ao lado de Dylan na cama.

Ele olhou para os quadrinhos que estava folheando e deixou delado. Logo levantou sua mão e pegou a dela. Ela estava surpresa e o olhou com medo... com otimismo...

Dylan franziu o cenho e finalmente disse. "Não sei quem você é. Mas sei que cada vez que te vejo, me sinto melhor".

Bliss apertou sua mão e ele apertou de volta. Se sentaram segurando suas mãos por um longo tempo. Até que Mimi golpeou a porta para fazer Bliss saber que o médico do Dylan estava pronto para vê-las.

Enquanto caminhavam até o edifício principal. Mimi tirou os óculos escuros e apertou a vista para a figura que ia caminhando para a casinha de Dylan. "Esculta, aquele não é Oliver Hazard-qualquer coisa?".

"Sim", disse Bliss. Oliver lhe havia dito que ele poderia visitar Dylan depois das aulas. Aparentemente saía bastante para fazer companhia ao Dylan. Os dois jogavam xadrez.

Dylan pode haver perdido sua memória, mas ele não havia perdido sua habilidade para acabar com Oliver no jogo, Oliver havia lhe contado.

"Espera. Quero conversar um pouco com ele", disse Mimi, se dirigindo em sua direção.

Bliss se perguntava sobre o que raios Mimi iria querer falar com Oliver. Os dois se desprezavam mutualmente. Mas eles estavam muito longe para escutar.

Ela notou que quando Mimi voltou, ela se via extremamente satisfeita, inclusive mais do que o usual.

Enquanto Oliver, Bliss não teve oportunidade de olhá-lo. O que quer que seja que Mimi havia lhe dito o o deixou bastante chocado, ele nunca deveria ter ido visitar o Dylan naquele dia.

Capítulo 28

Ela ouviu o carro antes de ele virar a esquina. Um ronronar suave de motor que cresceu até um imenso rugido. Ele arrancou para o beco atrás do edifício da Perry Street. Um Jaguar conversível 1961 XKE cinza prateado, elegante e belo como um projétil, com Jack Force ao volante.

Schuyler deslizou para dentro do carro, admirando seu acabamento clássico, o mostrador de velocidade antigo e prateado e mecanismos a moda antiga. Jack trocou a marcha e o carro rugiu subindo a estrada.

Eles iriam ter só algumas horas juntos, mas era o suficiente - embora, obviamente, nunca seria o suficiente.

A cada dia a ligação se aproximava e se aproximava.

Ela havia espionado os convites, e sido recompensada com um. Ela ficou surpresa no começo, então percebeu que essa era a maneira de Mimi deixá-la saber exatamente onde ela estava. No outro dia ela até teve um vislumbre de Mimi em seu vestido para a cerimônia de ligação. Schuyler não sabia quem era mais idiota - ela ou a garota no vestido branco. As duas estavam loucas e apaixonadas pelo mesmo rapaz.

Jack era o idiota, Schuyler pensou, assistindo-o manobrar o carro como um expert através da via pública. Um idiota louco. Mas ela o amava, Deus, como ela o amava. Ela só queria que eles não tivessem que se esconder, que eles pudessem declarar seu amor para o mundo. Uma outra noite ela havia dito a ele que estava cansada de se esconder em um só lugar. Ainda que o apartamento fosse uma libertação, era também uma prisão.

Schuyler estava desejando estar com ele em algum outro lugar, mesmo que só por uma noite. Em resposta, Jack havia lhe esgueirado um bilhete dizendo para ela o encontrar ao pôr do sol no local designado. Ela não fazia ideia do que ele estava planejando, mas o pequeno sorriso que agora plantava na beira de seus lábios insinuavam uma maravilhosa surpresa.

Jack dirigiu o carro cruzando a ponte para New Jersey. Em alguns minutos eles arrancaram até um aeroclube particular de Teterboro *distrito de New Jersey*, onde um jatinho estava esperando.

"Você não pode estar falando sério." Schuyler riu e bateu palmas quando viu a aeronave.

"Você disse que queria dar uma escapada." Jack sorriu. "Que tal Tokyo? Ou Londres? Coréia do Sul? Eu acho que eu quero um churrasco hoje. Madrid? Bruxélas? Onde você quer ir hoje a noite? Hoje a noite o mundo é seu, como eu sou."

Schuyler não perguntou onde Mimi estava; ela não se importava e nem queria saber. Se Jack iria arriscar, então ela não precisava perguntar.

"Viena," Schuyler decidiu. "Tem um quadro lá que eu sempre quis ver."

Então é assim que é ser um dos mais ricos e poderosos vampiros do mundo, Schuyler pensou, enquanto seguia Jack para dentro da Galeria Österreichische no palácio Belvedere. O museu era fechado a noite, mas quando eles passaram pela grande porta de entrada um guarda de segurança enlucado os cumprimentou, e o curador do museu os levou até a respeitável galeria.

"Era isso que você estava procurando?" o curador perguntou, apontando para uma pintura sombria no meio da sala.

"Sim." Schuyler respirou fundo e olhou para Jack para se reassegurar. Em resposta ele apertou a mão dela com força.

Ela se moveu para mais próximo do quadro. Ela tinha um pôster desbotado da mesma imagem pedurado em seu quarto. A realidade a deixou atônita. As cores eram muito mais vibrantes e envolventes, frescas e vivas. Egon Schiele sempre foi um dos artistas favoritos de Schuyler. Ela sempre havia sido puxada por seus quadros - as pesadas e torturadas linhas negras, as figuras esqueléticas, a tristeza eloquente aplicada tão espessa como tinta.

Era chamado simplesmente de O Abraço *

http://www.penwith.co.uk/artofeurope/schiele_embrace.jpg *, e retratava um homem e uma mulher com os corpos entrelaçados. À parte, havia uma energia feroz, e Schuyler achou que podia sentir a intensa conexão do casal. E ainda assim isso estava longe de ser romântico. Era cheio de angústia, era como se as duas pessoas da tela soubessem que aquele abraço seria o último.

Havia uma melancolia na arte de Egon - que não era pra qualquer um. Na aula de Figura Humana de Schuyler todos enamoravam O Beijo, a maior obra de Art Nouveau de Gustav Klimt. Mas Schuyler achava a conexão naquela pintura muito fácil; era decoração de dormitório, uma típica escolha de segurança.

Ela preferia loucura e tragédia, solidão e tormento. Schiele morreu jovem, por síndrome de coração partido. Seu professor de arte estava sempre falando sobre a "redentora e transformadora qualidade da arte," e enquanto estava parada em frente a pintura, Schuyler entendeu perfeitamente o que aquilo significava.

Ela não tinha palavras para o que estava sentindo. Ela sentiu as mãos de Jack nas dela - geladas e secas, e somado a ela ser a garota mais sortuda do mundo.

"Pra onde agora ?" Jack perguntou enquanto eles partiam do museu.

"Sua escolha."

Jack levantou uma sobrancelha. "Vamos parar pra um café. Eu quero uma Torta Austríaca."

Eles jantaram no telhado de um prédio de apartamentos e assistiram o pôr do sol no horizonte. Uma das vantagens de ser um vampiro era a facilidade para se ajustar a um horário noturno. Schuyler não precisava dormir tanto quanto ela costumava, e nas noites em que ela encontrava Jack, eles raramente dormiam. "Era isso o que você queria?" Jack perguntou, inclinando-se sobre a mesinha frágil e derramando para Schuyler mais vinho.

"Como você sabia?" ela sorriu, ajeitando o cabelo atrás da orelha. Ele a havia surpreendido trazendo-a para outro apartamento que sua família possuía. Os Force tinham mais imóveis do que Schuyler tinha suéteres pretos no armário. "Vamos, vamos voltar lá para baixo," Jack disse, conduzindo-a pela mão para dentro do apartamento. "Eu quero que você ouça algo."

O pied-à-terre *apartamento* dos Force era localizado em um prédio que datava de antes de 1897, no prestigiado Ninth District, com teto abobadado, molduras ornamentadas, e vistas a cada janela. Era arejado e espaçoso, ainda que diferentemente do suntuoso decorado de Nova Iorque, o local era pouco mobiliado e quase monástico.

"Ninguém vem aqui em anos, desde que pararam de fazer os Bailes Vinnese Opera apropriadamente," Jack explicou. Ele tirou o pó de cima de um gravador de fitas Sony de aparência antiga.

"Ouça isso," ele disse, colocando uma fita. "Eu acho que você talvez vá gostar." Ele apertou PLAY.

Havia um chiado áspero. Então uma rouquidão, voz baixa - inconfundivelmente feminina, mas soando devastada por anos de tabaco - começou a falar.

"Foi também o meu violento coração que quebrou..."

Schuyler reconheceu as palavras. "É ela?" ela perguntou com entusiasmo. "É ela, não é?"

Jack concordou com a cabeça. "Eu achei a fita em uma livraria antiga um dia desses. Eles tinham poetas lendo seus trabalhos."

Ele havia se lembrado. Era Anne Sexton. Lendo Love Poems. Sua poetisa favorita lendo seu poema favorito, "The Break". Era o mais triste do conjunto, raivoso e amargurado e lindo e enfurecido. Schuyler era absorvida pela tristeza - como nas pinturas de Schiele, a poesia de Sexton era brutal, honesto em sua agonia. Love Poems fora escrito durante um caso que a poetisa teve - um caso ilícito, um caso secreto, não diferente do de Schuyler. Ela se ajoelhou e se aconchegou perto do pequeno stereo, e Jack a envolveu em seus braços. Ela não achava que pudesse amá-lo mais do que agora.

Talvez houvesse uma parte dele que ela nunca entenderia, mas nesse momento os dois se entendiam perfeitamente.

Quando a fita acabou, eles ficaram em silêncio, aproveitando o calor do corpo

um do outro.

"Então..." Schuyler se sentia hesitante e levantou um cotovelo para falar com ele. Ela temia que falar sobre a realidade da situação deles fosse quebrar a magia da noite. E mesmo assim ela queria saber. A união estava vindo logo a frente. "No outro dia, na reunião do Comitê, você disse que havia um jeito de quebrar a ligação."

"Eu acredito que sim."

"O que você vai fazer?"

Em resposta, Jack puxou Schuyler para baixo pra que eles pudessem permanecer deitados juntos novamente. "Schuyler, olhe pra mim," ele disse. "Não, olhe pra mim de verdade."

Ela olhou.

"Eu vivi um longo tempo. Quando a transformação acontece... quando você começa a se tornar consciente de suas memórias... é um processo exaustante. É quase como se você tivesse que reviver cada erro," ele disse suavemente. "Eu não quero cometer os mesmos erros de antes. Eu quero ser livre. Eu quero estar com você. Nós ficaremos juntos. Eu acredito que eu vou ter menos pelo que viver se eu não estiver com você."

Schuyler balançou a cabeça vigorosamente. "Mas eu não posso te deixar fazer isso. Eu não posso deixar você se arriscar. Eu te amo demais."

"Então você prefere me ver acorrentado a uma mulher que eu não amo?"

"Não," ela sussurrou. "Nunca."

Jack segurou-a e então a beijou. "Há um jeito. Confie em mim."

Schuyler o beijou de volta, e cada momento foi doce como o último. Ela confiava nele completamente. Qualquer coisa que fosse, ele iria fazer para quebrar o laço, eles iriam ficar juntos. Sempre.

Capítulo 29

O médico de Dylan era um urso de um homem, com uma barba espessa e um andar desajeitado e inclinado. Vesti-lo em um traje vermelho e o mandar descer pela chaminé, Bliss pensou, não muito confiante em colocar sua fé em um ser humano estranho, mesmo que fosse um hematologista muito importante e vinha de uma antiga família Red Blood de Conduits confiáveis.

“Minha secretária me contou que vocês são amigos de Dylan Ward. Eu sei que vocês estão tentando entrar em contado comigo. Peço desculpas pela demora em responder. Tem sido uma semana muito ocupada. Alguém enfiou um familiar em um dos dormitórios, e foi quase um banho de sangue.” Ele estremeceu. “Mas não se preocupem, tudo está sob controle agora.” O médico sorriu.

“Certo,” Bliss concordou com a cabeça e sentou-se em frente a sua mesa. “Nós somos seus amigos. Obrigado por nos ver.”

“Eu não sou uma amiga. Estou aqui para saber o que está acontecendo com ele para o Conclave.” Mimi repreendeu. “Eu sou uma Warden.”

Ele ergueu a sobrancelha. “Você parece jovem para sua idade.”

Mimi sorriu. “Quando você pensa sobre isso, todos nós parecemos.”

“Quero dizer, para alguém em sua posição,” ele disse nervosamente, tossindo e folheando papeis sobre a sua mesa.

“Chegue ao ponto, Doutor. Eu não vim aqui para debater as políticas do Conclave. O que está acontecendo com essa pilha de nervos?”

Dr. Andrews abriu o arquivo na sua frente e fez uma careta. “Dylan parece estar sofrendo de um tipo de distúrbio de estresse pós-traumático. Nós o registramos em várias terapias de regressão para ajudar a recuperar suas memórias. Mas até agora ele não fez qualquer conexão real com qualquer coisa. Ele nem se lembra o que aconteceu há cem anos atrás ou nem o que lhe aconteceu há um mês.”

Era só isso o que Bliss temia. Dylan era como um barco sem ancoradouro, ancorado para nada e ninguém.

“Então, ele só terá amnésia, assim...pra sempre?”

“É difícil dizer,” disse o médico hesitante. “Nós não gostamos de estimular falsas esperanças.”

“Mas por que,” Bliss disse, sentindo-se extremamente agitada. “Por que isso aconteceu?”

“A mente é assim às vezes; ela apaga tudo que funciona em ordem. Para neutralizar a força de um trauma recente.”

“Ele passou por muita coisa,” Bliss sussurrou.

“Ataque de Silver Blood e tudo.” Mimi assentiu.

O médico consultou seu gráfico novamente. “Essa é a coisa interessante. Como eu disse ao senador Llewellyn, tanto quanto nós podemos determinar, na há sinais de corrupção Silver Blood em seu sangue. Ele foi atacado sim, e gravemente torturado, mas estamos céticos de que ele tenha atualmente realizado a Caerimonia em um companheiro vampiro. Ele não completou o processo. Ou deixe-me esclarecer: ele nem sequer começou.”

Bliss começou. “Mas...”

“Isso é ridículo,” Mimi disse categoricamente. “Nós todos sabemos que Dylan matou Aggie. Ela foi totalmente drenada. E ele era o único suspeito. Ele mesmo confessou a Bliss.”

“Ele confessou,” Bliss concordou.

Dr. Andrew balançou a cabeça. “Talvez ele tenha sido iludido, ou manipulado para pensar que fosse um deles. Nossos resultados são bastante conclusivos.”

“Forsyth sabia disso? Que Dylan era inocente?” Mimi perguntou abruptamente. O médico concordou. “Eu liguei para ele assim que os resultados chegaram.”

Mimi riu uma afiada e sarcástica risada. “Se Dylan não é um Silver Blood e não tomou Aggie, significa que ele provavelmente não estava mentindo quando me disse que não sabia onde o jeans que ela tinha emprestado de mim estava.”

“Sobre o que você está falando?” Bliss perguntou, sua mente girou.

“Esqueça,” Mimi deu de ombros. Ela se levantou, e Bliss seguiu sua direção.

“Muito obrigado por nos encontrar, Doutor. Tem sido de grande ajuda.”

Bliss não conseguia se concentrar. Seus dedos tremiam enquanto ela abotoava o casaco. Ela bateu seu joelho entre a mesa e quase tropeçou.

Dylan era inocente.

Ele não era um Silver Blood, nem estava prestes a se tornar um.

Ele era uma vítima.

Durante meses, todos na comunidade acreditavam na culpa de Dylan no assassinato de Aggie Carondolet. Que ele tinha despachado as outras vítimas, atacado Schuyler, e ferido mortalmente Cordelia. Ele disse a Bliss que tinha feito todas essas coisas. E ela acreditou nele.

Mas se ele tivesse escondendo a verdade para um outro alguém? Se fosse criado para achar que tinha sido infectado?

E se não tinha sido Dylan quem fez todas essas coisas, então quem foi?

Capítulo 30

Já era noite quando Schuyler deixou o apartamento na Perry Street. Seu rosto ainda estava lavado com os beijos de Jack, suas bochechas e lábios róseo profundo vermelho. Como tudo em Nova York, Schuyler floria. Um beijo por um beijo por um beijo, ela pensou, ainda tonta pela noite deles em Viena. Eles tinham apenas voltado e ido para o refúgio para tomar banho e se trocar. Jack tinha saído primeiro- escorregando para fora- e ela esperou a meia hora necessária antes de tentar uma saída.

Ela sorria suavemente para si mesma, tentando acalmar seu cabelo rebelde num vento repentino, quando viu alguém que não esperava ver.

Ele estava parado do outro lado da rua, olhando-a com uma expressão de choque e consternação. Uma olhada nos olhos de Oliver e ela soube que ele sabia. Mas como? Como ele sabia? Eles tinham sido muito cuidadosos em manter seu amor em segredo.

A tristeza gravada por todo o seu rosto era demais para suportar. Schuyler sentiu as palavras sumirem de sua garganta enquanto atravessava a rua e parava em frente a ele.

"Ollie...não é..."

Oliver deu a ela um olhar de puro ódio, virou-se em seus calcanhares, e começou a andar, e então a correr.

"Oliver, por favor, me deixe explicar..."

Em um flash, ela estava bem em frente a ele. Ele poderia correr, mas não podia escapar dela. "Não faça isso, Fale comigo."

"Não há nada a dizer. Eu o vi sair, e então, bem como ela disse. Esperei meia hora, e então você saiu também. Você estava com ele. Você mentiu para mim."

"Eu não- não é exatamente assim- Oh Deus, Oliver." Os soluços se formando agora, Schuyler sentiu a tristeza dele e raiva veio sobre ela. Se ele ao menos batesse nela, se ao menos ele golpeasse ela- fazer algo além de ficar ali parecendo tão devastado que ela só poderia se sentir mais devastada ainda.

Começou a chover. As nuvens carregadas abriram-se sobre suas cabeças, e as primeiras gotas de chuva caíram, então tamborilado neles. Eles iam ficar encharcados.

"Você tem que escolher," Oliver disse, enquanto a chuva se misturava com lágrimas que caíam nas bochechas dele. "Estou cansado de ser seu melhor amigo. Estou cansado de ser o segundo melhor. Não vou mais me contentar com isso. É tudo ou nada, Schuyler. Você tem que decidir. Ele ou eu."

Seu melhor amigo e Conduit, ou o garoto que ela amava. Schuyler sabia que um dia isso iria acontecer. Que ela teria que perder um deles. Que aquele jogo teria

consequências. Que ele não poderia continuar como ela estava- com um amante vampiro e um humano familiar. Tinha mentido para Oliver, mentido para Jack, mentido para todos, incluindo ela mesma. Mas suas mentiras tinham finalmente sido pegas.

"Você é egoísta, Schuyler. Você nunca deveria ter me feito seu familiar." Oliver disse impacientemente. "Mas deixei acontecer porque eu me importava com você. Estava preocupado com o que aconteceria com você se eu não fizesse. Mas você- se você alguma vez se importou comigo, se você pensava em mim, você deveria ter tido a decência de restringir a si mesma. Você sabia exatamente como eu me sentia a seu respeito, e você me usou mesmo assim."

Ele estava certo. Schuyler assentiu mudamente enquanto a chuva caía como rios sobre seu cabelo e roupas, tornando-as uma desordem. Oliver sempre foi o mais sensível dos dois. Ele tinha uma queda pela sua melhor amiga, amado-a desde o primeiro encontro, carregado uma tocha por ela por anos, mas se ela não tivesse trazido a Caerimonia, não tivesse bebido do seu sangue, não tivesse marcado a si mesma na alma dele, talvez algum dia ele poderia ter parado de se sentir assim por ela.

Se ela tivesse encontrado um outro familiar, se ela tivesse escolhido outro garoto, a queda de Oliver poderia ter desbotado como uma paixão suave. Oliver seria capaz de crescer, amar uma Red Blood, ter sua própria família algum dia. Mas ela o tinha feito para si mesma. Tinha selado seu afeto com aquela primeira mordida atrativa. O Beijo Sagrado tinha-o marcado como sendo dela.

Ela tinha atuado egoistamente, desnecessariamente, descuidadamente.

Ele não tinha escolha a não ser ama-la. Mesmo se ele a deixasse agora, ele nunca teria amado a outra; ele ficaria sempre sozinho.

Ele estava condenado, e ela tinha causado aos dois com sua fraqueza.

"Sinto muito." Os olhos de Schuyler cheios de lágrimas. Não havia jeito de corrigir isso.

"Se você sente muito, você deixará ele. Jack nunca será seu, Schuyler. Não como eu sou seu."

Ela assentiu, chorando amargamente, limpando suas lágrimas e o líquido do nariz (eca!) com uma manga molhada. Ela sabia que parecia tão ordinária como se sentia.

Oliver amoleceu. "Vamos, vamos sair da chuva. Nós dois vamos pegar um resfriado." Ele guiou Schuyler gentilmente para o abrigo de uma cobertura de armazém.

"Você é tão gentil comigo," Schuyler cochichou.

Oliver assentiu. Ele sabia como era amar alguém que não- ou não poderia- amar você de volta. Mas ele não tinha escolha. Nenhum deles tinha.

Arquivo de Gravação de Áudio
Repositório de História.
DOCUMENTO CLASSIFICADO:
Apenas libertação Altithronus
Transcrição do arquivo do Venator 3/3

Venator Martin: Ele clamaram pelo Julgamento de Sangue. Tudo será esclarecido. Serei descoberto.

Charles Force: Sim, eu ouvi. Você deve ser rápido. Deve desaparecer. Vou te ajudar.

VM: Mas quero saber o porquê. Por que me fez chamar o Silver Blood? Por que?

CF: Porque eu tinha que saber.

VM: Tinha que saber o que?

CF: Se era possível.

VM: O que você quer dizer?

CF: Isso não deveria ter funcionado, (agitado) Isso nunca deveria ter acontecido- era só um teste. Para ver...

VM: O que?

CF: Sem tempo, (sussurros) eu sei o que devo saber.

VM: Mas o Regis. Ele vai querer uma explicação para as minhas ações.

CF: Sim. Eu cuidarei de Lawrence. Não se preocupe. Ele, de todas as pessoas, entenderá por que eu fiz o que tive que fazer. Agora, me escute. Estou te mandando para o Corcovado...

Capítulo 31

"Sky, você está horrível. O que aconteceu?" Bliss perguntou, encontrando Schuyler em pé em sua porta. Os olhos de Schuyler estavam vermelhos de tanto chorar, e ela estava assoando o nariz com um lenço.

"Sua empregada me deixou entrar, espero que você não se importe. Os seus pais estão por perto?" Schuyler perguntou, ainda choramingando.

Não. Elas estão em alguma campanha de arrecadação de fundos. Entre. Não que eles se importem de qualquer jeito. Você sabe que eles gostam de você, disse Bliss. Tão logo quando ela disse, Bliss percebeu que ela não tinha certeza se era verdade. Seus pais nunca tinham mostrado algum interesse em seus amigos. Eles ainda achavam que ela andava com Mimi Force. Isso mostrava o quão desinteressados eram. Eles nem se quer conheceram Schuyler ou Oliver.

Você está bem?" Bliss perguntou.

Schuyler balançou a cabeça. Ela seguiu Bliss em seu quarto e subiu na cama, inclinando-se.

"Oliver me odeia", disse ela com um choro estranho enquanto esfregava os olhos.

"Ele viu ... a ... nos dois ... Jack e ...".

"Eu sei". Bliss assentiu. Então foi isso que Mimi disse a Oliver naquela tarde. Em resposta, Schuyler agarrou a almofada de pelúcia e colocou atrás de seu pescoço.

"Sim".

Bliss suspirou. Ele pegou o controle remoto da TV e começou a revisão dos programas

gravados. "Você viu o último episódio de The Beach?". (* the beach seriado americano)

"Não, coloca", disse Schuyler animada. A invenção do reality show sobre a vida de três futeis e estranhamente fascinantes loiras de Los Angeles era seu programa favorito.

Então, como ele descobriu? Bliss perguntou, mantendo seus olhos na tela. Em seguida colocou pausa no programa e se virou para Schuyler. "Embora, acho que não importa, você sabe que ele iria descobrir eventualmente."

"Eu sei", disse Schuyler. "Eu queria que você não olhasse pra mim desse jeito. Eu sei o que você está pensando"

"Eu não disse nada."

"Você não precisa".

Bliss esfregou as costas de Schuyler. Ela era simpática, mas Schuyler sabia o que estava fazendo quando se enrolou com Jack. Ela se afastou de seu amigo, e para

que??

- Jack Force? O que ela viu nele de qualquer maneira?

"Olha, eu tenho que lhe dizer uma coisa: Mimi e eu visitamos Dylan hoje", disse Bliss. Ela repetiu tudo o que o médico disse.

Schuyler ficou chocada e confusa. "Então, se não foi Dylan quem matou Aggie e todos os demais - quem foi? "

"Quem sabe?".

"Alguém mais sabe sobre isso? O que não foi ele? "

"Alguém além de Mimi e eu? Sim. Forsyth", disse Bliss. Ela percebeu que de alguma forma ultimamente não podia dar ao luxo de chamá-lo de "papai". "Dr. Andrews disse que o chamou quando chegaram os exames. "

"Mas seu pai não mencionou nada?".

"Nem uma palavra."

"Ou para a Conclave?".

"Mimi disse que Forsyth não lhes disse nada sobre Dylan," Bliss disse, sentindo-se mais e mais constrangida pelas ações de seu pai.

"Eu me pergunto por que ...".

"Talvez ele quisesse me ajudar", disse Bliss defensivamente. "Ele sabia que a conclave queria destruir Dylan, então ele escondeu ele deles.

"Mas Dylan não é uma Silver Blood", disse Schuyler.

E nunca foi. Portanto, não há ameaça de que podem ser destruídos. Eles realizaram o exame e ele passou.

Hey, o que há com a mala", Schuyler perguntou, indicando a meia embalada Tumi no

pé da cama de Bliss.

"Oh yeah, nós estamos indo."

"Onde?".

"Rio de Janeiro. Forsyth disse que Nan Cutler convocou uma reunião importante da conclave, ele disse que seu avô precisava de ajuda, e agora todo mundo vai ".

"Que tipo de ajuda?" exigiu Schuyler.

"Hey - não se preocupe", disse Bliss, vendo o olhar de pânico no rosto de sua amiga. "Tenho certeza que está tudo bem."

"Eu não tenho escutado sobre Lawrence a bastante tempo", admitiu Schuyler. "Eu tenho estado tão ligada em Jack que nem mesmo notei. O que mais Forsyth disse?"

Bliss estava relutante em dizer, mas decidiu que Schuyler tinha o direito de saber.

"Não

Estou cem por cento de certeza, mas soou como se Lawrence estivesse metido em um tipo de problema.

"Que tipo de problema?".

"Eu queria poder te dizer. Tudo o que sei é que esta manhã Forsyth disse a todos que

íamos ao Rio de Janeiro. Assuntos da conclave ", disse apontando o controle remoto para a tela da TV passando os comerciais.

O show começou, e Bliss atingiu debaixo da cama e entregou a Schuyler um saco de

Jalapa sua batata frita preferida. "De qualquer forma não se preocupe com Ollie. Ele vai voltar. Você sabe.

"Não sei. Eu realmente acho que ele me odeia, Bliss. Ele disse que era ele ou Jack, que eu teria que escolher ".

"E o que você disse?".

"Nada", Schuyler piscou tentando controlar as lágrimas. "Eu não posso escolher. Você sabe que eu não posso. " Ele jogou o saco vazio e bateu em uma almofada. "Tudo está errado."

Bliss manteve um olho na TV e outra amiga. Honestamente, ela concordou com o julgamento de Schuyler. Tudo era horrível. Era como Forsyth não tinha sido direto com ela sobre Dylan. Às vezes, ela se sentia como se todos estivessem mentindo sobre tudo.

Depois de alguns minutos de ver a estrela principal do programa terminar com o seu

namorado pela enésima vez, Schuyler falou.

"Você sabe, eu não ouvi nada de Lawrence desde que ele foi para lá, exceto que ele desejava que o clima fosse mais frio. Se ele

realmente estivesse em perigo, não acha, que ele teria dito alguma coisa para mim? Talvez me enviar uma mensagem? ".

"Talvez ele não queria te preocupar", disse Bliss. "Ele provavelmente está fazendo isso para te proteger. Se algo de ruim acontecer no Corcovado, ele diria que queria que você ficasse longe disso.

"Eu acho". disse Schuyler brincando com sua almofada. "Mas parece estranho, sabe? Quero dizer, Lawrence não confia na Conclave em nada. Não desde que Plymouth ", disse ela. "Por que chamá-los agora?".

"O que você acha?", Disse Bliss. Ela notou que havia um olhar determinado nos olhos de Schuyler. Pelo menos ela finalmente deixou de chorar sobre os meninos. Esta era a Schuyler que ela conhecia e admirava.

"Eu vou lá. Se Lawrence está realmente em perigo, eu tenho que ajudar. Eu não poderia viver comigo mesma de outro jeito

Arquivo de gravação de áudio:

Histórico de Depósito

Conduíte:-Hazard Perry, Oliver

CARGO: família Van Alen

Funcionários File Report 5 / 19

"As notas transcritas de dois minutos de fita foram perdidos na observação.

A transcrição começa assim: "

Schuyler irá dizer-lhe que ele não tem outra escolha no assunto. Ela acredita que, eu a amo porque não tenho alternativa, mas ela está errada. Ela também às vezes se

dá muito crédito.

Eu sabia o que estaamos fazendo, quando fizemos a Cerimonia. Eu sabia exatamente o que significava. Eu sabia que eu faria. Mais importante, eu sabia que ela não se sentia do mesmo jeito sober mim. Eu sei há um longo tempo. Acha que eu sou estúpido?.

Então, por que eu fiz?

Eu não sei. Eu não ia. Em minha defesa, eu disse que não na primeira vez. Nós estavamos sentados em um quarto de hotel, e ela estava sentada no meu colo, e foi

bem, você sabe. Estando tão perto dela. Yeah, eu acho que me senti ótimo. Ma não era isso. Éramos amigos. Estávamos juntos.. Estavamos juntos. Eu gosto do modo como ela pensa, do som da sua risada

Do que ele estava escondendo?.

Sim ele pensa que ela é bonita? Eu não sou cego, certo? Claro que eu achava que ela era bonita.

Mas era mais do que isso - Eu gostava que ela colocava aquela terrível sombra azul nos

olhos, que os não notam coisas como maquiagem, mas o fazemos - e que escorria no final do dia. Ela teria esses olhos guaxinim enorme, e ela não tinha notado ... não sei. Estava encantado.

Mas eu senti isso por ela depois. Mesmo na oitava série, quando tivemos de ir à dança Sadie Hawkins juntos e ela me pediu para ser seu acompanhante e nós passamos a noite toda sentado em um canto rindo de todos. Não dançamos a noite toda, e ela vestia esse vestido horrível. Não, eu estava apaixonado por ela então.

Eu realmente me apaixonei por ela quando ela descobriu que era um vampiro. Apenas alguns meses atrás. Quando ele aceitou a sua herança e não fugiu de seu destino

Porque você sabe quem deveria ser, certo? Isto é, a filha de Gabrielle. coisas do céu. Ela é tão forte que me assusta. Eu não estava mentindo quando eu disse isso a ela.

Assim, mais uma vez, você está me perguntando por que eu fiz. Por que eu deixei que ela tomasse meu sangue, deixar ela me marcar sua propriedade. Fazer todas essas coisas de familiar ".

Eu nem sequer sei por que se preocupar com estes relatórios. Quem os escuta de qualquer forma?

Enfim, acho que a verdade que importa é que eu não queria que ela tivesse que fazer com outra pessoa. Eu não quero compartilhar. Ela já estava tão diferente de mim, e

mudado. Ela é diferente. Ela vai viver para sempre, enquanto eu só poderei estar por perto uma vez.

Eu queria segurar.

Porque sim, eu a amo.

Eu a amava quando ela me veio aquela noite no banco. Quando ela estava olhando para mim e estava tão aliviada de me ver. Quando ela aceitava tudo que eu falava para ela, e ela nem surtou tanto quando eu falei para ela que eu já sabia. E que eu a o Conduz dela.

Foi por isso que peguei o próximo avião para o Rio logo depois dela. Sim, Bliss me disse o que estava acontecendo. Você acha que eu deixaria ela ir para lá sozinha? Você está brincando certo?

Ma se você pensa que estou entrando nessa cego, você está errado. Eu sabia que me tornar familiar dela não mudaria nada. Eu sabia que mesmo que ela soubesse como me sinto em relação a ela, não mudaria como ela se sente sobre mim.

Eu sabia que ia perder no final.

O que eu acho de Jack Force? Eu não. Eu não penso muito dele. É só um outro cara que acredita que é o dom de Deus na Terra. No seu caso , provavelmente, literalmente. Mas, sabe - ele é irrelevante para mim. Não o levo em conta.

Mesmo se eles acabam juntos. O que eu realmente duvido, devido a força particular do bond- Mimi não estava brincando, eu não iria ficar mexendo por aí com Azael. Ma mesmo se Schuyler continue amando ele, ou achando que ela ama, isso não importa.

Porque Jack vai deixa-la um dia. Ele é muito para ela. Eles não são feitos um para o outro. Qualquer um pode ver isso.

E quando ele largar ela, eu vou estar lá. Não importa quanto tempo leve eu ainda

vou estar lá por ela.

Esperando.

Então acho que Schuyler está errada, acho que sou um cara bastante romantico depois de tudo.

Capítulo 32

Só pronunciar o nome do aeroporto do Rio- Galeão - podia introduzi-la a uma atmosfera pronta de carnaval, pensou Schuyler. Gahhhleeeããããôoo. Agora entendia porque tanta gente viajava para este país: até o nome do seu aeroporto prometia sedutoras e misteriosas aventuras.

Shuyler, contudo, se sentia longe de um romance de qualquer tipo. Não podia deixar de pensar em Jack si pensar em Oliver. Era doloroso demais. Escapar dos Force havia sido fácil: ella saiu pela porta. Charles estava encondido em seu escritório denovo, Trinity estava fora em um spa só para garotas, enquanto Mimi estava viajando ao Rio com o Conclave. Jack continuava em Nova York. A outra noite lhe deixou outro livro por baixo da sua porta. Uma cópia de Anna Karenina. Mas não foi se encontrar com ele. Ela nem sequer teve a coragem de levar o livro com ela no voo das nove horas.

Não dormiu nada durante a viagem y o assento estreito não ajudava em nada. Schuyler só havia viajado com Cordelia ou Oliver e sua família. Com sua avó elas voavam em pequenos aviões com hélice (helicópteros) até Nantucket e Oliver só viajava voos de primeira classe. Ella uma vez pensou em si mesma como uma garota forte que não necessitava uma vida com luxos, um erro bastante comum feitos por aqueles que jamais experimentaram uma vida com inconvenientes. O avião finalmente aterrissou e Shuyler recuperou sua mochila do bagageiro e arrastou seus pés até o início da fila. O aeroporto era decepcionante, nada comparado com a promessa mágica de seu apelido. A alfândega e os espaços de imigração eram compridos e abertos, mas a decoração era fria, utilitária, antiquada e institucional. Em nada a linda, sensual ou o que seja que Schuyler havia assumido que lhe daria a boa vinda quando chegara. Estava vazio e silencioso. Ela esperava uma festa e se encontrou com o Kremlin.

Shuyler entendeu que a cidade era considerada bastante perigosa e manteve um olhar cauteloso. Lawrence ainda estava frustrantemente inalcançável. As últimas mensagens que lhe enviou não haviam sido contestadas y Schuyler não podia bloquear seu sinal. Seguiu a multidão até a frente do terminal. Bliss lhe havia aconselhado pegar um taxi, mas com o pouco dinheiro que levava, decidiu arriscar pegando uns pequenos ônibus que levavam para áreas centrais ao longo das praias e se detinham ao redor dos principais hotéis.

O ônibus estava cheio de ruidosos mochileiros australianos e Shuyler encontrou um assento na frente então poderia olhar pela janela. A viagem desde o aeroporto era confusa, enquanto a estrada tinha varias curvas, incluindo passar por uns quantos túneis, os que a deixava sem sentido de direção. De vez em quando Shuyler viu magníficos penhascos de pedras com musgos e colinas com vegetação

tropical, em cima da costa de areia amarelada e água azul. Também vislumbrou as históricas favelas – os bairros urbanos do país que salpicavam as falésias e as ladeiras. Repercurções da evidência do terremoto estava em todas as partes, desde lotes desorganizados cheios de abutres até montes de escombros que salpicavam a paisagem.

Entre as vistas da montanha e o mar ela vislumbrou altíssimas torres, edifícios de aço e vidros que não foram afetados pelo desastre. No caminho também notou vários carros fora do caminho da estrada, detidos por policiais altamente armados em alguma espécie de inspeção.

Tudo era exótico e belo e feio ao mesmo tempo. Finalmente os nomes nas placas das ruas se viam familiares: Ipanema, Copacabana, Leblon. Viu a famosa estatua de Jesus com seus braços estendidos como se abraçasse a cidade, Cristo Redentor, O Cristo Redentor em cima do Corcovado. Ela estava desfrutando da vista enquanto o ônibus chacoalhava pelo caminho, quando de repente o motor morreu.

O condutor amaldiçoava efusivamente enquanto empurrava para um lado da estrada. Shuyler estava confusa, especialmente quando o motorista pediu para os passageiros desembarcar ao longo da estrada e levar suas coisas com eles.

“De novo o mesmo”, se queixava um dos deselegantes australianos.

“Acontece muito?”, perguntou

“Todo o tempo”, lhe disseram.

O motorista lhes aconselhou descansar e regressar em uma hora enquanto tentava reparar o motor. Afortunadamente não foram muito longe da avenida principal. Ao longo da costa tinham pavimentado um caminho com conchas embutidos em um mosaico, cheio de pessoas que fazem caminhada, passeando, patinando e carros. Shuyler encontrou uma tenda de sucos e comprou um. O calor tropical estava fazendo ela se sentir murcha.

Mas quando voltou ao lugar designado uma hora depois, o ônibus que a levava, junto com os australianos barulhentos, havia partido. Estava sozinha. Sua irritação era composta por lampejo de incerteza quando notou um par de jovens garotos magros com pés descalços em calças cortadas com camisetas de Chicago Bulls caminhando para ela. Eles olhavam para um turista com fina roupa preta.

“Turista?”

Ela sabia que não tinha nada a temer, mas não queria arruinar sua capa. Os garotos se aproximavam mais. Só então notou que um deles segurava uma garrafa quebrada.

E justo quando pensou que tinha que começar a se defender, um brilhante carro preto estacionou. Se via que era a prova de balas, com janelas escuras.

Agora o que? Schuyler pensou que só encontraria mais problemas.

Logo uma das janelas abaixou. Schuyler estava segura que jamais havia se sentido tão feliz ao ver o garoto que estava dentro.

“Me tomou um tempo te encontrar. Lamento haver te perdido no aeroporto. Meu avô se atrasou.”, disse Oliver enquanto abria a porta traseira. Schuyler notou que tinha um dos guardas no assento traseiro, e um no da frente, incluindo o chofer.

“O que está esperando? Entra”.

Capítulo 33

O Copacabana Palace Hotel era um dos destinos favoritos de Mimi. Ela viajou muitas vezes ao Rio para o Carnaval e sempre ficou na mesma suíte de canto. Ela não tinha ideia do por que Nan Cutler havia trazido a Conclave para a América do Sul, mas ela não questionou. Além do mais, não é como se ela fosse deixar escapar a oportunidade de faltar a escola.

Jack não tinha expressado interesse em acompanhá-la, e ela não pressionou a questão. Uma vez que eles estivessem ligados, eles iriam viajar o mundo juntos. Ela sentia falta dele, mas ela também estava excitada por estar sozinha em uma cidade nova.

Ela pôs a toalha para baixo na espreguiçadeira localizado no terraço do último piso privado fora de seu quarto. A Conclave havia sido convidada a jantar na Casa Alameida, uma casa de campo nas montanhas, mais tarde naquela noite. Os Almeidas fazia parte dos contingentes que se mudaram para o Brasil em 1808, quando a família real portuguesa e muitos nobres fugiram, ao invés de lutar, do red blood conquistador, Napoleão. Eles mudaram as sedes dos reinos para as colônias, fazendo do Rio a primeira não-européia capital de um país europeu. Obviamente, uma vez instalados eles nunca voltaram, e declararam o Brasil independente, e o príncipe, imperador. Mas quando o país se declarou uma república em 1889, os Blue Bloods da cidade se concentraram no que faziam melhor: construíram museus e coleções de arte, grandes hotéis, e encorajando o renascimento cultural.

Mimi admirava o que os Blue Bloods brasileiros haviam feito com a cidade deles, e lembrou a si mesma de convidar todos eles para o Spring Gala * Baile de Primavera *. As famílias deveriam realmente se conhecerem melhor, ela pensou. Tantos deles viviam tão longe uns dos outros agora. É claro que os comandantes dos vários Comites se encontrava com os Coven's Elders em Nova Iorque todo ano, mas por outro lado eles quase não tinham contato.

Ela se deitou com o rosto na toalha e desatou a parte superior do biquini. Um musculoso garoto de piscina se aproximou, sua pele escura e cabelo impressionante contra a sua roupa de banho branca. “Caipirinha?”

“Claro.” Mimi se apoiou nos cotovelos e não se preocupou em se cobrir.

Seu olhar indiferente - quase realmente desagradável a maneira como ele olhava para o seu peitoral, animou seus sentidos. Ela estava sempre à caça de um novo familiar e, quando no Rio ...

Capítulo 34

Até onde Bliss estava preocupada, ela podia ficar no Rio para sempre. Todos os dias ela vagava pelas belas praias da cidade, vestindo um traje de banho que tinha comprado na loja do hotel, enquanto o que ela tinha trazido parecia muito puritano para essa cidade.

Eles estavam hospedados no fabuloso Hotel Fasano em Ipanema, e embora Bliss gostasse de tomar sol na cobertura, ela tinha cobiçado andar na costa por conta própria. BobiAnne lhe pediu para levar Jordan com ela, e as irmãs estava se divertindo nadando no oceano e as pessoas assistindo. As brasileiras vestiam biquínis minúsculos, não importa suas formas ou tamanhos, era um tanto liberado e escandaloso, ao mesmo tempo. Os Americanos de Bliss acreditavam que avós não deveriam usar tangas.

Ainda assim, ela estava realmente começando a se divertir, relaxando no ar quente e esquecendo que estavam no Rio para algumas coisas bastante sérias. Ela tinha ouvido Forsyth conversando com Nan Cutler, e souou como se Lawrence estivesse em uma verdadeira bagunça. Seus pais não disseram nada, mas era óbvio que estavam inquietos e ansiosos. Forsyth se manteve repreendendo cada coisinha, e até mesmo BobiAnne estava tensa. Bliss desejou saber se Schuyler teve alguma sorte contatando ele.

Bliss não foi capaz de convencer sua família a trazer Schuyler com eles. (“Absolutamente não,” seu pai tinha dito. “Ela esta sob a guarda de Charles e eu não acho que ele dará permissão.”) Ela tinha feito a melhor coisa próxima e deu a Schuyler dinheiro o suficiente da sua conta pessoal para garantir um ticket. Schuyler provavelmente já estava na cidade, mas ela deveria ligar para Bliss quando chegasse, e até agora Bliss não tinha ouvido falar dela. Ela esperava que estivesse tudo bem com Schuyler. O Rio não era um lugar para garotas jovens viajarem sozinhas.

Ela tentou ligar para Dylan novamente, mas não houve resposta. Os dois tinham pegado o habito de conversar todas as noites e se checarem durante o dia. Ela sabia quando ele tinha yoga, quando tinha terapia, e qual a hora que ele almoçava. Incomodava, ele não retornar nenhuma de suas mensagens. Onde ele estava?

Ela discou o numero principal do centro e perguntou para seu conselheiro.

“Dylan?” A voz do terapeuta era alegre. “Ele foi liberado no outro dia.”

“Sério?” Isso era novo para Bliss. Dylan não tinha sequer mencionado que estava adaptado para a liberação. “Sabe quem o pegou?”

“Vamos ver...” Houve um som de papeis se misturando. “Diz aqui que ele foi liberado pelo senador Llewellyn.”

Bliss se sentiu desconfortável. Obviamente seu pai não mencionou nada disso para ela. Talvez seja a hora de enfrentá-lo sobre o que ela sabia, mas a idéia de trazer esse assunto com Forsyth fez seu estômago se sentir enjoado. Dylan ligaria para ela quando tivesse a chance, tinha certeza que ele ligaria. Ela só tem que esperar. Ao seu lado Jordan estava encolhida embaixo de um guarda-chuva, coberta com toalhas e protetor solar. Bliss zombou dela por isso, tirando seu desconforto em relação a Dylan para insultar a irmã.

“Você não se bronzeia também,” Jordan retrucou.

“Sim, mas eu não me importo. Eu gosto de queimar.”

“B, posso ter um suco de coco?” Jordan perguntou, apontando para um vendedor que estava vendendo a mercadoria gelada.

“Claro.” Bliss fuçou na sua bolsa pela sua carteira, quando de repente tudo ficou branco. Ela não podia ver coisa alguma. Estava completamente cega, mesmo que seus olhos estivessem abertos, era o sentimento mais anormal e perturbador – quase como se alguém estivesse vendo através de seus olhos. Como se houvesse outra pessoa dentro da sua cabeça.

Quando sua visão voltou, ela estava tremendo.

“O que aconteceu?” Perguntou a Jordan.

O rosto de Jordan estava drenado de cor.

“Seus olhos – eles estavam azuis.” Bliss tinha olhos verdes, verdes como as esmeraldas que brilhavam ao redor do seu pescoço.

“Você está brincando.” Bliss riu.

Jordan parecia como se estivesse decidindo alguma coisa. Finalmente ela falou.

“Ouça, você tem que acreditar que eu não tive escolha, ok?” Ela agarrou o braço de Bliss.

“O que você está falando?” Bliss perguntou, totalmente confusa.

Jordan apenas balançou a cabeça, e Bliss ficou chocada ao ver sua estóica irmã mais nova tão perto das lágrimas.

“Nada, não é nada.” Jordan inalou.

Bliss a abraçou. “Fique calma, criança.”

“Se lembre que você foi como uma irmã para mim.” Jordan sussurrou tão baixo que Bliss quis saber se ela realmente disse isso ou se estava ouvindo coisas.

“Seja lá com o que você está preocupada, tudo vai ficar bem, ok?” Bliss disse, abraçando a irmã com força. “Nada vai acontecer, eu prometo.”

Capítulo 35

“Oliver, como eu posso agradecer a você,” Schuyler disse, afivelando o cinto de segurança. Ela olhou para os guarda-costas armados. “Você não acha que exagerou no músculo?”

Ele deu de ombros. “Nunca se pode ser muito cuidadoso.”

Schuyler assentiu. “Isso significa que você não está mais com raiva de mim?”

“Não vamos falar sobre isso agora. Estamos aqui por Lawrence, certo?”

“Certo.”

“Sabia que o Conclave inteiro está aqui?” ele perguntou. “Eu vi Warden Oelrich no meu vôo. E os Duponts e os Carondolets estão no meu hotel.”

“Eu sei. Bliss me disse que Warden Cutler chamou uma sessão de emergência e os trouxe aqui. Encontraram Lawrence?”

“Essa é a coisa. Ninguém está falando de Lawrence em tudo. Estão todos se preparando para um grande jantar na casa de um Blue Blood brasileiro hoje à noite,” ele disse, enquanto isso o carro dirigiu pelo apropriado centro da cidade, e a paisagem tornou-se ainda mais cênico: vegetação luxuriante, praias maravilhosas, e pessoas igualmente lindas tomando banho de sol neles.

“Onde está hospedado?” Schuyler perguntou.

“O Fasano. O novo hotel de Philippe Starck. Bliss está lá também. Eu teria pegado um quarto só seu, mas eles não tinham mais nenhum. Acha que vai ficar tudo bem se dividir um comigo?” ele perguntou.

“Claro,” ela disse, tentando não parecer desconfortável. “Ouça... sobre o que aconteceu na outra noite.”

“Não vamos conversar sobre isso agora,” Oliver disse levemente. “Quero dizer, eu estava sendo um pouco dramático, não estava? Ele ou eu. Tanto faz.”

“Então não quis dizer isso?” Schuyler perguntou esperançosa.

“Eu não sei. Vamos só... vamos só lidar com Lawrence primeiro e conversar sobre isso mais tarde. Tudo bem?”

“Claro.” Oliver estava certo. Eles não tinham tempo para insistir naquilo agora. Eles tinham que achar Lawrence.

O silêncio de seu avô a preocupou. E se ele tivesse sido preso, ou restringido, ou pior? Tinha sido sábio ele vir para o Rio sozinho? Ou se reunir com o time de Kingsley? Kingsley, que agora era inacessível também, de acordo com Bliss.

Schuyler ainda não entendia por que Kingsley, quem tinha mostrado ser um Silver Blood – apesar de reformado – tinha sido autorizado a voltar como um Venator. Seu avô não era uma pessoa ingênua, e ele devia ter bons motivos para confiar em Kingsley novamente, especialmente depois do que aconteceu em Veneza.

Mas ainda...

Ele se preocupava.

Ela fechou os olhos e pensou em seu avô. Retratando seu cabelo leonino, sua atitude aristocrática.

O envio retornou imediatamente.

O que está fazendo aqui? Lawrence exigiu irritado. Ele estava, obviamente, muito irritado, e pior, parecia perfeitamente bem.

Salvando você? Schuyler enviou timidamente.

Houve um som como um resfolegar telepático.

Encontre-me no bar do Palace. Em uma hora.

Lawrence estava vestido em seu habitual tweed de lã pesado quando eles o encontraram no bar do Copacabana Palace. Seu rosto estava vermelho, e estava pingando suor pela testa. Schuyler pensou que talvez ele não fosse reclamar tanto sobre o clima se ele se vestisse adequadamente.

“Vocês deveriam permanecer em New York,” Lawrence disse severamente como uma saudação. Eles se sentaram no bar e Lawrence ordenou uma rodada de drinks. Um Bellini para si mesmo e piña coladas* virgens para sua neta e o Conduit dela. Mesmo que o álcool não afetasse os vampiros, Lawrence gostava de respeitar as regras dos Red Bloods desaprovou “menores” bebendo.

“Mas avô... eu ouvi que você estava em problemas.” Ela se encolheu na cadeira. Sentiu-se aliviada por Lawrence estar bem, mas o olhar duro de seu avô fez suas ações recentes parecerem impulsivas e tolas. Mais e mais parecia que a viagem dela era desnecessária e desnecessariamente dramática.

* é um doce, cocktail de rum feito com rum duro, creme de coco e suco de abacaxi, geralmente servido ou misturado ou batido com gelo.

“Isso é novo para mim,” Lawrence disse, trazendo para fora seu cachimbo.

“Mas por que você não retornou meus envios então?” Schuyler perguntou. “Eu estava preocupada.”

Lawrence fumou seu cachimbo antes de responder. “Eu não ouvi-los. Eu não ouvi nada de você até hoje,” ele disse, soprando fumaça no ar.

A garçonete voltou com seus drinks, e os três fizeram um brinde.

“Não é permitido fumar aqui, senhor,” ela disse a ele.

“Claro que não.” Lawrence piscou enquanto continuava a fumar, conjurando um cinzeiro de prata na mesa.

A garçonete pareceu confusa e se afastou, apenas mais uma vítima do glom.

Lawrence virou para Schuyler. “Você praticou o exercício que eu te ensinei?

Concentrou-se em localizar o meu espírito?”

“Sim, claro,” Schuyler disse um pouco impaciente.

Oliver assobiou. “Mensagens telepáticas são codificadas, certo? Alguém poderia – eu não sei – subverter-las? Ou apagá-las de alguma maneira?”

“Não é assim que funciona,” Schuyler disse. “Elas não são como e-mails enviados a uma rede. Usar o glom é uma linha direta a consciência de alguém. Isso não pode ser... mexido. Certo, avô?”

“Não tenho certeza. Você tem um ponto, homenzinho,” Lawrence disse pensativamente enquanto bebia o seu drink. “Usar telepatia depende da habilidade de um vampiro entrar (?) no ‘outro mundo’, o que os humanos chamam de paranormal. A fonte do poder vem da grande divisão, o lugar onde a habitual barreira entre o mundo material e o mundo espiritual desaparece.”

“E esse é o Corcovado; a passagem é aqui,” Schuyler disse.

“Sim,” seu avô disse, suas linhas de expressão de aprofundando.

“E Kingsley? Você tem o visto?” Schuyler perguntou.

“Estamos em contato.”

“Então ele não desapareceu também.”

Seu avô parecia confuso. “Não, ele não tem. Estivemos em contato o tempo todo.”

Schuyler balançou a cabeça. “É só... nós ouvimos...” ela disse fracamente. “Que você e Kingsley... Não importa.”

Lawrence continuou a olhar mistificado enquanto ele bebia de uma só vez seu drink.

Oliver levantou da mesa para atender seu telefone, e Schuyler aproveitou a oportunidade para perguntar ao seu avô algo que vinha incomodando-a por semanas. Mas a resposta não era a que ela estava esperando.

Lawrence olhou diretamente para sua neta, suas sobrancelhas arqueadas. “Não há nenhuma maneira. Suponha que Jack quebre o vínculo, não há recurso para ele. É contra nossas leis. O Código dos Vampiros. Se seu gêmeo chama a convenção, haverá um julgamento. Se ele for considerado culpado, será condenado.

Queimado. Se ele escolher fugir a encarar o julgamento, seu próprio gêmeo dele tem que trazê-lo para a justiça.”

A respiração de Schuyler ficou presa em sua garganta. “Mas Allegra... ela está viva.”

“Allegra está praticamente morta em suas próprias mãos. Charles argumentou que a sentença não poderia ser realizada enquanto ela estivesse inconsciente. Mas uma vez que ela acordar, ela está sujeita às leis, bem como ele.”

“Então por que ele continua esperando ela acordar um dia?” Schuyler perguntou, pensando em Charles ajoelhado ao lado da cama de sua mãe.

“Charles se recusa a reconhecer a ruptura. Mas ele vai ter. Se ela acordar, o Coven insistirá em um julgamento.”

“Mas você é o Regis. Você pode salva-la,” Schuyler insistiu. Você pode salvar Jack.

“Ninguém está acima do Código, Schuyler. Nem mesmo sua mãe,” Lawrence disse, e Schuyler poderia jurar que ouviu angústia em sua voz.

“Então Jack perderá sua vida de uma maneira ou de outra.”

Lawrence pigarreou e bateu as cinzas de seu cachimbo no cinzeiro de cristal. “Se ele quebrar o vínculo, mesmo se ele conseguir escapar do julgamento, seu espírito irá diminuir. Não há morte para o nosso tipo, mas ele vai estar plenamente consciente de sua paralisia. Felizmente, ele nunca foi tentado a quebrar seu voto. Abbadon é um namoradeiro e um patife, mas ele é leal ao seu núcleo. Ele não vai cortar os laços de Azrael assim facilmente. Mas Schuyler, me diga, por que todo esse interesse?”

“Nós estávamos aprendendo sobre isso nas reuniões do Comitê, avô.”

Então era por isso que Jack nunca queria conversar sobre aquilo. Porque não havia maneira de escapar da ligação. Ele tinha mentido para ela. Uma mentira nasce do amor. Não havia esperança para os dois. Ele estava colocando-o em risco por resistir.

Mimi estava certa. Mimi estava contando a verdade.

Sem a ligação, Jack nunca mais seria o vampiro que estava destinado a ser. Ele seria metade dele mesmo, enfraquecido e destruído. Isso iria acontecer lentamente ao longo dos séculos, mas iria acontecer. O espírito dele iria morrer. E se isso não o pegasse, as leis iriam. Mimi iria caçá-lo. O Conclave iria condená-lo a Queimar. Por amar Schuyler ele estava arriscando sua própria alma. Quanto mais tempo eles continuassem se encontrando, mas perigo ele estava correndo. Isso tinha que acabar.

Ela pensou melancolicamente de seu último encontro. Naquela noite celestial cheia de arte e poesia, quão bonito e bravo ele pareceu quando falou sobre quebrar a ligação. O que ele colocaria em risco para ficar com ela. A pintura de Schiele veio à sua mente novamente. Aquele era o motivo pelo qual ela amava tanto aquilo. Dois amantes, abraçados, como se fosse o último. Assim como em “The Break” de Anne Sexton, a história de Schuyler era uma de um coração despedaçado.

Não haveria mais noites pelo fogo. Nenhum livro deslizado por baixo da porta. Nenhum segredo.

Adeus, Jack.

Tão duro quanto seria, tanto como isso iria destruir sua própria vontade de viver, Schuyler sabia o que tinha que fazer.

Ela teria que contar outra mentira.

Uma mentira que o libertaria.

ARQUIVO DE GRAVAÇÕES AUDITIVO:

Repositório de História

DOCUMENTO CLASSIFICADO:

Apenas Liberação Altithronus

Arquivo Pessoal de Cordelia Van Alen

Transcrição da conversa datada de 12/25/98.

Cordelia Van Alen: Vem cá, filho. Você sabe quem eu sou?

Jordânia Llewellyn: Seraphiel

CVA: Bom.

CVC: Você sabe por que eu trouxe você?

JL: (voz da criança mudando) Eu sou Pistis Sophia. A observadora. Um espírito nascido com seus olhos largos abertos, nascido em plena consciência. Por que você me acordou?

CVA: Porque eu estou com medo.

JL: Do que você tem medo?

CVA: Eu tenho medo de termos falhado. Que a batalha em Roma foi uma farsa. Que o nosso maior inimigo ainda caminha nesta terra, mas não sei como. Você é Jordan Llewellyn. Para esse ciclo você é a filha de Forsyth Llewellyn. Se minhas suspeitas estiverem corretas, então você será nossa primeira linha de defesa.

JL: O que devo fazer?

CVA: Você deve ver e ouvir e observar.

JL: E então?

CVA: Se o que eu temo é verdade, você deve completar o que falhamos em fazer em Roma. Mas eu não posso ajudar você. Eu sou obrigada pelo Código. Esta é a última vez que vamos nos falar.

JL: Eu entendo, madrinha.

CVA: Fique bem, criança. Pegue minha benção em sua jornada de Maio e fique a salvo. Facio Valiturus Fortis. Seja forte e corajosa. Até nos encontrarmos novamente.

JL: Vejo você na próxima vida.

Capítulo 36

Dor.

Dor abrasadora.

Como se alguém estivesse segurando um ferro quente em seu coração. Era escaldante, queimando. Ela podia sentir sua pele ficar vermelha, então preta, podia sentir o cheiro da fumaça que subia pela sua pele frita. Isso não era nada como o ataque ao Repositório. Ela não iria sobreviver a isso.

Bliss rasgou o miasma do sono, forçando-se a acordar. Acorde! Acorde! Era como estar sufocada e destruída ao mesmo tempo. Mas ela salvou todo o poder que tinha, e reuniu todo o seu esforço, toda sua força, e prosperamente repeliu a dor.

Houve um estrondo e um grito.

Ela piscou acordada e se sentou no sofá. Tinha tirado uma soneca em sua suíte depois de voltar da praia. Ainda estava tentando entender o que tinha acontecido quando a porta se abriu e seus ais apareceram na entrada.

No escuro ela viu Jordan deitada em um monte amassado no chão, segurando algo brilhante e reluzente na mão.

Seus pais avaliaram a situação rapidamente, quase profissionalmente, como se estivessem esperando algo assim acontecer.

“Rápido, BobiAnne, ela ainda está atordoada. Defina o feitiço,” Forsyth disse enquanto começava a empacotar sua filha mais nova com cachecóis e cobertores do hotel.

“O que está acontecendo? O que vocês estão fazendo?” Bliss perguntou grogue. As coisas estavam acontecendo muito rápidas para ela entender.

“Olhe,” Forsyth disse, removendo a pequena lâmina da mão de Jordan e jogou-a para sua esposa. “Ela pegou do cofre.”

Bliss tentou entender tudo, mas o pensamento lógico iludiu-a em seu estado tonto e desnortado. *Ela estava ficando louca, ou Jordan tinha tentado matá-la?*

Ela vacilou quando a madrastra dela pôs a mão em sua testa. “Ela está quente,” ela disse ao seu marido.

Então ela levantou a camisa de Bliss e examinou seu peito. “Mas acho que ela está bem.”

Forsyth assentiu, ajoelhando para rasgar as folhas de Bliss (?) em tiras, então poderia amarrar o cachecol e manter Jordan presa.

Pensando que a dor veio da pedra de esmeralda, Bliss olhou para seu peito. Era como se a pedra tivesse queimado sua própria pele, marcando-a. Mas quando ela tocou isso, estava tão fria como sempre. Sua pele em baixo estava suave e ilesa. Então ela entendeu. A esmeralda tinha salvado-a de qualquer arma que tinha

tentado furar seu coração.

“Ela está bem,” BobiAnne anunciou depois de checar as pupilas e o pulso de Bliss. “Boa menina. Você nos assustou bastante,” ela disse, batendo em seus bolsos para achar seus Marlboro Lights*.

BobiAnne acendeu um cigarro e tragou profundamente, até que isso formou uma longa coluna de cinzas. Bliss notou que o rosto de sua madrastra estava perfeitamente produzido para uma festa, e ambos estavam vestidos com roupas para um jantar formal.

* Um tipo de cigarro.

“O que está acontecendo? Por que Jordan me atacou?” Bliss perguntou, finalmente encontrando sua voz e voltando-se para encarar seu pai.

Levou alguns minutos para ele responder. A reputação de Forsyth Llewellyn no Senado era a de um facilitador moderado, alguém que estava disposto a negociar com o outro lado, para trazer consenso para as partes em conflito. Seu charme texano veio a calhar durante as batalhas partidárias na legislatura.

Bliss podia ver que ele estava usando seu charme nela agora. “Querida, você tem que entender que Jordan é diferente de nós,” Forsyth disse, defendendo o pacote que segurava sua filha mais nova. “Ela não é uma de nós.”

“Uma de nós? O que quer dizer?”

“Você entenderá com o tempo,” ela assegurou-a.

“Fomos forçados a tomá-la. Não tivemos escolha!” BobiAnne explodiu, uma amargura rastejava em sua voz. “Cordelia Van Alen nos fez. Aquela bruxa velha metida.”

“Jordan não é dessa família,” o pai de Bliss acrescentou.

“Do que vocês estão falando?” ela chorou. Estava começando a ser demais.

Todos estes segredos e mentiras, ela estava cansada daquilo. Ela estava cansada de ser mantida no escuro sobre tudo.

“Eu sei tudo sobre Allegra!” ela declarou de repente, com um olhar de desafio.

“Eu achei isso...” Bliss enfiou a mão no bolso e mostrou-lhes a fotografia com a inscrição, a qual ela manteve próxima o tempo todo. “Vocês mentiram para mim. Vocês me disseram que o nome da minha mãe era Charlotte Potter. Mas nunca houve Charlotte Potter, houve?”

Forsyth hesitou. “Não – mas isso não é o que você está pensando.”

“Então me diga.”

“É complicado,” ele suspirou. Seus olhos percorreram a vista panorâmica da praia, não querendo encontrar o olhar dela. “Um dia, quando você estiver pronta, eu irei te contar. Mas ainda não.” Era enlouquecedor. Seu pai estava

fazendo aquilo novamente: evitando as perguntas dela, obstruindo-a.

Defendendo-a da verdade.

“E Jordan?” ela perguntou.

“Não se preocupe. Ela não vai machucar você novamente,” Forsyth tentou tranquilizá-la. “Nós vamos mandá-la para um lugar seguro.”

“Vocês estão mandando-a para a Transitions?”

“Algo como isso,” seu pai disse,

“Mas por quê?”

“Bliss, querida, ela vai ficar melhor,” BobiAnne disse.

“Mas...” Bliss estava completamente confusa. Seus pais estavam conversando sobre Jordan como se ela fosse um cachorro que estava sendo enviado para fora do país. Eles conversavam sobre ela como se ele não importasse.

Mas Bliss tinha que admitir para si mesma que a dinâmica familiar estranha não era inteiramente nova. Ela pensou em como BobiAnne nunca falou carinhosamente de Jordan, sempre deixou claro que preferia Bliss, que nem era sua filha verdadeira. Como seu pai sempre manteve certa distancia entre sua estranha filha mais nova.

Quando Bliss era mais jovem ela tinha apreciado a indiferença dos pais em relação a sua irmã mais nova. Agora ela percebeu que era patológico.

Seus pais *odiavam* Jordan.

Eles sempre odiaram.

Capítulo 37

“Era o hotel,” Oliver explicou, voltando para a mesa. “Alguém fechou a conta e saiu, e um quarto está vago. Eles me perguntaram se eu queria pegá-lo. Então você tem um quarto,” ele contou a Schuyler, seu rosto neutro.

“Obrigado,” ela disse, tentando deixar sua voz o mais normal possível, mesmo que houvesse um buraco onde seu coração deveria estar. Mas ela forçou todos os pensamentos de Jack para fora de sua cabeça; depois... ela lamentaria mais tarde.

“Então por que o Conclave está aqui, Lawrence?” Oliver perguntou. “É por causa do Leviatã?”

“O Conclave está aqui?” Lawrence perguntou abruptamente.

“Oh! Esqueci de mencionar isso – yeah. Eles estão aqui. Todos eles,” Schuyler disse. “Eu acho que eles chegaram ontem à noite.”

Lawrence ponderou esse último pedaço de informação enquanto terminava seu drink. Como se ela mesma tivesse habilidade de vampiro, a garçonete reapareceu com outro cocktail em seu cotovelo.

“Mais coladas virgens?” ela perguntou, apontando para os meio-copos vazios cheios de uma viscosidade amarela derretida (n.t: Tentei fazer o melhor com essa frase, mas ficou difícil).

“Traga-me um uísque,” Oliver tossiu.

“Para mim também,” Schuyler acrescentou rapidamente, pensando que ela correria o risco de seu avô censurá-la depois. “Quem é Leviatã?” ela perguntou, virando para Oliver. Ao redor deles o bar começava a encher de turistas bronzeados vindo para um Happy Hour, e uma banda de samba começou a tocar uma música empolgante.

“Se você tivesse feito sua leitura, neta, saberia a resposta para essa pergunta,” Lawrence respondeu.

“Leviatã é um demônio,” Oliver explicou.

“Um dos mais poderosos Silver Bloods de todos os tempos,” disse Lawrence. “O irmão do Príncipe das Trevas. O segundo no comando.”

Schuyler estremeceu. “Mas o que ele tem a ver com a coisa?” Ela desejava que a música não fosse tão alta. O brilhante, feliz som estava em contraste com o assunto negro da conversa deles.

“Corcovado é a prisão de Leviatã,” Lawrence replicou. “É o único lugar na Terra poderia segurá-lo. Ele era forte demais para ser morto, e estava muito enraizado na terra para ser enviado para o inferno. Quando foi capturado, ele foi preso em uma pedra abaixo do Cristo Redentor. Sua própria mãe levou-o para baixo.” Então era isso que Lawrence estava escondendo dela na noite em que se foi.

Protegendo-a da verdade e não contando tudo sobre o Corcovado. Leviatã. Aquele ódio visceral que ela sentiu no dia do desfile de moda. Se ela tivesse prestado mais atenção nos livros dela, ela poderia ter se dado conta disso mais cedo. Mas ela tinha sido tão distraída...

“Sim. Foi ele naquela noite do terremoto,” Lawrence confirmou. “Ele é a razão do Corcovado ser vigiado pela elite dos Venator. Temos sempre mantido uma forte presença aqui.”

“Agora eu entendo,” Schuyler disse. “Por que você veio aqui, quero dizer.” Lawrence concordou. “Quando Kingsley primeiro trouxe notícias de estranhos desaparecendo no Rio, fiquei um pouco nervoso. Depois do terremoto, eu percebi que eu teria que resolver com minhas próprias mãos e ter certeza de que o Corcovado permanecesse fortalecido. Eu jurei que não deixaria a cidade até que estivesse certo de que nenhuma ameaça – se houver uma ameaça – estivesse completamente desarmada.

“Então, há algumas semanas atrás, os Venators confirmaram que Yana, o vampiro mais jovem que estava desaparecido, tinha simplesmente escapado para uma viagem à praia com seu namorado, assim como sua mãe como pensado. Entretanto enquanto a equipe de Kingsley trouxe Alfonso Almeida, o patriarca desaparecido do clã da América do Sul, depois de uma extensa nos Andes. Além da ulceração feita pelo frio e a incapacidade de ler mapas, ele estava bem.

“Assim como eu disse em minhas mensagens, tudo estava seguro. Não houve nenhuma ruptura.”

“Leviatã?” Oliver perguntou.

“Preso por toda a eternidade até onde eu pude ver,” Lawrence disse com desdém.

“Mas a mensagem... o terremoto,” Schuyler argumentou, tentando falar acima do som ensurdecador da multidão e dos implacáveis tambores.

“Meros sintomas de sua para se libertar da cadeia. Nada que Leviatã não tivesse tentado antes. Mas é inútil. Corcovado vai segurá-lo para sempre.” Ele bateu na mesa com o copo, como para salientar seu ponto

“Então porque o Conclave pensa que o Corcovado é um perigo?” ela perguntou. “É por isso que eles estão aqui?”

Schuyler assentiu.

“Eu não sei. Mas Nan deve ter suas razões; o Regente nunca deve agir sem justa causa” Lawrence finalizou seu drink. “Então, de novo, Kingsley está correto,” ele disse baixinho para si mesmo.

“Kingsley!” Schuyler explodiu. “Como pode confiar nele? Você mesmo disse para nunca confiar em superfícies brilhantes. Kingsley é tão liso como eles vêm.”

“Atualmente Kingsley tem provado sua lealdade ao Coven acima e além do seu dever. Não fale dele tão desrespeitosamente, neta,” Lawrence disse severamente. “Aquela façanha que ele fez no Repositório? Daquele jeito que ele prova sua lealdade?”

“Kingsley estava apenas fazendo o que foi pedido para ele. Ele estava seguindo ordens do seu Regis.”

“Você quer dizer Charles o *mandou* chamar o Silver Blood?” Schuyler riu de indignação.

Michael era um Arcanjo. Ele nunca seria capaz de tal traição.

“Tem uma razão para tudo. Talvez até mesmo para essa afluência súbita de Anciões nesta cidade,” Lawrence supôs.

“Você sabe, os Almeidas estão dando um jantar essa noite,” Oliver interrompeu.

“Para todo o Conclave.” Ele olhou seu relógio. “Acho que já começou.”

Lawrence sinalizou para trazerem a conta. “Muito bom. Talvez nós achemos nossas respostas lá. Ao menos, os Almeidas dão uma festa maravilhosa.”

Capítulo 38

Houve uma batida aguda (?) na porta, e Bliss notou como seus pais pularam com o som.

Forsyth deu passos rápidos e olhou pelo buraco da fechadura. “Está tudo bem,” ele declarou, destrancando a porta. Uma severa, elegante mulher com uma mecha branca em seu cabelo negro entrou na sala, seguida por dois serventes. Bliss sempre tinha tido um pouco de medo da Warden Cutler. A Anciã tinha sido a única a sondar sua mente atrás de corrupções de Silver Bloods. Ela ainda lembrava a inquietante sensação de estar sendo julgada.

“Onde está o Observador?” Nan Cutler perguntou.

BobiAnne indicou o pacote na outra extremidade da sala.

“Vocês botaram-na em estase?”

Forsyth assentiu. “Sim. Vai levar um bom tempo até ela acordar.”

“Nós a achamos com isso,” BobiAnne disse, entregando a arma de Jordan para a Warden.

“Vocês precisam achar um jeito de destruir isso; é muito perigoso para nós usarmos,” Forsyth disse.

“Pensei que aquele feitiço fosse suficiente para mantê-lo no cofre, mas obviamente ela foi capaz de desarmá-lo. Ela é muito inteligente.”

“Se tem um jeito de destruir isso,” Nan disse. “Não é suscetível ao Fogo Negro.”

“Você será capaz de conseguir?” Forsyth perguntou.

“Você não vai ser seguida?” BobiAnne quis saber.

Bliss assistiu enquanto a Warden sombria balançava a cabeça. “Não, não seremos seguidas. Nós nos certificaremos disse. É surpreendente que ela tenha esperado tanto tempo, realmente, para fazer seu movimento. Mas não se preocupe, terei certeza de que ela não será mais uma ameaça para nós.” Ela olhou com desdém na direção do cachecol. “Cordelia Van Alen foi fraca de espírito, como de costume, pensando que ao mandar o Observador para a sal família iria resolver alguma coisa.”

“Ela suspeitou, então?” BobiAnne perguntou.

“Claro que suspeitou,” Forsyth cerrou os dentes. “Você não dá a ela crédito suficiente, Nan. Aquele pássaro era astuto. Ela sabia que algo estava acontecendo.”

“Uma pena que seu pequeno assassinato foi tão ineficaz como ela foi, então.”

Nan sinalizou, e seus serventes pegaram o pacote e levaram da sala.

Bliss não tinha idéia sobre o que eles estavam falando, mas estava desesperada para descobrir. *Sobre o que Cordelia Van Alen suspeitou?*

“Temos que correr,” BobiAnne disse ao seu marido. “O jantar começará em

uma hora.”

Forsyth assentiu.

“O que está acontecendo? Onde estão indo?” Bliss perguntou, lutando contra as lágrimas de frustração. “Para onde estão levando Jordan?” Ela perguntou o que tinha induzido sua irmãzinha a fazer algo louco. Mas seus pais se recusaram a explicar ou contar para ela mais do que os comentários obscuros que fizeram. Eles foram para o grande jantar Np Almeidas, como se nada tivesse acontecido. BobiAnne disse que Bliss podia pedir qualquer coisa que quisesse do cardápio do serviço de quarto.

Ela teve que aceitar que Jordan se foi.

Sua irmã mais nova, ela costumava segui-la por aí, tentando imitar qualquer movimento dela. Quando tinha cinco, Jordan quis um cabelo longo e enrolado como o da sua irmã, e forçou as empregadas a usarem o ferro de ondulação (?) em seus cabelos teimosamente retos, de modo que seriam semelhantes ao da irmã. Jordan, que tinha a chamado “Biss” quando era um bebê porque não podia pronunciar seu nome corretamente. Jordan, quem tinha a oferecido chocolate e a confortado apenas há alguns dias. Bliss descobriu que tinha lágrimas em seus olhos.

Bliss entendeu que nunca mais veria Jordan novamente.

Por que essas lágrimas? Uma voz baixa e simpática perguntou.

Estou triste.

Jordan tentou ferir Bliss.

Eu sei. Mas ela era minha irmã. Minha amiga.

Que tipo de amigo traz dor?

Bliss de repente lembrou-se de como ela se sentiu como se estivesse sendo partida em dois. Ela tinha experimentado mais dor do que ela já tinha sentindo em sua vida. Jordan tinha feito aquilo. Ela tinha apontado para seu coração. Ela tinha tentado matar Bliss com aquela arma – algo brilhante e dourado, como uma espada.

Mas era diferente que seu pai continha em seu estudo. A espada que Forsyth tinha usado durante o ataque ao Repositório – quando o Silver Blood tinha matado Priscilla Dupont – era um maçante ouro amarelo. A lâmina que Jordan tinha usado emanava uma luz branca brilhante.

Nan Cutler disse que não podia ser destruída, e Bliss de repente lembrou-se das palavras de Mimi: a Lâmina da Justiça estava desaparecida. Seu pai tinha a espada de Michael? A única coisa no mundo que poderia matar Lúcifer? A espada do Arcanjo? E se sim, porque Jordan usou contra ela? Bliss sentiu uma dor de cabeça vindo.

Eu não tive escolha, sua irmã tinha dito naquela tarde.

Por que não?

Bliss gradualmente parou de se sentir tão triste por Jordan. Ela começou a sentir felicidade por eles terem levado-a embora. Onde quer que eles a levem, Jordan merecia estar lá. Bliss esperava que fosse um negro, profundo calabouço onde Jordan poderia pensar por uma eternidade em seus crimes.

Excelente, disse a voz atrás de sua cabeça. Ela reconheceu-a agora. Soava como a do cavaleiro de terno branco. O que a tinha chamado de “filha.”

Então, mais uma vez ela podia ver, mas ela não podia ver. Ela estava perdendo os sentidos. Sim, estava acontecendo agora. Ela tentou se agarrar à sua visão, tentou lutar, mas a mesma voz dentro de sua cabeça, “Deixe.”

E Bliss deixou.

Ela achou a rendição um doce alívio.

Capítulo 39

Mimi escolheu um pequeno e maravilhoso vestido cocktail Valentino para vestir no jantar. Era uma confecção em branco e preto sem alças, com um corpete apertado que acentuava sua cintura fina. Uma faixa grossa preta e um dramático laço curvado adicionando apenas uma sugestão de uma garota despreocupada. Ela tinha comprado diretamente do desfile e o trouxe para o Brasil, porque ela sabia que teria uma forte concorrência de todas essas Almeidas e da Limas e Ribeiros – brasileiras irritantemente bonitas com guarda-roupas blockbuster. Ela ainda não entendia o que todos eles estavam fazendo no Rio. Algo sobre Lawrence, é claro. E Kingsley ela não tinha certeza. Nan Cutler, aquela bruxa enrugada, havia sido um pouco vaga sobre a coisa toda. Mas esse era o jeito da Conclave: eles não questionavam seus líderes. Nan Cutler era uma Regente, e se ela queria os Elders no Brasil, então os Elders estariam lá.

Um detalhe de segurança a levou do hotel para uma casa de campo. Mimi pensou em como era irônico que enquanto sua anfitriã possuía uma mansão com grande vista para a cidade, os poucos barracos miseráveis que viu pelo caminho, precariamente instalados na beira do precipício, provavelmente tinham uma vista ainda melhor.

Ela tinha esperado com grande à fazer, e foi surpreendida quando descobriu que só os seus companheiros, membros da Conclave, eram esperados. Os brasileiros geralmente davam festas gigantescas, com dançarinos de samba e festividades por toda a noite. Mas era uma noite calma, e Mimi educadamente conversou com alguns anciãos e a esposa intimidadora de Alfonso Almeida, Dona Beatrice, antes de achar seu assento para o jantar.

O primeiro prato foi servido, uma quente e rica sopa de cogumelos que era constituída por um caldo claro derramado sobre um monete de pasta de cogumelo. Mimi tomou uma prova. Era delicioso. “Então, Edmund, sobre o nosso comitê anfitrião para o baile de primavera,” ela disse, virando-se para o parceiro ao lado. Ela havia esperado conhecer brasileiros mais saborosos na festa, mas como eles não estavam lá, ela se sentou para resolver alguns assuntos do Comitê.

“A namorada do prefeito já te deixou pra baixo?” Edmund perguntou, esfregando os cantos de sua boca no guardanapo.

Mimi fez uma careta. “Nós não perguntamos. Você não pode estar falando sério. Ela é uma careta. E ainda, ela não tem interesse por ballet, você sabe.”

Edmund Oelrich riu enquanto bebia seu vinho, e de repente começou a engasgar. Ela assumiu que sua refeição tinha ido pelo caminho errado quando sangue começou a jorrar de sua boca. Mimi gritou. A Chefe Warden tinha sido

esfaqueado pelas costas. À sua esquerda, Sophia Dupont estava caída sobre sua sopa, um pequeno punhal de prata encravado nas costas.

Então as luzes se apagaram, e tudo era escuridão.

Isso é uma armadilha, Mimi pensou, sentindo uma calma sobrenatural enquanto mergulhava para debaixo da mesa, mais rápido que a faca que deveria ir para o seu coração e estava agora nas costas da cadeira.

Silver Bloods!

É claro. Mas os Almeidas... eles eram de linhagem real ! Como eles puderam ser convertidos ?

A luta era silenciosa e rápida. Houve raramente um grito ou um choro, só o som rasgado de seus colegas Wardens gorgolejando sangue. A Conclave estava sendo abatida.

Mimi tentou recolher seus pensamentos, para se lembrar do que ela sabia, para se lembrar como lutar. Bom Senhor, já fazia séculos desde que ela combatera essas bestas. Bliss havia descrito uma criatura sombria com olhos prata e pupila vermelha naquela noite no Repositório. Mas Silver Bloods podiam assumir qualquer forma que escolhessem, para camuflar sua verdadeira forma.

Mimi se forçou a pensar, a lembrar. Suas memórias responderam com inundações de imagens em sua mente, que quase a fizeram gritar. Correndo por uma floresta escura, os ramos das árvores raspando em sua pele, ouvindo o som de seus sapatos de couro batendo contra o caminho de terra, sentindo a adrenalina de estar correndo por sua vida... mas o que era isso, ela era a única que estava perseguindo. A besta estava fugindo dela. Ela viu a marca de Lúcifer na pele daquilo, brilhando no escuro.

Ela retornou para o presente. Embora o quarto estivesse escuro, com sua visão de vampiro, ela viu Dashiell Van Horn esfaqueado no coração, testemunhou Cushing Carondolet drenado de todo o sangue, enquanto o Silver Blood mantia os Wardens anciãos a seu alcance. O cômodo ecoou com violentos sons de sucção enquanto o vampiro predador bebia e alienava suas vítimas. Quando estivesse terminado o Silver Blood tomaria a aparência de sua vítima. A vampira que havia sido Dorothea Rockefeller já não a era mais. Substituída por um cadáver ambulante de olhos mortos.

Muitos dos Elders eram lentos e estavam fora de forma. Sem prática. Eles haviam esquecido como lutar.

Mimi tremeu enquanto pegava sua espada, atualmente do tamanho de uma agulha que ela guardou em sua bolsa de paetês. Era sua única chance de sair da casa viva. Mas ela estava em menos número. Ela não seria capaz de cortar o seu caminho até a liberdade. Não agora. Eram muitos deles para ela conseguir sozinha. Deus, eram tantos! Quem saberia que eles eram tantos? De onde eles

saíram? Ela teria que se esconder. Era sua única esperança para sobreviver. Ela avançou em seu caminho para fora da sala de jantar até o corredor, escolhendo seu caminho até a saída. Até agora ela não havia sido notada. Até que foi.

“Azrael.” A voz era fria e mortal.

Mimi se virou para ver Nun Cutler atrás dela, segurando uma espada em direção ao seu queixo. A Warden havia perdido a sua aparência anciã – ela parecia tão jovem quanto Mimi, e infinitamente forte. Seu cabelo branco era agora de um dourado flamejante, e o corvo um rio preto e brilhante.

“Você!” Mimi acusou. Mas os Cutlers eram um dos sete originais. Uma das mais velhas e respeitadas famílias. Nan Cutler era Harbonah. O Anjo da Aniquilação. Elas tinham lutado juntas lado a lado durante a primeira inquisição, quando Michael tinha mandado um exército celeste dizimar seus inimigos vampiros renegados. “Mas por que?” ela perguntou, virando-se rápido e desembainhando a espada, arrancando a espada de Nan.

Em resposta, Nan acertou a frente, cortando o ar onde Mimi havia estado. Seus olhos brilharam. “Você não precisa morrer,” ela disse, investindo para frente.

Mimi grunhiu, dando um rápido contra ataque.

“Você poderia se juntar a nós. Se juntar a seus irmãos e irmãs que ainda estão lutando a boa luta.”

A idiota realmente achava que eu me juntaria a ela? Depois de tudo que eu e Abbadon passamos para assegurar essa frágil paz que nós achamos na Terra? Mimi pensou.

“Você é uma de nós. Você não pertence a Luz. Não é a sua verdadeira natureza, Trazedora da morte.”

Mimi se recusou a responder e ao invés se focou em achar o ponto vulnerável de Nan. Elas batalharam através do cômodo, que estava começando a se encher com uma fumaça escura.

Ele estão queimando a casa, Mimi pensou, entrando em pânico. Queimando com fogo negro, o único tipo capaz de destruir o sangue azul... o sangue imortal e azul que corria em suas veias. Destruir o sangue, destruir o vampiro... memórias perdidas para sempre. A verdadeira morte para os como ela.

Nan cortou o braço de Mimi com sua espada, sua arma finalmente derramando o primeiro sangue.

Vadia!

Isso dói!

Mimi esqueceu de sentir medo, e saltou para frente com nenhuma preocupação com sua segurança.

Ela gritou um grito de guerra, um que veio a sua mente somente naquele instante. Um que o próprio Michael usou para reunir seu exército em batalha.

“Nexi Infideles!” ela gritou. *Morte aos sem fé! Morte aos traidores!* Ela era Arzael. Dourada e aterrorizante. Seu cabelo, face e espada se acenderam com uma luz ardente e incandescente.

E com um golpe poderoso ela cortou a falsa Warden em duas.

Então ela cambaleou para trás. Fumaça preta estava enchendo seus pulmões. Ela tinha que sair de lá. Ela achou seu caminho até a porta da frente e a abriu com um puxão – justamente quando um homem de cabelos negros estava entrando pelo outro lado. Em segundos ele colocou uma faca em sua garganta.

Seu coração a abandonou.

O homem segurando era Kingsley Martin.

O Silver Blood traidor.

Essa era sua perdição.

Capítulo 40

Lawrence insistiu em dirigir, e como eles foram pela gostosa estrada principal escura (?), Schuyler não pode deixar de notar as minúsculas luzes piscando contra a encosta e como elas eram bonitas.

“Yeah, mas elas provavelmente são da favela, o que significa que a infra-estrutura de eletricidade não foi montada corretamente. E é risco potencial de incêndio,” Oliver apontou.

Schuyler suspirou. A cidade era rica em justaposições: pobreza e riqueza, criminalidade e turismo em um mix, um inebriante mix. Era impossível admirar a beleza sem também perceber a feiúra.

Eles fizeram uma curva particularmente acentuada quando Lawrence de repente puxou o carro para o lado da rua e caiu para frente em seu banco.

“Vovô!” ela gritou, alarmada. Ela viu seus olhos começarem lançarem-se para frente e para trás, como se ele estivesse adormecendo, mas não dormindo. Ele estava recebendo um envio.

Quando terminou, seu rosto estava pálido. Por um momento, Schuyler pensou que ele fosse desmaiar.

“O que aconteceu? O que está errado?”

Seu avô abanou seu lança do bolso e pressionou em sua testa. “Foi Edmund Oelrich de transmitir. O Conclave inteiro. Massacrado. Aqueles que não foram queimados foram levados.”

“Estão todos mortos?” Schuyler engasgou. “Mas como? Por que...?” Ela agarrou o braço dele. “O que você quer dizer, eles estão todos mortos?”

No banco de trás ela virou para Oliver por ajuda. Mas ele ficou chocado em silêncio, seu rosto era uma máscara de confusão desamparada.

“Os Almeidas eram Silver Bloods,” Lawrence disse, gaguejando de maneira não característica. “Eles mostraram suas mãos hoje à noite. Eu suspeitava, motivo pelo qual eu fiquei no Rio mais tempo do que pretendia, mas Alfonso tinha passado no teste. Ele não tinha a marca. Eu estava enganado.” Lawrence estava tremendo.

“Mas eles tiveram ajuda. Edmund disse que Nan Cutler foi uma delas.”

Schuyler mordeu o lábio.

“Nan Cutler!” Lawrence soou esmagadoramente ferida. “Durante a crise em Roma, ela tinha sido essencial na derrota dos Silver Bloods. Eu estava cego por seus anos de lealdade ao Conclave. Isso é minha culpa, eu estava confiante demais e confiei quando devia ter sido cauteloso e desconfiado.” Lawrence abruptamente deu a volta com o carro, fazendo com que o carro que estava na direção oposta tivesse que desviar descontroladamente para sair de seu caminho.

“Kingsley estava certo - eu botei muita fé nas afinidades de idade,” ele disse enquanto afundava o pedal e o carro disparava para frente.

“Para onde estamos indo?”

“Para o Corcovado.”

“Agora? Por quê?”

Lawrence segurou o volante com força. “O ataque ao Conclave só pode significar uma coisa: os Silver Bloods estão planejando libertar Leviatã.”

Eles estacionaram na base de entrada para o Cristo Redentor e correram para fora do carro. O estacionamento estava vazio e quieto, e eles podiam ver a estatua iluminada por holofotes de baixo.

“Escondam-se,” Lawrence ordenou à Schuyler. “E você, fique aqui,” ele disse a Oliver. Oliver começou a protestar, mas uma olhada à Lawrence silenciou-o.

“Não posso,” Schuyler confessou à seu avô. “Não posso executar o mutatio.”

Lawrence já estava na forma de um homem jovem com um nariz aquilino e atitude imperial que ela tinha visto primeiro na Bienal de Veneza. “Claro que pode,” ele disse, escalando o muro facilmente.

“Vovô, eu não posso. Não posso me transformar em névoa ou um animal,” ela disse, seguindo sua liderança.

“Quem disse que não pode?” ele perguntou enquanto voavam pela série de escadarias em ziguezague para a estátua.

Seus passos mal fizeram barulho no concreto enquanto corriam.

“O que quer dizer?”

“Provavelmente você é como eu. Eu não posso me transformar em uma nuvem ou um animal também. Mas posso mudar minhas características, como assim, e assumir uma diferente - mas humana - disfarçada. Tente isso.”

Schuyler tentou. Ela fechou os olhos e se concentrou em mudar suas feições, em vez de sua forma inteira. Em poucos segundos, ela descobriu que tinha efetivamente se transformado em um dos ricos, bombados patronas argentinos que estavam de férias no país.

Eles chegaram ao topo da montanha e ficaram embaixo da estátua. Ninguém estava lá. Estava calmo e sereno.

Não pela primeira vez naquela tarde, Schuyler se perguntou se seu avô perdendo isso. Eles não estavam no lugar errado? Por que ele os trouxe aqui? Para aquilo?

“Talvez estejamos muito atrasados. Ou eles não estão vindo. Nós deveríamos ir para os Almeidas e ver se...”

“SILÊNCIO!” Lawrence mandou.

Ela se calou.

Eles andaram o perímetro da base da estátua. Eles estavam sozinhos. Schuyler

começou a entrar em pânico. Por que eles estavam ali quando sua gente estava sendo morta em algum lugar? Eles deviam voltar; aquilo era um grande erro. Ela andou pelo lado nordeste, convencida de que Lawrence suposto incorretamente. Não tinha nada...

“Schuyler! CUIDADO!” Oliver gritou. Ele tinha se arrastado até a montanha atrás deles, não querendo ser deixado para trás.

Schuyler olhou para cima. Tinha um homem com um terno branco de pé diretamente na frente dela, com uma espada de ouro apontada diretamente para seu peito.

Ela se abaixou e bateu no chão duro, assim como Lawrence removeu a própria lâmina de uma oculta bainha em sua jaqueta.

As duas espadas se chocaram, uma ouro e fogo, a outra gelo e prata, os metais tocaram um no outro, ecoando um som que levou o vale abaixo.

Capítulo 41

"Traidor", disse Mimi entre dentes.

"Baixa tua arma, Azrael", disse Kingsley tranquilamente, ainda sustentando a sua.

"Não serei uma presa fácil como os outros", cuspiu.

"Do que está falando?", exigiu. "Ví a fumaça negra desde a rua. Meu Deus, o que aconteceu aqui?"

"Você fez isto. Não banque o inocente. Todos sabemos o quem você é realmente, Croatan", cuspiu Mimi, lhe dando um olhar de puro nojo.

"Me dou conta que é difícil para você acreditar, mas só consegui escapar de um feio feitiço de imobilidade", disse amargamente. "Vim para pegar o Alfonso para o nosso usual jogo de golf, e a seguinte coisa que sabia era que estava preso na parte de trás do meu próprio carro. Assim que me liberei vim aqui advertir aos outros".

Mimi bufou. Uma magnífica história que Kingsley lhe contava. Bancando a vítima outra vez. Sim, com certeza, ele tinha sido retido. Quando seria tão fácil para ele deixar a casa pela parte de trás e entrar pela porta principal.

Mas o que ganharia a deixando com vida? Por que não a matava? Cortar sua garganta e terminar com isso?.

"Onde está Lawrence?", Kingsley tossiu enquanto várias explosões moviam no chão abaixo deles. "Tentei lhe enviar uma mensagem, mas não pude encontra-lo no encantamento".

"Não está aqui", disse Mimi, notando que Kingsley havia baixado sua espada. Ela poderia matá-lo agora enquanto estava com a guarda baixa. Mas o que aconteceria se dizia a verdade? Ou ele estava atuando apenas como outra parte da armadilha?.

Antes que ela pudesse tomar uma decisão, houve um acidente, e Forsyth Llewellyn apareceu. Ele levava o corpo sem forças de sua esposa. Suas roupas estavam chamuscadas, e luzia um profundo talho no seu rosto. Então também sobreviveu. Mimi se sentiu um pouco melhor. Quem sabe haveria mais sobreviventes. Mas onde estavam os Sangue Prateado? Depois que ela havia derrubado Nan Cutler, o resto deles pareceu sumir na fumaça.

"Os outros estão mortos", Mimi disse para Forsyth. "Você e eu somos os únicos que ficam. Vi cair Edmund, Dashiell, Cushing... a todos. O Regente".

"Nan está morta?", perguntou Forsyth Llewellyn, aterrorizado.

"Ela era um deles", lhe disse Mimi, seus olhos lacrimejavam pela fumaça. "Eu a matei".

"Você...".

"Vamos, temos que sair daqui", disse Kingsley, repentinamente os levando fora da

entrada, a qual caiu em chamas no chão.

Se Kingsley a quisesse morta, seguramente ele não atuaria desse modo.

"Obrigada", ela disse, colocando sua espada- novamente no tamanho de uma agulha- em sua bolsa, a qual milagrosamente continuava sustentando.

Kingsley não respondeu, seu rosto estava endurecido enquanto olhava sobre o seu ombro. Enquanto isso, Forsyth Llewellyn se via completamente perdido, sentado no meio da rua com a cabeça em suas mãos.

Mimi se voltou onde Kingsley estava olhando. A magnífica vila do século dezoito agora era uma gigante bola de fogo negro. Era um crematório. Os Sangue Prata haviam voltado. E golpearam o coração do Aquelarre.

A Segunda Grande Guerra havia começado.

Capítulo 42

De longe, Schuyler escutou o som de grunhidos e gritos, o barulho de metal contra metal.

Acorde

Acorde, criança

Havia uma voz dentro da sua cabeça. Uma mandando.

Uma voz que ela já tinha escutado antes.

Ela abriu os olhos. Sua mãe estava em pé diante dela. Allegra Van Alen estava coberta de ornamentos brancos, e segurava uma espada de ouro nas mãos. *Para mim?*

O que antes era meu, é seu por direito

Atordoadas, Schuyler pegou a espada. Quando ela fez, a imagem da sua mãe desapareceu. *Allegra... volte...* Schuyler pensou, repentinamente com medo. Mas um grito desesperado de Oliver a trouxe de volta ao presente.

Ela olhou para cima e viu Lawrence apertado em uma luta feroz com seu adversário. Sua espada caiu no chão. Acima dele apareceu à branca, brilhante presença. Era tão brilhante que foi ofuscante, como olhar para o sol. Era o portador da luz. A estrela da manhã.

Seu sangue gelou.

“Schuyler!” A voz de Oliver era rouca. “Mate ele!”

Schuyler levantou a espada da sua mãe, viu ela cintilando no luar, uma lança longa, pálida, mortal. Levantada na direção do inimigo. Correu com toda sua força e empurrou sua arma em direção a seu coração.

E perdeu.

Mas ela tinha dado a Lawrence tempo para recuperar sua arma, e foi sua lâmina que encontrou a marca, cortando entre o peito do inimigo e derramando sangue por toda parte.

Eles haviam vencido.

Schuyler afundou no chão em alívio.

Mas então, veio uma grande fenda no céu, o som dos céus se dividindo, o ronco ensurdecedor de um trovão. Em seguida, a estátua foi quebrada em duas. Suas várias bases rompidas. Havia um ruído profundo, e o chão embaixo deles começou a tremer se dividindo em dois.

“O que está acontecendo?” Schuyler gritou.

Uma chama escura explodiu do chão, e um poderoso demônio de olhos vermelhos e pupilas prata saltou para o céu. Riu em um profundo e estrondoso riso, e com sua lança flamejante, prendeu Lawrence ao chão, onde ele repousou.

Capítulo 43

O demônio desapareceu, a névoa levantou, e Schuyler cambaleou para onde seu avô tinha caído. Para onde ele repousava tão quieto, seus olhos bem abertos.

“Avô...” Schuyler chorou. “Oliver, faça alguma coisa!” Ela disse enquanto tentava estancar o fluxo de sangue safira escuro que derramava da ferida aberta, o escancarado, buraco amassado no meio do peito de Lawrence.

“É muito tarde,” Oliver sussurrou, ajoelhado ao lado de Lawrence.

“O que você quer dizer? Não...vamos pegar um frasco...para o próximo ciclo. Leva-lo a clínica.”

“A lança de Leviatã está envenenada. Irá corroer o sangue. Tem o sangue negro nela. Ele se foi.” Seu bonito rosto estava puxado com tristeza.

“Não!” Schuyler gritou, lágrimas escorrendo em sua face.

Houve um gemido do outro lado da montanha, e eles se viraram para encontrar um homem de terno branco começando a mudar de forma. Suas feições se suavizaram, desbotaram, e o homem de ouro desapareceu para revelar um garoto comum com uma jaqueta de couro preta.

“Este não é um Silver Blood.” Oliver disse.

“Ele deve ter sido possuído,” Schuyler disse, sua voz se quebrando um pouco enquanto Oliver caminhou para gentilmente fechar os olhos de Dylan. Schuyler percebeu que havia lágrimas nos olhos de Oliver, assim como nos seus.

“Sim.” Ele balançou a cabeça.

“Um velho truque Silver Blood,” Oliver assentiu. “Disfarçado como o próprio Lúcifer, então Lawrence mataria sua própria espécie. Inocente.”

Schuyler concordou. “Eu percebi isso, Oliver – Lawrence também teria. Havia algo de errado. A luz era ofuscante, você não podia nem olhar para ele diretamente. Era uma distração, então não seríamos capazes de ver o que estava na nossa frente. A imagem de Lúcifer era tão poderosa, que nos confundiu. Eu deveria ter usado o *animaverto*.”

“Esse foi um plano bem executado, Leviatã foi liberado pela morte de Dylan. O laço da prisão só pode ser quebrado quando um Blue Blood comete o maior crime de todos – assassinato da sua própria espécie. Está nos livros.” Oliver disse. “Avô,” Schuyler disse suavemente, pegando a mãe de Lawrence com a dela. Eles tinham passado pouco tempo juntos, havia tanto que ela ainda tinha para aprender. Tanto que ele tinha para ensiná-la.

Então, pela ultima vez, ela ouviu a voz de Lawrence dentro da sua cabeça.

Ouça.

Eu não era digno dessa tarefa. Não aprendi nada ao longo dos séculos. Eu não encontrei o príncipe das trevas. Não sou protetor. Você deve perguntar ao

Charles...você deve perguntar a ele sobre os portões...sobre o legado Van Alen e os caminhos dos mortos. Tem que haver uma razão do porque os Silver Bloods conseguirem quebrar tão facilmente as divisões entre os mundos.

“Que portões? Que caminhos?”

Você é a filha de Allegra. Sua irmã será nossa morte. Mas você é a nossa salvação. Você deve pegar a espada da sua mãe e mata-lo. Eu sei que irá vencer.
Em seguida, Lawrence não falou mais.

Capítulo 44

Sangue escuro. Havia sangue por todas as partes. Sobre seu rosto. Em seus olhos. Em suas mãos, em sua roupa. Logo lentamente começou a desaparecer, a tintura metálica se voltou branca e invisível enquanto o ar frio da noite batia no liquido. Sangue de vampiro...

Bliss olhou seus braços.

O que aconteceu?

Ela não podia recordar. Havia perdido a consciência.

Ou não?.

As recordações começaram a inundá-la.

Se viu entrar no carro com seus pais, os viu assentir para ela. Estavam esperando que os acompanhasse. Que estranho. Era como estar em um filme. Podia ver fora de seus olhos, mas não podia mover seus braços ou pernas inclusive falar.

Alguém mais estava fazendo isso por ela.

Alguém mais estava dentro do seu corpo.

O homem de traje branco.

Sim.

Sou tu. Tu és eu. Somos um, filha minha.

Chegaram a mansão de cima e Bliss recordou se esconder nas sombras até que chegara o momento. Ela havia observado os assassinatos desenvolvidos com um esmagador sentido de horror. O massacre havia imposto com suas próprias mãos. Havia estado presa no seu próprio corpo, uma figura indefesa, presa dentro de sua cabeça enquanto o outro se apoderava dela. Dentro ela havia explorado, chorado e gritado. Mas estava sem poder, sem nenhuma habilidade para se deter. Lentamente começou a recordar o que aconteceu durante suas perdas de consciência.

Começou a se dar conta da verdade.

Foi ela que atacou Dylan essa noite no Banco. Ela quis drená-lo, mas algo – uma atração para ele – a deteve, assim que no lugar tomou Aggie. Ela havia tentado tomar Schuyler duas vezes. Isso era o porque o cão de caça de Schuyler lhe ladrava – Beauty sabia sua verdadeira natureza inclusive se Schuyler não o sabia. Logo atacou a Cordelia, quase a tomou, se Dylan não a tivesse detido.

Dylan havia sido um problema. Ele sabia, mas não sabia. Esse era porque suas recordações estavam tão danificadas todo o tempo. Ele sabia a verdade apesar dela tentar apagar de sua consciência.

Essa primeira vez que ele havia voltado para adiverti-la do Sangue Prateado resultou nessa sangrenta cena no banheiro. Ela recordou sua jaqueta de couro cheia de sangue, os arranhões em seu rosto e os hematomas em seu pescoço.

Mas ele havia escapado, e ela havia enviado a outros para que o encontrassem. Mas os Venators vieram para ele primeiro. Oliver estava equivocado. Eles não eram Sangue Prateado. Eles haviam deixado Dylan ir quando descobriram que ele era inocente.

Ele era livre para voltar para ela.

O garoto estúpido.

“Sei quem é o Sangue Prateado”, disse Dylan na noite que se deslizou pela janela. “É você”.

E junto aí, ela mudou suas lembranças. O fez acreditar que era Schuyler.

Uma pequena e triste voz dentro começou a chorar.

O amava. Amava Dylan.

Não amamos ninguém.

A ninguém mais que a nós mesmos.

Forsyth sabia todo este tempo. Esse é o porque ela jamais podia lhe perguntar sobre Dylan, porque em alguma parte de sua consciência ela sabia a razão pela qual seu pai estava escondendo coisas. Porque parte dela não podia aceitar o que realmente era.

Ela observou enquanto deixava a casa em chamas, pegando um carro que tinha um corpo dentro. Dylan. Ela o havia levado acima da montanha, onde Lawrence e Schuyler esperavam. O levou para o Corcovado, onde ele faria o sacrifício. Ali, ela mudou sua imagem pela dele.

Ela o levou a morte.

Foi a espada de Lawrence a que o matou, mas foi ela quem o havia matado.

Como ela havia matado a tantos outros. Escutou vozes de todos os que havia tomado. Todos estavam ali, dentro de sua cabeça, gritando, chorando.

SILENCIO! Nan Cutler era parte disso, se deu conta. Nan era a Guardiã que havia revisado a Marca de Lúcifer no seu pescoço. Ela havia sido a que havia despejado as suspeitas de Bliss durante a investigação. De repente Bliss teve uma idéia, e levantou seu cabelo de seu pescoço e tocou sua pele com os dedos. O sentiu de primeira. Se voltou ao espelho e o viu. Uma pequena cicatriz em forma de estrela que a marcava como a propriedade do diabo.

Mas por que? A pequena e triste voz perguntou.

Ainda está aí a que chamam “Bliss”?

Sim, disse a pequena voz. Era a voz de Bliss Llewellyn. A mesma voz de Maggie Stanford antes dela. Sempre foi da mesma forma. Em cada ciclo. Jamais quiseram aceitar a verdade sobre seu patrimônio.

Não sabia.

Não quero isto.

Teus desejos são imateriais. Agora te levanta e caminha para teus amigos. Nem tudo funcionou como o plano. Alguns de nós foram assassinados. Devemos esperar o momento oportuno novamente.

Sei que és, disse “Bliss”.

Sós Lúcifer.

Lightbringer.

Estrela da manhã.

O antigo Príncipe do Céu.

Seu verdadeiro e imortal pai.

Capítulo 45

Lawrence estava morto. Schuyler sentiu como se seu coração se destroçava pela perda de seu querido avô. Como deixou que acontecesse isso? De quem ele havia estado falando? Sua irmã? Quem? O quê?

Os primeiros raios do amanhecer acenderam acima da montanha. Uma figura se aproximava.

“Alguém se aproxima”, advertiu Oliver.

“É só Bliss”, disse Schuyler enquanto sua amiga se aproximava deles. “Graças a Deus está bem”.

“Minha irmã está morta. Minha madrasta também. Não sei onde está meu pai” disse Bliss em uma voz plana e afogada. “Havia fumaça negra. O Conclave... eles estão... o que aconteceu aqui?”, perguntou, vendo os corpos de Lawrence e Dylan no solo.

“É? Oh meu Deus!”

Shuyler agarrou Bliss pela cintura e a deixou soluçar no seu ombro. “Eu lamento tanto”.

Bliss correu do abraço de Shuyler e ajoelhou ao lado do corpo do garoto que amava. O embalou em seus braços e suas lágrimas caíram pelas bochechas dele.

“Dylan... Não”, sussurrou. “Não”.

“Não há nada que se pode fazer... foi um erro”, disse Schuyler, tentando lhe explicar.

“Lawrence...”

Mas Bliss não estava escutando. Limpou suas lágrimas com a manga. “Eu vou baixá-lo” ela disse, pondo seus braços ao redor dele. Levantando-o. ele era tão leve, era quase frágil. Era como suspender o ar. Não ficava nada dele. Fez seu caminho sozinha descendo a montanha, soluçando.

Shuyler os observou com lágrimas caindo de seus próprios olhos. Ela não havia sido capaz de salvar Dylan. Havia perdido a dois de seus amigos hoje.

“Tudo estará bem, já o verás”, disse Oliver, ajoelhado para cobrir a ferida em seu braço com um torniquete feito com sua camisa.

Shuyler o olhou. Viu a tristeza, o olhar desenhado no seu rosto bonito, seus escuros cabelos caramelo caia sobre sua ferida na frente. Amável, gentil, maravilhoso Oliver. A enormidade de sua decepção a matava. Ela os havia enganado em suas palavras e ações. Porque ela o amava. Sempre o havia amado. Amava a Oliver e a Jack.

Ambos eram parte dela. Ela havia negado seu amor por Oliver para se permitir amar a Jack. Mas agora estava tudo tão claro.

“Te amo”, ela disse.

“Eu sei”. Oliver sorriu e continuou vendendo o braço;

EPÍLOGO

Duas semanas mais tarde.

Assim que isto era seu sórdido e pequeno ninho de amor. Mimi entrou no escuro apartamento. Ela encontrou uma chave que jamais havia visto antes no quarto de Jack. Ela suspeitou de onde pertencia e sabia que não demoraria muito em chegar.

A porta se abriu lentamente e Jack entrou.

O olhar no rosto de seu irmão lhe disse tudo o que ela necessitava saber. Mimi sorriu para si mesma. Assim que a pequena mestiça finalmente se retirou.

“Ganhaste”, disse Jack suavemente. Ele olhava para Mimi com um ódio abrasador que quase ela se encolhe com suas palavras. Mas ela não era franzina. Ela era Azrael e Azrael não se encolhia, nem sequer com Abbadon.

“Não ganhei nada”, respondeu Mimi friamente. “Por favor lembre-se que quase todos os membros do Conselho estão mortos, que o Príncipe Escuro esta ascendendo e o que fica do Conclave ser guiado por um homem destruído que costumava ser o mais forte para todos nós. E agora o que mais te parece importar, querido, é que não brincarás mais com teu pequeno e adorado brinquedo”.

Em lugar de lhe contestar, Jack voou pela habitação e lhe deu uma forte bofetada no rosto, a enviando ao chão. Mas antes dele dar outro golpe, Mimi saltou e o golpeou contra a janela, deixando-o completamente sem respiração.

“É isso o que queres?”, disse entre dentes enquanto o levantava pela gola da camisa, seu rosto se voltava com um espantoso tom de vermelho.

“Não me faça te destruir”, disse sarcasticamente.

“Só o tenta, doçura”.

Jack se soltou de seu agarre e a lançou, jogando-a até o final do quarto. Ela se levantou com suas mãos apertadas, suas unhas afiadas como garras e com as presas expostas. Se encontraram na metade do caminho no ar e Jack pôs uma Mao na sua garganta e começou a apertá-la. Mas ela arranhou seu olhos e soltou seu corpo assim ela rodou por cima dele, sua espada em sua garganta, com a mão superior.

TE RENDE. Enviou Mimi.

JAMAIS.

Você é meu.

Estas enganada.

Mimi o lançou pela sala. Ambos estavam com hematomas e ensangüentados. A

blusa de Mimi estava rasgada pela metade e a camisa de Jack estava desgarrada no pescoço.

Jack atacou novamente – esta vez jogando Mimi ao chão. Sua respiração era quente em seu ouvido. Ela podia sentir seu corpo tenso, rígido e pulsando sobre ela, quase podia ver sua áurea vermelha de raiva.

“Tu queres isto”, disse ela com astúcia. “Tu me queres.”

“Não”.

“Sim”.

Ele retorceu seus braços detrás de suas costas, cravou seus joelhos contra seu quadril, então apertou seu agarre em seus punhos que lhe chegaram a sair hematomas. Por semanas, a forma de seus dedos estaria marcada em sua pele. Por um momento ela estava realmente aterrada. Este era Abbadon o Cruel. O Anjo da Destruição. Ele pode e poderia destruí-la se tivesse que fazê-lo. Se o quisesse. Ele havia destruído mundos antes. Ele havia dizimado o Paraíso em nome da Estrela da Manhã.

Ela tremia com seu agarre.

Toda sua suavidade, toda sua amabilidade, toda a brilhante preciosidade de seu amor, ele sempre havia dado a alguém mais. Ele havia adorado Gabrielle, a havia venerado, lhe havia escrito poemas e cantado canções e para Schuyler havia contos e notas de amor e doces beijos e furtivas propostas de encontros junto a lareira.

Mas por sua alma gêmea, Azrael, não havia mostrado nada mais que sua fúria e violência. Sua força e destruição.

Ele guardava o melhor dele para aqueles que não o mereciam. Jamais mostrou seu verdadeiro rosto para aquelas detestáveis Filhas da Luz.

Para Azrael, só havia escuridão e aniquilação.

Violação e matança.

Guerra e saque.

Uma lágrima escapou de seu olho e brilhou na luz da lua.

Mas só enquanto Mimi pensava que ele a destruiria para sempre, Jack começou a beijá-la com tal força que seus lábios e pescoço estariam doloridos e inchados por suas mordidas. Em resposta, ela o puxou para seu lado, tão forte como pôde, pela raiz de seu cabelo.

Amor. Esta tão perto do ódio, é quase indistinguível.

Mas isto é como era para os dois.

Amor e ódio.

Vida e morte.

Alegria e angústia.

Finalmente ele continuava tendido contra ela, inclinado em um sono profundo

sem sonhos. Ela tirou seus cabelos do seu rosto e disse seu nome suavemente.
Abbadon o Insólito. Nomeado assim por sua melancólica natureza que
mascarava uma fria e intensa fúria.
O Destruidos de Mundos e o imperador de seu coração.
Um dia ele lhe agradecerá por lhe salvar a vida.

FIM.

Créditos

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>]

Tradutora: Ellen

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=13794627633389558575>]

Tradutora: Samanatha

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8330162855961707203>]

Tradutora: Tamires

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=15876055943841653026>]

Tradutora: Carol

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8767032667957141107>]

Tradutora: Bih

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2800361909866844646>]

Tradutora: Juh

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=14757223231165102766>]

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>